

Hugo França de Souza

**A SUPERAÇÃO DO NILISMO PARA A AFIRMAÇÃO DA VIDA
EM NIETZSCHE**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

Hugo França de Souza

**A SUPERAÇÃO DO NILISMO PARA A AFIRMAÇÃO DA VIDA
EM NIETZSCHE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta
de Filosofia e Teologia, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Religião

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

S729s Souza, Hugo França de
A superação do niilismo para a afirmação da vida em Nietzsche / Hugo França de Souza. - Belo Horizonte, 2024.
134 p.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felicio Feiler.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.

1. Nietzsche. 2. Niilismo. 3. Superação. 4. Cristianismo.
5. Vida. I. Feiler, Adilson Felicio. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDU 185.22

Elaborada por Vanda Lúcia Abreu Bettio – Bibliotecária – CRB-6/1685

Dissertação de **Hugo França de Souza** defendida e aprovada, com a nota 9,5
(NOVE E MEIO) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores:



Prof. Dr. Adilson Felício Feiler / (Orientador)



Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin / FAJE



Prof. Dr. Clademir Luis Araldi / UFPEL

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 09 de outubro de 2024.

Dedicatória

Assim a faço passo a passo ...

Dedico à minha força de vontade.

Ao sonho de novos horizontes em busca de crescimento.

Às noites silenciosas em que amadureciam minhas reflexões.

À ânsia de superar a própria escuridão.

À renovação das forças após cada batalha travada.

Às tardes de domingo mergulhado nos livros.

Às tempestades de pensamentos diante da elaboração de um novo capítulo.

Aos momentos de cansaço que exigiam pequenas pausas.

Às dúvidas, amigas de todos os que anseiam pela busca do conhecimento.

Aos nãos e sins que me lançavam em movimento de superação.

À destruição de certas convicções.

Por tantas vezes que tive que deletar um pensamento para construir outro mais sólido.

Às vezes que não me entreguei à passividade.

À coragem de não desistir.

Finalmente, dedico àqueles que dispensaram tempo e cuidado, contribuindo de forma expressiva, para minha caminhada rumo à superação.

Agradecimentos

O resultado de uma produção acadêmica tem suas exigências, e não são poucas. Ressalto dentre elas, a experiência da solidão, o valioso silêncio e a abertura para os novos conhecimentos que, na maioria das vezes, destroem sólidas convicções. A solidão é entendida aqui não como um processo de extremo isolamento, mas como uma solidão povoada. Então, relevo a importância de tantas pessoas que ao longo da construção dessa dissertação deram suas contribuições.

A solidão, mesmo que povoada, é necessariamente acompanhada pelo silêncio, que chega a ser fundamental, dando o direito e protegendo para que as ideias sejam estruturadas, amadurecidas e colocadas na cronologia correta, dando à pesquisa uma estrutura de sustentabilidade. A vivência do silêncio proporciona um frutuoso momento de diálogo interior; lapida-se o pensamento, e, aos poucos o trabalho se torna sólido.

A produção de uma dissertação, ainda, exige abertura para novos conhecimentos, pois quando se inicia um projeto de pesquisa, por mais que se tenha um certo mapa do percurso, é essencial reconhecer a necessidade de destruir a marteladas muitas convicções já solidificadas. A produção acadêmica exige desapagar-se das convicções, e em muitos momentos, não apenas desapegar-se, mas abandoná-las em busca de um resultado esperado.

Para tanto, quero agradecer em especial à minha família, de modo mais singular, ao meu pai e à minha mãe, que na simplicidade de suas vidas me ensinaram o valor da luta pelos sonhos, com coragem para superar as barreiras, pois, quando vencidas, nos tornamos mais fortalecidos para enfrentar outras batalhas. Mesmo não tendo a oportunidade de estudar, sempre batalharam para que os filhos não faltassem um dia de aula. Enfrentaram muitas lutas para permitir aos filhos oportunidades de chegar à conclusão do ensino médio. Hoje, vejo que pai e mãe, mesmo não tendo como estudar a filosofia nietzschiana, foram sempre nietzschianos na constante vontade de vencer e na busca de superação. Tiveram sempre vontade de potência que nascia nos momentos mais difíceis. Sou grato pela força de superação para a afirmação da vida familiar.

Agradeço ao prof. Dr. Marco Heleno que iniciou a orientação da presente pesquisa. Ao prof. Dr. Adilson Felício Feiler que assumiu a orientação deste trabalho de dissertação, destacando, sobretudo, a importância de manter o foco com coragem, persistência e não se deixando acomodar, e sim, superar-se. Ao prof. Dr. Maurício Sandro de Lima Mota pelo incentivo e partilhas durante o período de minha formação aqui em

Belo Horizonte. À banca examinadora, prof. Dr. Clademir Luis Araldi (UFPEL) e prof. Dr. Carlos Roberto Drawin (FAJE), exímios avaliadores e contribuintes dessa minha pesquisa.

Agradeço ainda, à Agnes e à Vera, pelos vários momentos de conversa sobre a presente pesquisa, troca de ideias, na contribuição do trabalho, e sobretudo na árdua tarefa de correção gramatical, algo fundamental em uma produção acadêmica. Agradeço ao Pe. Amauri, sobretudo por dividir comigo o trabalho que nos foi confiado. Ao padre Josivam, pelo incentivo, força e motivação ao longo das barreiras que foram aparecendo. Quero ainda, agradecer aos colegas de turma do mestrado, assim como, aos professores desta instituição com quem tive contato ao longo do período de estudo.

Agradeço àqueles que, durante esse tempo, passaram a fazer parte da minha existência e juntos enfrentamos desafios e partilhamos momentos felizes e de dores inerentes à vida. Agradeço aos amigos de perto e de longe que sempre se alegraram e festejaram minhas conquistas, por me estenderem as mãos nos momentos difíceis, por me ajudarem a levantar e seguir em frente. A cada barreira superada nos tornamos mais fortes para enfrentar outras batalhas.

Finalmente, para contemplar a beleza presente no topo da montanha, é necessário primeiro superar o medo e iniciar a caminhada até o ponto que em nos permita contemplar a beleza sonhada.

Epígrafe

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento,
de duração, de acumulação de forças,
de poder: onde falta a vontade de poder, há declínio.

Meu argumento é que a todos os
supremos valores da humanidade falta essa vontade – que valores de declínio,
valores niilistas preponderam sob os nomes mais sagrados¹.

¹ AC/AC, 6, TCGM, 6. 171.

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo apresentar o processo de superação do niilismo para afirmação da vida. Aos olhos do filósofo Nietzsche, o niilismo é fato dominante na cultura ocidental, cuja origem remonta ao período de dominação do pensamento racional socrático que configura o início da modernidade. Assim, a partir dos escritos de Nietzsche no período da maturidade, busca-se entender a superação do niilismo, para então, afirmar a vida. A metodologia adotada é de cunho bibliográfico, utilizando-se de obras do filósofo, além das contribuições expressivas de estudiosos do assunto. Constata-se, por meio do domínio da moral religiosa, especificamente do Cristianismo, severa imposição de normas ao indivíduo, reduzindo-o ao estado de decadência, presa fácil de um rebanho, impedindo a ascensão da vida. Na busca por recuperação do estatuto do indivíduo por sua liberdade, Nietzsche ressalta a importância de se sobrepor à moral tradicional cristã, usando de força e coragem intrínsecas ao indivíduo, para reconhecer nos fatos existenciais cotidianos, o caminho de renovação, com desejo de superação para a afirmação da vida. Apesar de o niilismo ser um fato reconhecido por Nietzsche, o sentido de abraçá-lo não corresponde à sua submissão, mas à realização de um percurso de superação.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Niilismo. Superação. Cristianismo. Vida.

ABSTRACT: The present study aims to present the overcoming process of nihilism to affirm life. In the view of the philosopher Nietzsche, nihilism is a dominant fact in Western culture, whose origins date back to the period of domination of Socratic rational thought that shaped the beginning of modernity. Thus, based on Nietzsche's writings in the period of maturity, seek to understand overcome nihilism, in order to then affirm life. The methodology adopted is of a bibliographic nature, using the philosopher's works, in addition to the significant contributions of researchers on the subject. Through the religious moral's dominance, specifically Christianity, there is a severe imposition of norms on the individual, reducing them to a decadence state, easy prey for a herd, preventing the ascension of life. In the search for recovery of the individual's status through his freedom, Nietzsche highlights the importance of overriding traditional Christian morality, using strength and courage intrinsic to the individual, to recognize in everyday existential facts, the path of renewal, with the desire to overcome life's affirmation. Although nihilism is a fact recognized by Nietzsche, the meaning of embracing it does not correspond to submission, but to the completion of a journey of overcoming.

KEYWORDS: Nietzsche. Nihilism. Resilience. Christianity. Life.

“Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu”.

GM/GM, II, 16, TCGM, 6. 283.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

As obras de Nietzsche utilizadas do desenvolvimento² da pesquisa serão citas pelas suas iniciais como segue:

| | |
|---------------------------|---------------------------|
| <i>AC/AC</i> | O Anticristo; |
| <i>EH/EH</i> | Ecce Homo |
| <i>FW/GC</i> | A Gaia Ciência; |
| <i>GD/CI</i> | Crepúsculo dos Ídolos |
| <i>GM/GM</i> | Genealogia da Moral; |
| <i>GT/NT</i> | O Nascimento da Tragédia; |
| <i>JGB/BM</i> | Para Além de Bem e Mal; |
| <i>M/A</i> | Aurora |
| <i>MA I/HH I</i> | Humano, Demasiado Humano; |
| <i>MA II/HH II</i> | Humano, Demasiado Humano; |
| <i>NF/FP</i> | Fragments Póstumos; |
| <i>WA/CW</i> | O Caso Wagner; |
| <i>Za/ZA</i> | Assim Falou Zaratustra |

² As traduções das obras acima são aquelas indicadas na bibliografia, exceto os Fragmentos Póstumos, que são aqui citados a partir da tradução italiana, da edição crítica estabelecida por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, também encontra-se indicadas na biografia. Após as iniciais indicando a obra, seguem-se as indicações do número do capítulo quando tiver, depois o número do aforismo. Na sequência, a indicação do texto crítico em italiano – TCGM com o volume e o número da página.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1 | O MUNDO EM SUA CIRCUNSCRIÇÃO NILISTA..... | 14 |
| 1.1 | A gênese do niilismo..... | 15 |
| 1.2 | As formas de manifestações do niilismo..... | 19 |
| 1.2.1 | O niilismo incompleto e o declínio da crença em Deus..... | 20 |
| 1.2.2 | O niilismo completo e a radical negação dos valores..... | 28 |
| 1.2.2.1 | A falta de vitalidade do niilismo passivo..... | 32 |
| 1.2.2.2 | O encorajamento do niilismo ativo como superação da passividade.. | 38 |
| 1.2.3 | Do extremo do niilismo desponta a vontade de superação..... | 43 |
| 2 | O CRISTIANISMO COMO RADICALIZAÇÃO DO NILISMO.. | 52 |
| 2.1 | A moral tradicional como impossibilidade de superação..... | 52 |
| 2.1.1 | O ressentimento decorrente da moral tradicional..... | 56 |
| 2.1.2 | O sentido senhorial e escravo da moral..... | 60 |
| 2.1.3 | O rebanho como consequência da moral escrava..... | 63 |
| 2.2 | A religião como contribuição da radicalização do niilismo..... | 65 |
| 2.2.1 | Uma religião sem rancor..... | 67 |
| 2.2.2 | O Cristianismo e seu senso de crueldade..... | 69 |
| 2.2.2.1 | Má consciência e desnaturalização do indivíduo..... | 73 |
| 2.2.2.2 | O ideal ascético e sua dinâmica martirial..... | 76 |
| 2.2.2.3 | A decadência e a não ascensão à vida..... | 79 |
| 2.3 | A morte de Deus como radicalização do niilismo..... | 82 |
| 3 | A VIDA COMO FORÇA DE SUPERAÇÃO DO NILISMO..... | 89 |
| 3.1 | A vontade de potência como vontade de superação..... | 90 |
| 3.2 | O eterno retorno do mesmo como forma da afirmação..... | 96 |
| 3.3 | O homem nietzschiano busca a superação..... | 102 |
| 3.4 | A superação dos valores como via afirmativa..... | 107 |
| 3.5 | A tragédia grega contra a modernidade..... | 113 |
| 3.6 | O <i>amor fati</i> e o senso de superação..... | 118 |
| | CONCLUSÃO..... | 125 |
| | REFERÊNCIAS..... | 129 |

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, estudiosos da teologia, psicologia, literatura e história, dentre outras áreas de conhecimento, têm voltado a atenção para os escritos do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900), reconhecendo em suas reflexões algo precioso para contribuir com o mundo atual. O filósofo de Zarathustra destaca-se, sobretudo, pela forma aforismática de escrever, assim como pelas fortes críticas à moral e à religião, não concordando com as normas por elas impostas ao indivíduo. Com isso, Nietzsche abre espaço de reflexão sobre a necessidade de constante atualização das normas, levando em consideração o tempo presente e suas necessidades, prezando pelo abandono das convicções, dogmatismo e verdades absolutas. Para o filósofo, as normas não podem colocar peso à vida.

Nietzsche queixa-se de forma incisiva da moral tradicional, mostrando ao longo do tempo, sua incapacidade de responder, de maneira positiva, às necessidades do indivíduo dentro de seu tempo. Para o filósofo, é preciso a realização da transvaloração dos valores, e a partir disso, elaborar caminhos de superação baseados na força, na vontade de crescimento, na vida. Normas ultrapassadas não respondem a necessidades do momento. Assim, a moral ocidental é, de acordo com o pensamento nietzschiano, forte disseminadora do niilismo na cultura ocidental, e, conseqüentemente, negadora da vida.

Diante dessa realidade de negação da vida, a partir dos escritos nietzschianos, busca-se solução para o problema: a superação do niilismo para afirmação da vida. Nietzsche evidencia que a moral religiosa, ao longo do tempo, alimenta no indivíduo o ressentimento, retardando a força criativa própria de sua natureza. Assim sendo, o indivíduo é visto como um impotente, frágil, necessitando sempre de orientação para seguir a vida. Além disso, a moral ocidental causa inversão de ações na consciência do indivíduo e, o que é bom como força, coragem, desejo de crescimento, e força de vontade, vê-se como um mau.

Ainda, Nietzsche critica a moral religiosa por fundamentar na má consciência do indivíduo um forte sentimento de culpa. Com isso, ele torna-se eterno devedor de uma dívida que não consegue sanar com o seu credor, levando o indivíduo a viver uma vida terrena sempre em busca de saldar um débito infinito. De acordo com Nietzsche, a moral religiosa não direciona o indivíduo para a superação do niilismo e afirmação da vida. Provoca sim, o enfraquecimento das forças, tira do indivíduo seu estatuto e elimina sua força de crescimento e desejo de superação. Essa moral anula o indivíduo e o coloca preso

ao rebanho, sempre pronto a obedecer às normas impostas. Seu empenho na realização da superação do niilismo em vista da afirmação da vida fica a desejar.

No primeiro capítulo, intitulado o mundo em circunscrição niilista, apresenta-se a gênese do niilismo, reportando-se ao rompimento da tradição mitológica e ao avanço do pensamento racional, tendo como principal expoente o filósofo Sócrates e seu fiel discípulo Platão. Segundo a filosofia nietzschiana, é o início do pensamento moderno, fase marcada, sobretudo, pela dominação do fenômeno do niilismo que se manifesta em três fases principais: primeiramente, a fase do niilismo incompleto, caracterizada pela forte reprovação dos valores antigos e sua fonte originária (Deus), quando então, o indivíduo deposita sua confiança na política, na evolução científica e no campo artístico. Na sequência, vive-se a fase do niilismo completo em que torna-se notório um amadurecimento por parte do indivíduo, levando-o a não aceitar os valores antigos e nem a realidade do mundo verdadeiro ou suprassensível. O indivíduo vive ativa ou passivamente sua realidade existencial. Por fim, a fase extrema. Aqui, o indivíduo enfrenta um vazio existencial na forma mais radical. Precisa descobrir forças para realizar o processo de superação do niilismo para afirmação da vida. Na versão de Nietzsche o niilismo é fato. Contudo, ao mesmo tempo em que não o nega, ele destaca a necessidade de superação em vista da afirmação da vida.

O capítulo seguinte, nomeado o Cristianismo como radicalização do niilismo, aparece estruturado a partir de três eixos temáticos. O primeiro contempla a moral tradicional que, em conformidade com a reflexão nietzschiana, impossibilita a superação do niilismo em vista da afirmação da vida, por ser uma moral que nutre no indivíduo o ressentimento e sua inserção no rebanho, tendo como consequência uma uniformidade geradora de decadência e fraqueza. A segunda temática fundamental remete à religião. Nietzsche, mesmo tendo um olhar de apreço pelo Budismo, declara que, tanto este quanto o Cristianismo são religiões niilistas. Porém, a crítica maior do filósofo é com relação ao Cristianismo, destacando-o por ser uma religião detentora de senso de crueldade que alimenta, por sua vez, a má consciência, o ódio, o rancor e a compaixão, sentimentos que provocam a desnaturalização do indivíduo preso ao rebanho e sem desejo de ascensão. O Cristianismo faz do indivíduo um eterno devedor. Por isso, sempre carrega consigo culpa e pecado. O último eixo temático centra-se na morte de Deus, sinal explícito da radicalização do niilismo, tendo como contribuinte a moral religiosa que exclui da própria realidade sua divindade. Nietzsche sinaliza que ela não conduz o indivíduo à superação do niilismo, percurso de afirmação da vida.

No capítulo final, denominado a vida como força de superação do niilismo, é desenvolvido um percurso necessário ao indivíduo para que desperte nele força suficiente na travessia do niilismo para chegar a afirmar a vida e sua realidade sensível. Para isso, o indivíduo precisa valorizar a vontade de potência que carrega desejo e força por superação e afirmação da vida. Olha e vive todos os momentos da vida de forma afirmativa, a ponto de desejar que tudo aconteça novamente. Esse indivíduo, reconhecido por Nietzsche como o além-do-homem, adquire coragem e força para realizar a transvaloração de todos os valores que precisam ser edificados a partir da necessidade da vida em constante movimento de crescimento, desejo de assenhoreamento. Diferente da moral religiosa, o além-do-homem tem amor pelo seu destino e vive com um olhar de superação a caminho da afirmação da vida.

Em síntese, Nietzsche destaca a necessidade de superação do niilismo para afirmação da vida. Para tanto é preciso desvencilhar-se da moral religiosa e de qualquer tipo de norma desprovida de positividade. Apresenta o percurso necessário, segundo Nietzsche, capaz de realizar a resolução do problema em questão. O niilismo é fato a não ser escondido. Por isso, deve ser vivido até suas últimas consequências, mas não se deixando consumir por ele. Nietzsche, ao mesmo tempo em que tem ciência do niilismo, tem também clareza da necessidade de realizar um caminho de superação para afirmar a vida.

1 O MUNDO EM SUA CIRCUNSCRIÇÃO NILISTA

O termo niilismo não foi criado por Nietzsche. Antes, fora usado por outros autores, sendo empregado em várias situações. Desse modo, pode-se recorrer a Górgias³, o primeiro a posicionar-se como um niilista. No campo da teologia, o termo aparece com Santo Agostinho⁴, ao identificar como niilista aqueles que negam Deus. Além desses, o termo passa a ser usado em debates que deram origem ao nascimento do idealismo alemão⁵. Já na Rússia⁶, com o romance de Ivan Turgueniev na obra *Pais e filhos*, além da França, o niilismo aparece atrelado à disputa entre católicos e protestantes⁷. Ainda, eram identificados como niilistas aqueles que mantinham uma posição de imparcialidade no tocante à Revolução Francesa⁸.

No entanto, é a partir dos escritos de Nietzsche que os debates sobre o niilismo se afluam e ganham maior visibilidade no campo filosófico. Nietzsche é, de certo modo, um profeta⁹ que faz ecoar a presença do niilismo na cultura ocidental, não negando a força desse fenômeno. Posto isto, o problema que se busca responder é chegar à superação do niilismo para a afirmação da vida, dentro da filosofia nietzschiana, grande desafio para o indivíduo do mundo atual.

Antes, é necessário ter clareza do que seja realmente o niilismo e como bem defini-lo. Nietzsche o define do seguinte modo: “Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao ‘por quê?’ que significa niilismo? – o fato de que os valores supremos se desvalorizaram”¹⁰. O fato de não encontrar uma resposta consistente para o simples e profundo “por quê?” já explicita uma realidade dominada pelo niilismo. Os valores que orientam as indagações do indivíduo não conseguem mais responder com segurança suas dúvidas. O homem caminha sem uma bússola, não sabe aonde deseja chegar, pois, com o niilismo lhe fora tirada a confiança nos valores tradicionais.

Nietzsche, diferente de vários outros pensadores, não procura estabelecer uma doutrina com o seu pensamento. Ele, na verdade, busca quebrar todo pensamento

³ “Nada existe; se alguma coisa existisse, não poderíamos conhecer; e, se a conhecêssemos, não seria comunicável” (VOLPI, 1999, p. 09).

⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁵ VOLPI, 1999, p. 07.

⁶ VOLPI, 1999, p. 07.

⁷ VOLPI, 1999, p. 28.

⁸ VOLPI, 1999, p. 28.

⁹ PECORARO, 2007, p. 17.

¹⁰ *NF/FP* do outono de 1887-1888, 9[35], TCGM, 8. 12.

cristalizado que foi edificado ao longo da história. Para isso, ele não economiza críticas, tanto com relação ao presente quanto à realidade histórica. Consciente de como encontra sua realidade de vida, ele faz uma anamnese e identifica a forte presença do fenômeno do niilismo, fato que já ocupa todos os espaços, cuja presença não pode ser mais negada no mundo. A partir dessa constatação, o filósofo alemão tece impiedosas críticas contra todo tipo de moral que se formou na história. Nietzsche deixa claro que, o fato de o niilismo ser e ter tanta força no momento, acontece por causa da moral que, ao longo do tempo, teria manifestado uma forte interpretação do mundo e da vida.

Assim, vê-se incoerência não reconhecer o niilismo; ele é um fato. Entretanto, se por um lado o indivíduo precisa ter em conta sua presença no mundo, por outro, reconhece que a presença do niilismo acontece já por um longo tempo, isto é, tempo em que a moral passa a dominar a história e estabelecer regras ao homem, não levado em conta sua realidade de vida. Agora, Nietzsche aponta para a necessidade de empregar forças para refazer o percurso, “[...] como poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso ensine-lhes a criar com o futuro, a redimir criadoramente tudo aquilo que – foi”¹¹. Com isso, ele reclama de toda a tradição que, ao longo do tempo, foi impondo sobre o indivíduo parâmetros como os mais corretos e seguros. Contudo, negligencia a afirmação da própria existência da vida dentro da realidade concreta, o espaço terreno.

O niilismo é fato e ocupa todos os espaços da cultura ocidental. Não seria correto negá-lo, cabendo ao indivíduo descobrir força suficiente para superá-lo e afirmar a vida. Entretanto, na busca pela superação de tal fenômeno, é valioso remeter-se à origem do niilismo, segundo Nietzsche.

1.1 A gênese do niilismo

Nietzsche, ao longo de sua crítica, destaca que a gênese do niilismo acontece quando o homem abandona a forma de vida que leva, de acordo com a tradição mitológica, e passa a viver orientado pelo *logos* filosófico. Na tradição mitológica, a vida era organizada em torno da conciliação entre a dor e gozo. Ambos constituem momentos de um todo, levando à afirmação da vida¹². Assim, essa tradição é assassinada pelo *logos* filosófico, empregando uma nova forma de vida que não valoriza os próprios instintos naturais.

¹¹ Za/ZA, III, 3, TCGM, 6. 242.

¹² NETO, 2016, p. 398.

Em processo de análise, Nietzsche identifica que a origem do fenômeno do niilismo remonta ao pensamento filosófico desenvolvido por Sócrates e Platão. Eles são o alicerce para a edificação de tal fato, pois, é a partir da mudança de pensamento centrada em uma razão que se impõe delimitação de verdade diferente daquela que existia na tradição mitológica. “Sem mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: apenas um horizonte demarcado por mitos encerra e unifica todo um movimento de cultura”¹³. Com isso, ocorre uma mudança de entendimento, tanto com relação ao mundo quanto à própria compreensão da existência do indivíduo. De acordo com o pensamento nietzschiano, a partir dessa mudança, o indivíduo vive orientado por regras que não alimentam suas forças, dando espaço para o fenômeno do niilismo dominar todos os espaços da cultura, e conseqüentemente, a vida do indivíduo.

A partir do momento em que se passa a predominar na cultura o pensamento filosófico de Sócrates, identifica-se uma realidade de morte para tudo o que envolve a tradição mitológica. Com isso, a cultura vive um momento de declínio, período em que o indivíduo dá espaço e confia mais na fórmula estabelecida (Razão=Virtude=Felicidade), que, posteriormente, vai ser aceita e assumida com mais ênfase, com o desenvolvimento do Cristianismo¹⁴, afirmando cada vez mais a derrocada da vida do homem.

Segundo o pensamento nietzschiano, Sócrates, ao romper com a tradição mitológica e estabelecer como método uma estrutura racional diferente da que existia, torna-se o primeiro a contribuir para o florescer do niilismo, favorecendo o desenvolver de suas forças, e assim, o niilismo consegue, de forma rápida, ocupar os espaços da cultura. “Com Sócrates, a humanidade experimenta um novo alvorecer, marcado pela transição do mito para o *logos*”¹⁵. O que passa a dominar agora não é mais a liberdade criativa como acontecia antes, e sim, uma razão fechada. Esta tem o poder de aprovar ou reprovar o que compete ao homem e a suas ações no mundo existencial.

Enquanto na tradição mitológica o homem entende sua vida a partir de uma relação de liberdade e, mesmo fazendo uso da faculdade racional, não há um sentimento moralista como foi edificado a partir da filosofia socrática. Esta coloca, ao contrário da anterior, um peso nas costas do indivíduo, levando-o a viver uma situação desesperadora, com ânsia de se lançar neste novo método na esperança de resolver as situações de sua existência, como identifica Nietzsche. “O fanatismo com que toda a reflexão grega se

¹³ GT/NT, 23.

¹⁴ FEILER, 2011, p. 25.

¹⁵ FEILER, 2011, p. 27.

lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou – ser absurdamente racionais”¹⁶.

No entanto, o que parece ser algo positivo e que possa oferecer uma nova situação de vida para o indivíduo, provoca algo totalmente contrário na cultura, como bem chega a entender o filósofo alemão. É a partir dessa dominação da racionalidade que o niilismo torna-se um fato reinante no mundo. Nietzsche reclama fortemente de Sócrates, declarando que o caminho proposto por ele ao homem, não o leva a viver uma vida de afirmação, e sim, uma vida marcada pela negação e declínio de forças. “A racionalidade foi então percebida como salvadora, nem Sócrates nem seus ‘doentes’ estavam livres para serem ou não racionais – isso era de *rigueur* [obrigatório], era seu último recurso”¹⁷. Para Nietzsche, o que Sócrates apresenta como solução é um problema para o indivíduo, e, conseqüentemente, para a cultura, seguindo o percurso da história, sendo sempre necessário colocar em prática as regras exigidas pelo método racional.

De acordo com Nietzsche, o novo método racional elaborado é algo fechado e fixo, eliminando da parte do indivíduo o seu lado criativo e livre, não sendo mais possível acolher as condições que aparecem na vida de forma natural e livre para viver. Sócrates, segundo o filósofo alemão, ao apresentar a razão como modelo a ser vivido a partir daquele momento, cria também uma realidade prisional para o indivíduo, dando abertura para o niilismo ocupar os espaços da cultura. Além disso, fica claro que é excluída a valorização dos instintos, e não só apenas isso, Sócrates apresenta uma nova condição para definir o que seja bom e belo¹⁸.

O fato de Sócrates alimentar a rejeição dos elementos primordiais já existentes como os instintos, a forma de o indivíduo lidar com sua vida, o aspecto de compreender os mistérios da vida, mostram que Sócrates insere a cultura em um caminho de adoecimento. “Nesse contexto, a doença de Sócrates é uma inversão do que ocorre no grego saudável: ele age por meio da razão e pondera com os seus instintos [o *daimon*]”¹⁹. Desse modo, Sócrates dissemina a erva daninha do niilismo na cultura. Como destaca Nietzsche, a gênese do niilismo aparece com a mudança de paradigma causada pela filosofia socrática.

¹⁶ *GD/CI*, II, 10, TCGM, 6. 67.

¹⁷ *GD/CI*, II, 10, TCGM, 6. 67.

¹⁸ FREZATTI Jr, 2016, p. 382.

¹⁹ FREZATTI Jr, 2016, p. 382.

Se Sócrates foi o primeiro propagador do niilismo na história, pode-se afirmar que Platão, (427 – 342 a.C) seu fiel discípulo, continua a regar a erva daninha de tal fenômeno. Se o primeiro teve o cuidado de excluir a forma saudável de vida, empregando uma razão diferente daquela que já existia com a vivência e celebração do mito, o segundo inquietava-se por deslocar o mundo verdadeiro e concreto para uma realidade totalmente desconhecida.

Nietzsche tem um conhecimento extenso sobre Platão e sua filosofia. Prova disso é o fato de que, em seus escritos, sempre há uma menção ao filósofo ateniense ou à sua filosofia, mesmo que seja crítica. A comprovação disso é que o filósofo alemão é fortemente contra a separação de dois mundos, defendida pela filosofia platônica. “Platão contra Homero: eis o verdadeiro, o inteiro antagonismo – ali, o mais voluntarioso ‘partidário do além’, o grande caluniador da vida; aqui, o involuntário divinizador da vida, da natureza áurea”²⁰. Nietzsche destaca Platão como um idealista metafísico, e não apenas isto, ele o identifica como alguém que contribui para a elaboração de uma moral negadora de vida²¹. Platão entra na lista nietzschiana como um forte contribuinte do niilismo.

A filosofia platônica conduz o indivíduo a um outro direcionamento de olhar: leva-o a viver sua existência terrena, dando atenção a princípios que não ajudam a valorizar o que nela existe para sua afirmação, e sim, preocupado com uma vida na realidade metafísica, que passa a ser a verdadeira. Com isso, faz de sua vida concreta, terrena, uma realidade de sombras, não verdadeira, cópia do mundo concreto.

A objeção principal que Platão fazia à arte mais antiga – de que era imitação de uma imagem aparente, ou seja, pertencia a uma esfera ainda inferior ao mundo empírico – não podia ser dirigida contra a nova obra de arte; assim, vemos Platão empenhado em ir além da realidade e expor a ideia subjacente àquela pseudorealidade²².

Para Nietzsche, as ideias desenvolvidas por Platão procuram uma desvalorização do que realmente existe de forma mais clara e real. O filósofo ateniense afirma que, a vida terrena e tudo o que é desenvolvido pelo indivíduo dentro dessa realidade, não passam de reproduções de uma realidade verdadeira, além da vida concreta. Com isso, Nietzsche reclama de Platão por não ser fiel à realidade mais material, além de empenhar-se em alimentar um mundo que, segundo ele, estaria além deste.

²⁰ *GM/GM*, III, 25, TCGM, 6. 358.

²¹ UPPSALA, 2014, p. 447-449.

²² *GT/NT*, 14.

Platão, seguindo os passos do seu mestre, provoca um deslocamento dos valores, visto que, se antes eram valorizadas a mitologia e a cosmologia, agora o indivíduo valoriza uma realidade totalmente desconhecida, sendo forçado a viver preocupado com este mundo tido como verdadeiro, tirando a centralidade do mundo terreno, identificado como mundo aparente. Por isso, Nietzsche, crítico do seu tempo, declara fortemente, “[...] eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, antigregos (Nascimento da tragédia, 1872)”²³. Com essa forma de pensamento, Nietzsche aponta Sócrates, juntamente com Platão, como os responsáveis por aguçarem a presença e o desenvolvimento do niilismo na cultura.

Diante dessa realidade, fica evidente que, tanto Sócrates quanto Platão, conforme o pensamento nietzschiano, provocam a destruição das tradições mitológicas, melhor dizendo, de todos os elementos que formam a tragédia grega. Apresentam um novo modo de entender a realidade de vida, colocando-a dentro de uma nova estrutura racional, tirando o sentido da existência terrena e levando a viver a realidade concreta como uma verdadeira aparência. Conseqüentemente, vivem uma vida sempre em busca de algo no além, sem a certeza de sua real existência. Isso provoca, cada vez mais, a inserção do fenômeno do niilismo na cultura ocidental.

Consciente da presença do niilismo no mundo, faz-se necessário entender suas formas e as diversas manifestações ao longo da história, tendo em vista traçar um caminho para adquirir forças, a fim de superar o fato a partir da filosofia nietzschiana e chegar à afirmação da vida inserida na realidade terrena.

1.2 As formas de manifestações do niilismo

Nietzsche, mesmo não tendo elaborado uma obra exclusiva sobre o tema do niilismo, discorre sobre o assunto explorado ao longo de seus escritos, de maneira mais constante nas obras da maturidade. Para o filósofo alemão, o niilismo encontra-se profundamente ligado à história da moral ocidental, sendo mais direto, à moral religiosa, que por sua vez, tolhe a liberdade do indivíduo, tornando-o escravo dessa moral, deixando de valorizar e afirmar a própria vida.

Ao examinar o processo genealógico nietzschiano, várias formas de niilismo se manifestam na cultura ocidental. É possível elencar suas manifestações nos escritos da

²³ GD/CI, II, 2, TCGM, 6. 62.

maturidade: o niilismo incompleto, com o objetivo de manter as estruturas dos valores antigos; o niilismo completo, em que não há mais os valores antigos e nem a valorização do mundo ideal; por fim, o niilismo extremo, no qual o indivíduo precisa superar para chegar a uma afirmação da vida.

1.2.1 O niilismo incompleto e o declínio da crença em Deus

Segundo Nietzsche, o niilismo incompleto inicia-se com a filosofia socrática que busca valorizar o pensamento racional, com o desejo de mostrar a verdade em detrimento do instinto, algo criativo e afirmativo do indivíduo. Para o filósofo alemão, Sócrates impõe limites ao pensamento e às ações criativas do homem, provocando um pensamento niilista. Nietzsche chama atenção para essa rigidez no modo de viver do homem imposta por Sócrates, tirando dele a liberdade e criatividade em prol de uma verdade racional, vista como organizadora de todo o caos existente. “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós”²⁴. Sócrates, em vista de organizar o caos, fonte da força criativa, provoca fragilidade de força no indivíduo.

Nietzsche, ainda, destaca a figura de Platão como alguém que contribui para a disseminação do niilismo, dando continuidade ao pensamento do seu mestre Sócrates. Abordando a separação entre dois mundos (mundo sensível e mundo das ideias), esse pensamento influencia fortemente a elaboração da moral cristã que Nietzsche reconhece como uma moral niilista.

Desse modo, identifica-se o niilismo incompleto como uma configuração do espírito que é fortemente influenciado por Sócrates e Platão, vigorando até o momento em que entram em crise os valores morais do Cristianismo. Nietzsche destaca que, em todo esse tempo impera forte presença contrária à afirmação da existência do homem por parte da moral religiosa, com um discurso de necessidade de purificar os pecados. Tais pecados seriam consequência de fragilidades cometidas pelo indivíduo, que para voltar ao seu estado de perfeição, segundo a tradição cristã, é necessário o cumprimento de sacrifícios e mortificações, a fim de alcançar o perdão de suas faltas.

Diante da crise dos valores da moral religiosa que tem seu ponto alto no anúncio da morte de Deus, o niilismo incompleto ganha visibilidade, sendo pois, caracterizado

²⁴ *Za/ZA*, I, 5, TCGM, 6. 11.

por um forte desejo de busca por algo para ocupar o lugar vazio provocado pela morte da divindade cristã²⁵.

Torna-se evidente o desejo de desvalorização dos valores supremos tradicionais, com o intuito de libertar-se das grades impostas pela moral religiosa e descobrir algo novo para a vida do homem. Entretanto, os novos valores aparecem e passam a assumir os mesmos lugares dos valores anteriores, mantendo a mesma estrutura de cobrança para com a vida, a ponto de continuarem a ser valores de negação. Isso os tornam iguais ou até mesmo piores do que os valores já existentes apresentados pela moral, valores que não conduzem o indivíduo para a superação do niilismo.

Percebe-se um desejo de mudança do modo de vida a partir da orientação da moral religiosa. O problema está em não aceitar, de forma radical, o abandono das estruturas construídas conforme valores anteriormente impostos pela religião. Nessa forma de niilismo não acontece um desapego das estruturas dos valores anteriores. “O niilismo imperfeito, suas formas: nós vivemos em meio a elas. As tentativas de escapar do niilismo sem transvalorar aqueles valores: produzem o contrário, intensificam o problema”²⁶.

Diante do anúncio da morte de Deus, busca-se algo que possa preencher o espaço vazio. Isso mostra que, aqueles que vivem o niilismo incompleto não conseguem libertar-se das exigências do passado. Não aceitam mais a norma tradicional. Buscam, entretanto, algo que possa realizar a mesma função por ela desempenhada, pois o homem sente-se fraco e não consegue viver sem uma orientação imposta.

A partir disso, percebe-se que a história ocidental é permeada pela moralização, de forma tão arraigada que coloca em condição de vulnerabilidade o indivíduo. Isso ocasiona o enfraquecimento das forças de vida, necessitando de algo que lhe mostre um novo caminho. O homem não sabe usar de sua independência, e por isso, precisa de ajuda para fazer seu caminho. “A partir de então deveriam andar com os pés e ‘carregar a si mesmos’, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles”²⁷.

No niilismo incompleto a escravidão continua imperando, assim como era pela moral religiosa. A vida não é afirmada. Há a necessidade de conservar os valores antigos ou, pelo menos, descobrir outros que possam ocupar o vazio deixado. Nesta forma, acontece apenas uma troca de valores sem uma reflexão se esses novos valores contribuirão para a superação do niilismo com a afirmação da existência do homem.

²⁵ ARALDI, 1998, p. 86.

²⁶ *NF/FP* do outono de 1887-1888, 10[42], TCGM, 8. 125.

²⁷ *GM/GM*, II, 16, TCGM, 6. 283.

Então, conservam-se as estruturas anteriores, e não acontece uma mudança radical na forma de enfrentar a realidade. A vida permanece presa, escrava de uma norma que, mesmo não sendo mais a moral religiosa, é sim, uma norma que não contribui para a afirmação do indivíduo na realidade concreta da história terrena.

Há no niilismo incompleto a destruição dos valores antigos. No entanto, os novos valores simplesmente passam a substituir os antecedentes e não oferecem novidades. Preserva-se a necessidade de provar uma verdade, conservando a mesma identidade existente em Sócrates e Platão e mantida pelo Cristianismo ao longo da história, isto é, a busca da verdade. “Em suma, no niilismo incompleto há a tentativa de superar o niilismo sem transvalorar os valores”²⁸. Por não haver superação, não há afirmação da vida.

Entretanto, não acontece no niilismo incompleto uma autoconsciência para identificar que houve mudanças. Tudo permanece conservado e orientado por regras que não conduzem o homem a agir de forma criativa. Ele continua agindo dentro de uma estrutura inibidora de criatividade. Com isso, continua dentro de um contexto de decadência. Não existe uma busca de crescimento da existência. Tudo é nivelado, eliminando assim, a própria capacidade criativa do indivíduo. Ainda, há uma busca de segurança, de sentido para a própria existência diante do vazio em que está imerso. Com isso, o indivíduo descobre e aceita outras crenças advindas da história, da política e da ciência, afirmando de modo singular o valor da verdade²⁹, que acarreta o fortalecimento do niilismo.

Nesta forma de niilismo torna-se visível a ânsia pelo preenchimento do vazio de sentido da vida. Com isso, não acontece um processo de afirmação da vida e nem de crescimento de suas forças. Por outro lado, é notório que o homem niilista não consegue deixar, de forma radical, o passado. Por isso, busca algo que possa lhe oferecer segurança como existia anteriormente.

O vazio deixado pela morte de Deus precisa ser preenchido, mas o indivíduo continua acorrentado, embora reconheça o peso imposto pela moral religiosa como elemento impeditivo de liberdade. “Ser livre de todo tipo de convicções faz parte da força, poder olhar livremente”³⁰. O indivíduo encontra-se preso a convicções, não tem força.

Diante de tal crise, há uma necessidade iminente de algo capaz de realizar a passagem do fracasso de negação superando o niilismo, e assim, chegar à afirmação da

²⁸ ARALDI, 1998, p. 86.

²⁹ VIEIRA, 2022, p. 234.

³⁰ AC/AC, 54, TCGM, 6. 241-242.

vida³¹. Tal negação acontece pelo fato de o homem moderno ainda não conseguir desapegar de suas crenças, da necessidade de chegar à verdade, e com isso, continua buscando substituir o espaço vazio deixado pela morte de Deus.

E, vida não afirmada, liberdade comprometida. Mas, o que realmente acontece nesta forma de niilismo é uma mudança de orientador, pois, se antes estava Deus e a moral religiosa, agora, segundo Nietzsche, mesmo o homem não aceitando a orientação divina, passa a ser orientado por outras estruturas semelhantes às anteriores e que não têm uma preocupação em afirmar a vida. No niilismo incompleto identifica-se apenas uma mudança de liderança para a vida. Se antes era Deus, agora pode ser a racionalidade científica ou a política. Ambas impõem suas regras ao homem para ele viver dentro do seu tempo. O homem moderno necessita de segurança para viver sua história, mesmo que para isso ele tenha que anular sua liberdade, como é visto com a moral religiosa que sempre coloca as regras para serem seguidas.

Isto posto, é possível identificar que, com o advento da ciência, elimina-se Deus de seu convívio, porém não elimina o ambiente que era da divindade. Esse lugar é conservado vazio à espera de que algo possa ocupá-lo, e assim como antes, o indivíduo passa a viver orientado, não por Deus, mas por aquele que ocupa o lugar do Deus da tradição judaico-cristão que não tem mais espaço no momento. A destruição dos valores antigos leva a sociedade a elaborar novos valores que, não diferentes, mantêm e valorizam o que já havia antes³². Diante disso, Nietzsche destaca a manifestação do niilismo incompleto em diversos campos, estruturado em três âmbitos: político, científico e artístico.

No âmbito da política, o niilismo incompleto sofre influência do nacionalismo, momento em que o indivíduo vive a primazia da identidade nacional; vive a partir da ideologia comum da nação. Nietzsche, em um primeiro momento, identifica o nacionalismo como algo positivo, porém, com o passar do tempo, ele vai começar a divorciar-se da política nacionalista, acreditando que os valores antigos, promotores da força criativa do indivíduo, foram abandonados. “Esse nacionalismo artificial é, aliás, tão perigoso como era o catolicismo artificial, pois é na essência um estado de emergência e de sítio que alguns poucos impõem a muitos”³³. Assim, o filósofo aponta que o

³¹ ARALDI, 2004, p. 113.

³² VOLPI, 1999, p. 61.

³³ MA I/HH I, VIII, 475.

nacionalismo não permite o florescimento da cultura, levando o indivíduo a depositar sua segurança em um grupo ou no Estado, o que o impede de lutar para superar obstáculos.

Ligado ao nacionalismo, porém de forma mais radical, também revela-se no niilismo incompleto o chauvinismo. O indivíduo agora, deposita toda a sua confiança e lealdade no próprio grupo ou em uma pessoa; um patriotismo exagerado. Isso, de acordo com o pensamento de Nietzsche, não é positivo, pois o indivíduo direciona toda a sua confiança para o grupo ou pessoa, anula sua vontade e acredita em algo que não seja ele próprio.

No democratismo, o indivíduo confia em um representante escolhido por meio de eleição e deposita no eleito ou eleitos a responsabilidade de governar e organizar o povo. Nietzsche é fortemente contra esse processo que defende a destruição das estruturas hierarquizadas, ocorrido em face da força desse sistema que não ajuda o homem a usar sua força de forma adequada.

Nós, que somos de outra fé - nós, que consideramos o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma forma de decadência ou diminuição do homem, sua mediocrização e rebaixamento de valor³⁴.

Desse modo, o democratismo passa a representar, na realidade, o que alimenta no homem a falta de coragem para enfrentar os desafios da vida. Ele é visto como um fraco. Com isso, vai procurar atingir seus objetivos, não com suas forças, e sim, acreditando naqueles que governam.

Ainda no campo da política, aparece o socialismo. Aqui, o homem toma consciência da necessidade de conduzir sua história dentro da realidade concreta. A partir disso, ele coloca sua confiança na coletividade, e, não vivendo sua singularidade, torna-se dependente do grupo, anulando sua vontade.

O socialismo só adquirirá direitos quando parecer iminente a guerra entre dos dois poderes, entre os representantes do velho e do novo, e o cálculo prudente das chances de conservação e de vantagem, em ambos os lados, fizer nascer o desejo de um pacto³⁵.

Nietzsche lança críticas a esse sistema por identificar que ele procura controlar as ações do homem em nome de uma liberdade que, na verdade, coloca em perigo a própria

³⁴ *JGB/BM*, V, 203, TCGM, 6. 103.

³⁵ *MA I/HH I*, VIII, 446.

liberdade do indivíduo. Conforme o pensamento nietzschiano, os ideais socialistas aparecem carregados de perigo para a sociedade ao buscar confiar sempre em algo exterior a ele mesmo. Com isso, aponta que o indivíduo deve descobrir sua segurança sendo sempre submisso ao seu patrão, a um nobre. Ele usaria sua força para realizar o trabalho alheio, anulando sua existência e confiando sua proteção ao patrão.

Finalmente, o anarquismo. Carrega em sua essência uma posição de desorganização, uma via caracterizada pelo declínio do indivíduo. Isso provoca fraqueza de força por parte do indivíduo, e conseqüentemente, da própria sociedade. “Em toda parte os instintos estavam em anarquia; em toda parte se estava a poucos passos do excesso: o *monstrum in animo* era o perigo geral”³⁶. Em conformidade com Nietzsche, no anarquismo há ausência de força dominadora própria do instinto do indivíduo. O anarquismo contrapõe-se à hierarquia dos instintos, que mesmo existindo duas partes em constante luta, não está presente o objetivo de destruição de nenhuma delas, e sim, um princípio de hierarquização, fazendo com que a luta seja sempre constante entre os indivíduos em busca de ascensão de sua própria existência.

No âmbito científico, o niilismo incompleto expressa-se por meio da visão positivista e historicista. O historicismo busca valorizar as tradições e as considera importantes para a edificação da realidade presente, assim como melhor preparar-se para o futuro. Valorizando a razão, busca por meio dela entender a realidade. Com isso, o indivíduo é visto carregado de informações advindas do passado. Ele é o único responsável por construir e fazer acontecer sua história. Na visão de Nietzsche, o historicismo provoca uma degeneração da vida. Leva o indivíduo a permanecer preso ao passado, olhando para os grandes feitos e heróis. “Buscando pelas origens, o indivíduo torna-se caranguejo. O historiador olha para trás; por fim, ele também acredita para trás”³⁷. Assim sendo, não enfrenta os desafios de seu próprio tempo com um olhar centrado no presente. O indivíduo, mesmo vivendo o presente, sempre tem um olhar voltado para o passado, buscando estratégias para vencer os desafios presentes. Para Nietzsche, a história é positiva quando ela é a-história, o que leva o homem a um esquecimento do passado e, inserido no presente, ele vive a história de sua existência com originalidade.

Por fim, o positivismo. O indivíduo aqui é caracterizado por uma total confiança no método científico, na experiência, passando a ser o seu único guia seguro. Vigora que

³⁶ GD/CI, II, 9, TCGM, 6. 66.

³⁷ GD/CI, I, 24, TCGM, 6. 58.

é o único método possível determinado pela ciência. Assim, a ciência é o fundamento em que o homem deposita sua segurança. Ela é a verdade pela qual o indivíduo busca, incansavelmente para sentir-se seguro. O indivíduo deve ter a coragem de assumir sua vida aqui sem nutrir esperança de segurança para a vida em uma realidade futura, algo que não pode ser provado dentro do método científico. Assim, realmente pode-se acreditar na realidade terrena, pois é razoável crer que seja a única existência concreta. A partir disso, o filósofo alemão identifica que o positivismo deixa de valorizar toda experiência vinda por parte do próprio homem em sua singularidade e em contato direto com a realidade, exigindo a validade científica para ser aprovado. O indivíduo encontra-se mais uma vez algemado pela exigência do rigor científico.

O niilismo incompleto ainda se revela no âmbito artístico, por meio do naturalismo e do esteticismo franceses. O naturalismo busca entender a realidade e o homem a partir de um olhar natural, deixando de lado toda explicação que não seja aprovada pela ciência, valorizando assim, o método científico e vendo-o como o mais confiável. Para o naturalismo, tudo que acontece tem uma causa, o que exclui qualquer intervenção sobrenatural. “Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza e da história”³⁸. Desse modo, o próprio indivíduo é compreendido como uma máquina, parte de uma engrenagem que funciona a partir da realidade científica. Nietzsche coloca-se em oposição a esse pensamento por entender que o naturalismo tira do homem a capacidade de acreditar em suas forças, fazendo dele apenas uma máquina dentro de um processo em atividade. Além disso, anula sua liberdade. O indivíduo é forçado a depositar segurança naquilo que a ciência aprova ou reprovava. O naturalismo, segundo Nietzsche, não pode transformar o homem em máquina, fazendo com que ele deposite sua confiança na ciência, mas deve levar o indivíduo a acreditar na sua própria força, e, usando de criatividade, consiga enfrentar sua vida na liberdade.

Além do naturalismo, há também o esteticismo francês que defende a arte como referência fundamental diante dos outros valores vigentes. A vida torna-se subordinada aos padrões de beleza ditados pelo esteticismo. O homem busca agora segurança em um padrão de beleza. Exige-se dele viver dentro de certos limites. Nietzsche valoriza a arte como uma forma de superação da própria realidade em que o indivíduo encontra-se inserido; ela é uma manifestação de força e faz com que o indivíduo tenha coragem para

³⁸ FW/GC, V, 344.

enfrentar todos os sofrimentos. No entanto, a vida não pode de forma alguma, estar subordinada à arte ou entendê-la como sua fonte de segurança.

Ainda, no contexto de niilismo incompleto entra o pessimismo. Nietzsche, a partir do pessimismo apresentado por Schopenhauer, coloca sua visão singular sobre o tema em questão. O filósofo alemão busca entender o pessimismo mais profundamente, e para isso, faz um caminho para encontrar as raízes do problema a partir da moral e na religião antiga, chegando à sua realidade atual. Com isso, destaca que os românticos alemães não foram capazes de identificar o perigo presente no pessimismo como força de negação do mundo e por isso, foram mascarando essa força. Contudo, Nietzsche destaca entre os modernos, Schopenhauer, como aquele que teve a coragem de buscar entender em profundidade o pessimismo. Porém, o fato de ligar a arte ao pessimismo fez com que Nietzsche não continuasse concordando com ele³⁹.

Para Schopenhauer, a arte é um caminho em meio a outros que conduz a vida a uma negação da vontade de viver. Para Nietzsche, a arte afirma a vontade de superar todos os obstáculos presentes no mundo no desejo de viver de forma positiva⁴⁰. É uma forma de trazer os elementos essenciais para vencer a força de negação da vida e do mundo, acarretando um caminho de superação do niilismo para afirmação da vida.

Contudo, Nietzsche, reconhece que o niilismo incompleto é um estado de espírito importante. Sua contribuição aparece para derrubar o que já existia há bastante tempo, algo totalmente intocável pelo indivíduo: as orientações morais tidas como divinas e que o homem se via obrigado a seguir. O niilismo incompleto mostra que a mudança é possível, e conseqüentemente, necessário olhar com mais atenção para a afirmação da vida. “O niilismo incompleto se baseia no refúgio em consolos ascético-morais como reação ao vazio. É uma forma pouco elaborada que o filósofo se utiliza para responder ao horror do vazio”⁴¹. Esse vazio é produzido pelo próprio niilismo incompleto, que por sua vez, é também um dos assassinos de Deus.

Em concordância com Nietzsche, o niilismo incompleto é um momento de tomada de consciência do indivíduo, que, mesmo ainda não sendo capaz de criar valores que possam edificar a vida e proporcionar sua afirmação, já acontece uma evolução na forma de conduzir a vida, no fato de não mais aceitar valores impostos pela moral religiosa.

³⁹ ARALDI, 2016, p. 338-339.

⁴⁰ ARALDI, 2004, p. 190.

⁴¹ FEILER, 2018, p. 12.

Na forma do niilismo incompleto, o indivíduo consciente da morte de Deus, busca algo que possa ocupar o vazio existente e, conseqüentemente, em quem depositar sua confiança. Não há uma busca de superação do niilismo. Destaca-se a incapacidade de o indivíduo afirmar sua vida acreditando em sua própria força. Ele, permanecendo dependente, busca algo que esteja fora de si para que o oriente. Contudo, ao examinar a cultura, Nietzsche constata uma outra forma de niilismo experimentada pelo indivíduo.

1.2.2 O niilismo completo e a radical negação dos valores

Se no niilismo incompleto existe uma ânsia de preencher o lugar vazio deixado pela morte de Deus, no niilismo completo há uma autoconsciência por parte do homem diante da nova situação na qual ele se encontra, e com isso, ele não sente mais a necessidade de manter nem os valores antigos e nem preencher o lugar vazio.

É preciso deixar claro que no niilismo completo ainda não acontece a criação de novos valores. Entretanto, a autoconsciência da desvalorização dos valores que até o momento eram reconhecidos como os valores superiores, reflete a clareza sobre a realidade do indivíduo, marcado pelo domínio profundo e visível do vazio. “Agora, no momento em que fica clara a proveniência mesquinha desses valores, o todo nos parece desvalorizado, ele parece ter se tornado ‘desprovido de valor’”⁴². O indivíduo passa a ter consciência de que esses valores, até então colocados como os mais corretos e que garantem segurança para ele foram edificados, tendo como base uma realidade que não existe mais.

De acordo com a compreensão nietzschiana, na forma do niilismo completo são excluídos todos os valores que, até o momento, orientavam o homem e alimentavam esperança de que, seguindo tais normas, teria um futuro promissor. O indivíduo toma consciência de sua responsabilidade, de sua própria escolha⁴³. Não há mais normas que mostrem um caminho a seguir. É preciso enfrentar esse vazio.

Segundo Nietzsche, é necessário valorizar o que existe de mais concreto e não buscar algo desconhecido, como é o caso do mundo suprasensível. “Eu vos imploro, irmãos, permaneço fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não”⁴⁴. Segundo o filósofo, não é

⁴² *NF/FP* de novembro 1887 - março 1888, 11 [100], TCGM, 8. 259.

⁴³ VIEIRA, 2022, p. 236.

⁴⁴ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

correto alimentar a mente com algo que não se tem a certeza de sua existência, algo incerto.

O indivíduo agora precisa assumir uma nova situação de vida, pois, se antes a busca é por segurança em algo exterior a ele, agora, o homem precisa reconhecer que ele é responsável por suas próprias ações. Não há mais necessidade de aceitar imposição de normas. O indivíduo é o guia de sua vida e precisa estar preparado para enfrentar a real situação, consciente de que os valores foram desvalorizados.

O indivíduo não carrega mais nada sob imposição. Além disso, no niilismo completo não se busca mais alimentar um desejo de retorno ao passado, não se procura algo que possa ocupar o lugar vazio deixado pela morte de Deus como acontecia na forma do niilismo incompleto. Tudo isso é totalmente desvalorizado e não há mais máscaras que possam alimentar a ilusão. O homem tem consciência de sua real situação de vida.

Diante da realidade niilista, o indivíduo encontra-se perdido. Antes, recebia orientação sobre o que fazer e qual o caminho seguir; agora, não há mais esse guia. Isto faz com que fique perdido diante de sua grande “vontade do nada, o niilismo”⁴⁵. Esse fenômeno leva o homem a descobrir forças para assumir a responsabilidade de sua existência e superar o niilismo ou entregar-se totalmente ao comodismo, à ausência de força para lutar.

A nova forma de niilismo, segundo o entendimento nietzschiano, é uma condição normal que reflete o modo de viver da sociedade, no momento após se ter a clareza de que não existe mais uma orientação advinda do mundo transcendente. O homem precisa agora lutar e enfrentar o fenômeno do niilismo dentro da realidade concreta de sua história, o mundo terreno, tendo como objetivo a afirmação da vida, sabendo lidar com as vitórias e derrotas⁴⁶.

O niilismo completo expressa a forte vontade do nada que domina a cultura ocidental. O homem não consegue mais encontrar meios que possam ultrapassar a real situação da presente vontade do nada. Agora, não há outra alternativa após perceber que ele permanece só. O que lhe resta é viver o niilismo e não negar ou esquivar-se desse fenômeno.

O homem precisa olhar para si, afirmar sua vida, e conseqüentemente, sua existência dentro da realidade terrena, sendo capaz de enfrentar, com maturidade, o seu próprio vazio, e a partir dessa realidade, usando de sua liberdade, viver o niilismo

⁴⁵ GM/GM, III, 14, TCGM, 6. 326.

⁴⁶ ARALDI, 2004, p. 113.

desapegado de todas as crenças que proporcionam segurança a sua existência. A superação do niilismo e a afirmação da vida, segundo o filósofo, estão em não rejeitar aqui o que faz parte de sua existência, inclusive os fatos não tão agradáveis.

Amadurecimento e coragem integram agora a conduta do homem embalado pela nova forma do niilismo: o niilismo completo. Coragem para remar no grande mar do niilismo e enfrentar os perigos, com responsabilidade. E, segundo o raciocínio nietzschiano, é a partir do amadurecimento que se tem a força para eliminar os valores e o espaço que por muito tempo foram identificados como os mais corretos e seguros para o homem seguir a sua vida⁴⁷.

É com amadurecimento e responsabilidade que o indivíduo deve enfrentar a lógica pessimista, não mais olhar a vida a partir da realidade de desprezo e não alimentar a compaixão. O niilismo completo consegue ir contra as formas de pensamento que desvalorizam e negam a vida. Mesmo não favorecendo à criação de valores que possam defender a vida, nessa forma de niilismo não é mais permitido a conservação daqueles valores que a negam. Existe uma tomada de consciência no que tange às normas que possam ou não valorizar o sentido da vida⁴⁸.

Desprezo e compaixão não levam à afirmação da vida, pois segundo Nietzsche, não permitem ao indivíduo buscar força para enfrentar e superar os próprios desafios de sua existência. Contudo, provocam reação contrária, isto é, de fragilidade, sem força para lutar e vencer as realidades contrárias à sua afirmação. No niilismo completo é visível a tomada de consciência com relação à influência negativa desses afetos, em face da afirmação da vida. O indivíduo reconhece que ele não tem mais nenhuma segurança a não ser nele próprio. É ele quem precisa agora descobrir, em meio a essa realidade de fraqueza, a força para continuar seguindo a vida dentro da real situação niilista que a sociedade passa a viver de forma explícita. Esse tipo de niilismo precisa, a partir da fraqueza, descobrir a forma de superar-se.

Nietzsche destaca a importância de o indivíduo lutar contra esses afetos que buscam aprisionar a própria existência, negando por vez, tudo o que faz parte da natureza do homem. A afirmação acontece quando ele descobre e vive a sua vida de forma aberta, acolhendo todas as situações de forma natural.

Desse modo, o niilismo completo é uma configuração do espírito em que o indivíduo não tem mais como negar a realidade niilista. Entretanto, essa situação não deve

⁴⁷ VOLPI, 1999, p. 61.

⁴⁸ LEIDEN, 2014, p. 406.

ser vista pelo indivíduo como um obstáculo, mas como um momento oportuno para reconhecer que é responsável pela afirmação da vida como a grande verdade que o niilismo apresenta⁴⁹.

Não é correto negar a presença do niilismo, pois negá-lo é não ter a clareza da real situação das próprias ações vividas. A sociedade encontra-se imersa em uma escuridão intensa que parece não poder mais contemplar um pequeno raio de luz. No entanto, é dentro dessa condição de profunda escuridão que o indivíduo precisa alargar seus horizontes e buscar algo que possa despertá-lo dessa realidade obscura. Ter a consciência da presença do niilismo é o início de uma transformação, é caminho necessário a ser trilhado para se chegar à afirmação da vida⁵⁰.

É dentro da realidade niilista que o indivíduo precisa saber interpretá-la e descobrir caminhos que possam levá-lo a sair dessa negação da vida, no entanto, sem negar que essa modernidade esteja invadida pelo fenômeno do niilismo. O niilismo completo é a forma corajosa diante da clareza de que não há mais nada em que o homem possa ter segurança a não ser em sua própria vida, e assim, ele deve buscar valorizá-la a todo custo. Agora, ele precisa ter consciência de suas potencialidades. Não há mais uma preocupação moral religiosa para prestar conta de suas ações, pois o medo de ser punido pela norma não marca mais presença. “O poder alcançado hoje pelo homem permite agora um rebaixamento dos meios de cultivo, dos quais a interpretação moral era o que há de mais intenso”⁵¹. O indivíduo agora vive e assume suas responsabilidades, não mais centrado na moral religiosa, que por vezes, não é sustentada. Ele vive voltado para a sua realidade, acolhendo o que é próprio dela.

Diante da realidade niilista em que tudo parece não ter mais solução, tudo se mostra escuro e sem firmamento, é que o indivíduo deve resistir e seguir o seu caminho afirmando a sua nova posição sobre a vida como o que há de mais sagrado, bem mais precioso que não deve jamais ser esquecido ou desvalorizado.

Inserido no vazio, o indivíduo precisa lutar e se conscientizar para não mais aceitar o que não lhe convém. O niilismo leva o homem a enfrentar o novo, desprovido de quaisquer crenças. Agora, precisa tomar as rédeas de sua própria vida e lutar pela sua realização. Isso não acontece como era pensado antes no mundo metafísico. Esse mundo não pode ser provado pelo homem segundo Nietzsche.

⁴⁹ ESPOSITO, 2023, p. 19.

⁵⁰ ESPOSITO, 2023, p. 21.

⁵¹ *NF/FP* do verão de 1886 – outono de 1887, 5[71], TCGM, 8. 200.

Sem temores, o indivíduo precisa lutar pela afirmação da sua existência. Para isso, não é correto mascarar ou querer negar o niilismo, mas ter certeza de sua presença e de sua força atuante em todos os espaços que envolvem a vida do homem. Com o niilismo completo é eliminado, além dos valores antigos, tudo aquilo que era base originária desses valores. Agora, o que existe é o vazio. Não há mais segurança para o indivíduo além dele mesmo.

A partir do fenômeno do niilismo completo, é fundamental destacar que, decorrente dele, existem duas outras distinções de niilismo, a saber: o niilismo passivo e o niilismo ativo. Cada um apresenta suas características específicas e manifestações perante a existência do indivíduo.

1.2.2.1 A falta de vitalidade do niilismo passivo

A forma do niilismo passivo é fortemente marcada pela presença da resignação. O homem deixa ser levado pelo comodismo e esgotamento. Todas as forças para enfrentar os desafios da vida se perdem e não há mais coragem para o combate. Nesse contexto, o indivíduo é dominado pela quietude e aceitação de tudo o que lhe é apresentado. Comporta-se passivamente, atitude que é fruto do enfraquecimento em face da ausência de crença na realidade metafísica. O homem ainda não é totalmente livre de suas convicções, e por isso, permanece inconformado com a ausência de normas que lhe são impostas, delimitando o que deveria ou não fazer. “Esse niilismo é, antes de mais nada, um niilismo passivo, isto é, um sinal de ‘declínio e recuo da potência do espírito’, incapaz de atingir os fins preconizados até aqui”⁵².

O niilismo na forma passiva é a manifestação de declínio da força do indivíduo que não consegue encontrar sentido em sua vida e não encontra motivação para reconhecer sua capacidade de protagonizá-la. Há o domínio de uma profunda esterilidade, de falta de sentido na vida. Falta força para reagir diante da ausência da moral imposta.

Além disso, explicita como a moral religiosa defendida pelo Cristianismo aprisiona o homem ao longo da história, a ponto de ele não encontrar sentido e nem força para continuar sua vida e assumir suas responsabilidades. Agora, com a ausência dessa imposição por parte da moral religiosa, o homem sente a necessidade de aprender a comporta-se. “Uma interpretação faleceu; mas desde que a interpretação vigorou, parece

⁵² VOLPI, 1999, p. 62.

que a existência já não tem sentido, como se tudo fosse em vão”⁵³. Assim, o indivíduo encontra-se tomado por compaixão e desprazer, afetos que denotam fraqueza para com a vida, entregando-se ao nada.

Em face do desprazer, Nietzsche aponta sua manifestação na moral, refletindo nas ações que envolvem o indivíduo, destacando o niilismo como uma realidade bem determinada. O desprazer evidencia-se quando o indivíduo não se organiza para viver situações de prazer. Segundo Nietzsche, ele não necessita fugir dos momentos desagradáveis, realmente acolher tanto a dor quanto a alegria. “E se prazer e desprazer forem de tal modo entrelaçados, que quem desejar o máximo de um tenha de ter igualmente o máximo do outro”⁵⁴. Tanto prazer quanto o desprazer acontecem dentro de determinado tempo, e ao indivíduo cabe vivenciar os afetos como parte de sua existência.

Quanto à compaixão, compreendida como a experiência de sentir a dor do outro conforme a reflexão nietzschiana, há uma mudança prejudicial no indivíduo que encontra-se bem, em um estado de felicidade, bem de espírito. “A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento da vida: ela tem efeito depressivo”⁵⁵. Assim, a compaixão revela-se como mecanismo dos fracos para defender-se dos fortes. Entretanto, esse artifício causa enfraquecimento da vida do homem ao querer assumir uma dor que não lhe pertence; é negar sua vida, causando degenerescência.

O niilismo passivo é compreendido como essa realidade de conformismo em que o animal de rebanho encontra-se inserido. Ele não consegue fazer outra coisa a não ser obedecer às normas impostas. De acordo com Nietzsche, aquele que permanece inserido no rebanho não dispõe de forças para reconhecer sua capacidade de fazer escolhas. Além desse aspecto, é preciso ressaltar as dimensões de submissão, fraqueza e rancor. O único direito que acredita ter e ser o mais correto é alimentar o instinto de obedecer, e assim, seguir sua vida sempre orientado por algo externo. Aflora-se uma passividade existencial, acreditando ser um erro buscar sua superioridade. O correto é permanecer igual, não sair da delimitação permitida.

A sociedade de rebanho mostra que os membros não buscam superação, apenas seguem o mesmo ritmo, isto é, sempre são orientados sobre o que devem ou não fazer, para onde devem ou não ir; é o que se pode identificar sobre o modo de vida dos animais que vivem em rebanho, característica do niilismo passivo, sem nenhuma perspectiva de

⁵³ *NF/FP* do verão de 1886 – outono de 1887, 5[71], TCGM, 8. 201.

⁵⁴ *FW/GC*, I, 12.

⁵⁵ *AC/AC*, 7, TCGM, 6.172.

superação. O rebanho é totalmente conformado com o modo de vida que lhe possibilite viver, e assim, não busca sair dessa realidade de anulação entendida como a mais segura.

Em concordância com Nietzsche, o modo de vida que reflete bem a forte presença do niilismo passivo é algo negativo para a vida do indivíduo, deixando claro que ele encontra-se doente, tomado pelo vazio. Impera nessa forma de niilismo uma ausência de força que proporciona ao homem coragem para enfrentar a vida. O que domina é um comodismo, um cansaço para com a vida⁵⁶.

Prevalece no momento um forte vazio, a falta de sentido, a ausência de vontade, dando lugar ao conformismo, de tal modo que, para todos os lados que se possa direcionar o olhar, só se consegue ver e escutar gritos aterradores: “Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi”⁵⁷. O indivíduo, conformado com a experiência desse vazio, não vê sentido em desafiar suas próprias forças.

Os gritos aterradores que confirmam a dominação do niilismo na forma passiva, explicitam o quanto o indivíduo permanece perdido, sem a orientação da moral tradicional. Por outro lado, fica evidente o prejuízo que a moral provoca na vida desse homem, não dando a ele a possibilidade e o direito de fazer suas escolhas, nem liberdade de crescimento e coragem para saber o que ele precisa fazer diante de uma determinada situação, seja de dor ou de realização.

Agora, o homem encontra-se totalmente sem rumo. O entendimento que possui é o conformismo, a patologia da falta de coragem para enfrentar o vazio existencial e acolher isso como uma realidade que possa contribuir para a afirmação da vida. O niilismo passivo mostra que o homem deixa ser levado pelo rebanho; ele é um fraco, não disponibiliza de força para lutar. O homem não reconhece a força que existe em seu interior e não alimenta o desejo de superação da própria fraqueza.

Diante dessa realidade patológica que provoca o enfraquecimento das forças do indivíduo, não há o desejo de crescimento, e sim o conformismo com aquilo que se vive. É preciso aceitar a situação de forma tranquila. Ganha espaço a falta de interesse por alguma coisa, por mais simples que possa parecer, pois o fato do interesse já levar a uma busca, faz com que não seja valorizado no niilismo passivo. A fadiga e o cansaço passam a reinar diante da vontade de lutar, por contemplar um determinado objetivo. O homem no niilismo passivo encontra-se profundamente doente, sem vontade de lutar. A vida é

⁵⁶ LEIDEN, 2014, p. 406.

⁵⁷ *Za/ZA*, II, TCGM, 6. 163.

um verdadeiro marasmo; o único desejo é permanecer como tudo se encontra no momento, parado e prostrado.

Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor” ... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa—o que é hoje o niilismo, se não isto?...Estamos cansados do homem ...⁵⁸.

O niilismo passivo destaca-se por alimentar o que existe de mais fraco na vida do indivíduo. Com isso, não se busca viver um embate, tendo em vista superação ou crescimento. Reina nessa forma de niilismo o que parece ser o melhor, como a reverência e mansidão, o que na leitura nietzschiana é não ter a coragem de lutar pela afirmação da vida. O indivíduo permanece doente, fraco, sem força para enfrentar os desafios. Ele contenta-se com a passividade e não luta para superar sua enfermidade.

No niilismo passivo caracterizado pelo conformismo do espírito, destaca-se a inserção no rebanho. O homem, além de conviver com seu próprio comodismo, ainda renuncia à sua independência, seguindo uma moral que o torna cada vez mais fraco por impor o que ele deve ou não fazer, para ser identificado como correto diante dos outros que erram ao não aceitar determinada imposição.

Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e o sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove; onde há rebanho, é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou⁵⁹.

Nietzsche aponta a inserção do homem no rebanho como um refúgio diante da realidade niilista. Entretanto, o fato de o homem não querer lutar para ser liberto do rebanho e assim assumir suas responsabilidades o define como um indivíduo marcado pelo niilismo passivo, sem desejo de desafiar a vida, alimentando a vontade de permanecer membro do rebanho, acreditando que é forte, quando na verdade é fraco por não lutar para superar sua condição.

Com o niilismo passivo fica explícita a decadência do ser humano, a ponto de não mais reconhecer e nem valorizar o que antes era fonte de segurança, a ciência. Domina

⁵⁸ GM/GM, I, 12, TCGM, 6. 243.

⁵⁹ GM/GM, III, 18, TCGM, 6. 341.

nessa forma de niilismo uma forte vontade do nada, pois nada tem mais valor e sentido. Existe uma descrença generalizada de acordo com o pensamento nietzschiano⁶⁰.

No niilismo passivo existe o declínio da força. Mesmo quando suas ações parecem ser afirmativas, há uma dimensão de fraqueza, uma busca de forma velada para impedir que transpareça a forma de prostração. É visível uma recusa diante do compromisso criativo por parte do indivíduo que passa a reagir a partir de disfarces, com o intuito de preencher o vazio que ocupa a sociedade moderna⁶¹. Tais disfarces ganham espaço como o que existe de mais verdadeiro e seguro para o indivíduo viver.

Faltam a ele consciência e coragem de assumir o protagonismo de suas ações e assim, não consegue vislumbrar outra alternativa a não ser continuar usando máscaras, em vez de enfrentar a realidade. Revela-se então, a diferença entre aparência e verdade que Nietzsche chega a destruir. Quanto à verdade, o filósofo vai denunciar Platão que defende a existência de um mundo verdadeiro; depois, a moral religiosa, que apresenta os seus dogmas como uma verdade inquestionável. Ainda, aponta Descartes que deposita a subjetividade como o fundamento da verdade. Contudo, Nietzsche destaca ainda que essa necessidade de alimentar uma crença em uma verdade torna-se uma doença contra a própria verdade⁶². Para o filósofo, a verdade não pode ser absolutizada. Ela precisa atualizar-se ao longo da história, respeitando as necessidades do indivíduo dentro do seu tempo. Não é positivo para ele dogmatizar a verdade. Quando isso acontece, o homem perde suas forças e permanece no comodismo.

Quanto à aparência, segundo o pensamento de Nietzsche, é algo que faz parte da vida do homem e explicita a própria realidade. “E enquanto só a aparência é real, a verdade, o mundo verdadeiro, é ilusão, mentira”⁶³. Com isso, Nietzsche vai contra tudo aquilo declarado como verdade inquestionável e que não abre espaço para a vida ativa, fazendo com que ela permaneça passiva, degenerando-se.

O niilismo passivo não reconhece sua capacidade criativa, e assim, permanece criando subterfúgios para esconder-se do vazio que toma conta da cultura ocidental. O indivíduo permeado por esse vazio, esfriamento e comodismo, não busca outra coisa a não ser manter-se escondido no vazio, acreditando estar cuidando de sua vida, e então, não consegue identificar uma outra solução. “Na maioria das vezes, porém, ele é apenas

⁶⁰ MOSE, 2018, p. 53.

⁶¹ VATTIMO, 2010, p. 242-243.

⁶² LIMA, 2016, p. 409-410.

⁶³ MACHADO, 2022, p. 153.

aparente: um desvio para a conservação do próprio sentimento de vida, do próprio sentimento de valor”⁶⁴.

É vivendo de aparências que o homem vai realizando o processo de prolongamento do comodismo, dessa falta de vontade de sair do vazio no qual ele permanece inserido. O homem, dentro dessa forma de niilismo, prefere aceitar uma existência marcada pela prostração e negar sua própria força, tendo em vista o processo de prolongamento da situação e satisfação com o estilo de vida que ele vive no momento, um vazio total.

O niilismo passivo é marcado pelo bloqueio da ação criativa, tornando o indivíduo um ser de dependência, incapaz de descobrir seu valor e a importância de tomar a liderança de sua vida. Busca cada vez mais valorizar o processo de permanência no rebanho. Sentir-se em segurança é algo positivo e, para aqueles que desejam sair, estão cometendo um erro.

Diante disso, fica visível que o niilismo passivo alimenta cada vez mais a permanência no esgotamento, o que coloca o indivíduo em uma realidade doentia, de declínio contra sua própria afirmação. Nietzsche acredita e defende que a vida pode ser valorizada. Para tanto, o homem precisa enfrentar e superar os desafios de seu tempo e sair dessa condição de tranquilidade e comodismo que o niilismo passivo provoca.

Niilismo como declínio e retrocesso do poder do espírito: o niilismo passivo: como um sinal de fraqueza: a força do espírito pode se extenuar, pode estar esgotada, de tal modo que as metas e os valores até aqui se mostram como inapropriados e não encontram mais nenhuma crença – o fato de a síntese dos valores e metas (nos quais se baseia toda cultura forte) se dissolver, de tal modo que os valores particulares declaram guerra uns aos outros: decomposição o fato de tudo aquilo que refresca, cura, tranquiliza, anestesia, ganhar o primeiro plano sob disfarces diversos, religiosos, morais, políticos ou estéticos etc⁶⁵.

O niilismo passivo é pois essa realidade na qual todos os valores e crenças não têm mais sustentação para o indivíduo que encontra-se totalmente desmotivado e não consegue identificar algo apropriado que possa ser base de sustentação; tudo encontra-se corroído. Esse estado de espírito mostra um homem totalmente entregue ao vazio. Falta vontade para lutar. Nada disso tem mais valor para ele. O niilismo passivo mostra um indivíduo cansado e acomodado, sem desejo de mudança. Entretanto, o niilismo na forma

⁶⁴ *NF/FP* do outono de 1887, 9 [30], TCGM, 8. 12.

⁶⁵ *NF/FP* do outono de 1887, 9 [35], TCGM, 8. 13.

completa tem sua ambiguidade: visto um lado, é fundamental compreender o outro lado de manifestação que acontece na forma ativa.

1.2.2.2 O encorajamento do niilismo ativo como superação da passividade

Enquanto na forma do niilismo passivo o indivíduo se manifesta em estado de profunda letargia, sem forças e sem capacidade reativa, na forma do niilismo ativo revela-se em intenso desejo de evolução, crescimento de força, com profunda vontade de promover e agilizar o processo de destruição dos valores tradicionais.

Se o niilismo passivo é dominado pela quietude e cansaço, o niilismo ativo vai na contramão da direção. Sendo caracterizado por uma dominante força de inquietação, fica visível o seu valor não mais deixando imperar esse espírito sem vontade de combate. Passa a dominar nesta forma de niilismo uma força ascendente, buscando eliminar aquela passividade existencial presente até então. Acontece uma inversão de valores em relação ao niilismo passivo. Agora, o indivíduo consegue se descobrir, e com isso, “seu máximo de sua força relativa é alcançado por ele como força violenta de destruição: como niilismo ativo”⁶⁶. Ele torna-se um indivíduo de ação, sendo capaz de valorizar sua existência, sabendo aproveitar cada situação que acontece em sua vida, intensificando cada vez mais a força.

Entretanto, é necessário destacar que essa força violenta com objetivo de destruição que ora passa a reinar no niilismo ativo, não pode ser compreendida como uma reação dominada pelo ódio ou rancor. Ela nasce com o puro desejo de provocar reação contrária ao que é possível encontrar no niilismo passivo. Esta força destruidora deve ser entendida e acolhida como consequência necessária de um caminho que tende a chegar ao objetivo da afirmação da vida⁶⁷. Não é um destruir por destruir, o que seria algo totalmente negativo por parte do indivíduo, configurando simplesmente como uma perversidade, mas sim um caminho de busca e de mudança por superação do niilismo e afirmação da vida.

O indivíduo não deve alimentar de negação com relação ao fenômeno do niilismo que exerce visível domínio na sociedade. Contudo, o diferencial reside em como enfrentar tal fenômeno, dono de todos os espaços da sociedade. Assim, na forma do niilismo ativo, o homem descobre dentro de si uma força capaz de anular sua passividade e transformar

⁶⁶ *NF/FP* do outono de 1887, 9 [35], TCGM, 8. 13.

⁶⁷ PELBART, 2008, p. 98.

sua vida, mesmo que para isto seja necessário realizar um processo de destruição de tudo o que, até o momento, domina e impede o crescimento de forma saudável.

O niilismo ativo é marcado por uma força destruidora. Tem em sua essência uma dimensão proativa, não no sentido de criar valores, assemelhando-se ao leão, personagem Das três Metamorfoses do Espírito, em *Assim falou Zaratustra*, que também não consegue criar novos valores, mas por meio da sua força ativa, elimina todos os empecilhos que interrompem o processo de crescimento e amadurecimento da vida do indivíduo. “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para a nova criação – isso está no poder do leão”⁶⁸. De tal modo, o indivíduo deve sentir-se livre das amarras que o forçavam a renunciar sua própria força de ação com independência. Então, o homem descobre sua potencialidade, passando a buscar meios que assumam a sua independência, não aceitando regras sentenciadas sobre si.

Diferentemente do niilismo passivo, o niilismo ativo desperta com ânsia de dominar, de fortalecer, provocando na vida do indivíduo a saída do comodismo, fazendo nascer uma nova vontade de assumi-la, mesmo sabendo dos desafios a serem enfrentados. Tais desafios devem motivar o indivíduo a buscar sempre a superação em vista da afirmação da vida.

Ao olhar de Nietzsche, o niilismo ativo é o momento em que o indivíduo não busca mais conservar os valores supremos. A moral perde totalmente seu espaço, e indivíduo assume sua história de vida, não mais inserido no rebanho. Não obedece mais às ordens impostas como antes. “O homem ativo, violento, excessivo, está sempre mais próximo da justiça que o homem reativo; pois ele não necessita em absoluto avaliar seu objeto de modo falso ou parcial, como faz, como tem que fazer o homem reativo”⁶⁹. O homem ativo é adepto da justiça; em primeiro lugar, para com ele próprio, assumindo a responsabilidade de enfrentar os desafios surgidos. Traz à luz uma força desejosa de destruir, de forma radical, todos os valores existentes antes e que a moral religiosa luta para mantê-los vivos, como forma de dominação do indivíduo. Agora, com o niilismo ativo, o homem sai do seu conforto e busca, de maneira criativa, não negar ou negligenciar suas necessidades, mas reconhecê-las como parte de sua existência e transformá-las em força de superação. “Suportei até aqui uma tortura: todas as leis, segundo as quais a vida se desenvolve, pareciam-se estar em contradição com os valores pelos quais nós nos

⁶⁸ *Za/ZA*, I, TCGM, 6. 24.

⁶⁹ *GM/GM*, II, 11, TCGM, 6. 273.

mantemos vivos”⁷⁰. O indivíduo coloca-se em ação e vive aquilo que identifica como positivo e edificante para a sua existência.

Diante do vazio existencial, realidade do niilismo passivo, o niilismo na forma ativa é a saída, sem negar o processo de esvaziamento encontrado na modernidade que traz grande força de dominação. É preciso enfrentar o niilismo ativamente. “Nesse caso, a única saída seria conduzi-lo até as suas derradeiras consequências, e isso significa vivê-lo como niilismo ativo”⁷¹.

O niilismo ativo desencadeia no indivíduo uma força adormecida, levando-o a sair do comodismo para enfrentar a real situação presente na sociedade. Não é correto ficar fechado no comodismo, negar a coragem; ele precisa descobrir a força que existe em seu interior e que não pode ser negligenciada. É latente a busca de superação, e coragem para sair do conformismo é essencial para atravessar toda a realidade niilista presente na modernidade.

Na forma do niilismo ativo impera uma revolta a tudo o que provoca uniformização. Na linguagem nietzschiana, a tudo o que pertence ao rebanho, e por isso, é exigido que se viva do mesmo jeito. Vigora ainda um espírito totalmente livre de amarras, não aceitando a uniformização que a moral religiosa impõe ao homem. “O niilismo ativo aparece em circunstâncias sociais relativamente mais favoráveis”⁷². Por isso, é visto como oportuno para o indivíduo descobrir suas próprias forças e não permanecer escravo a imposições. O indivíduo ativo não aceita permanecer mais submisso à moral de rebanho.

A coragem faz dele um ser independente, e assim, responsável por sua própria vida diante de suas necessidades. Não há mais valores dominantes. Ele agora precisa fazer escolhas a partir de suas necessidades, sem medo de infringir normas. Os valores antigos já não têm mais força, não têm mais o que oferecer ao indivíduo. “Um niilista ativo é o – espírito livre, que reconhece a miséria dos valores transmitidos e a supera”⁷³. O niilismo ativo não alimenta um espírito esgotado, sem forças, mas por descobrir uma consciência livre, é capaz de lutar para afirmar sua existência a partir de sua própria força interior. O indivíduo niilista ativo é cheio de vontade, e por isso, sempre permanece em ação.

⁷⁰ *NF/FP* fim de 1886 – primavera de 1887, 7[8], TCGM, 8. 277.

⁷¹ GIACOIA JUNIOR, 2014, p. 240.

⁷² *NF/FP* do verão de 1886 – outono de 1887, 5[71], TCGM, 8. 204.

⁷³ LEIDEN, 2014, p. 406.

É bem verdade que nesta forma do niilismo ainda não acontece a elaboração de outros valores que sejam edificantes, levando em consideração a condição em que o indivíduo se encontra. “Atravessar integralmente até mesmo o niilismo ativo é uma tarefa que exige pensar sem subterfúgios a perspectiva de uma existência desprovida de sentido e meta, porém fazendo-o em chave afirmativa”⁷⁴. O indivíduo aqui, encontra-se totalmente livre de ressentimentos, sem peso na consciência por não ter seguido orientações impostas pela moral. Ele não se esconde. É o que realmente vive a cada instante de sua vida, e assim, precisa respeitar todas as suas condições.

Com a radicalização do niilismo ativo, desabam por terra todas as convicções, crenças e valores que por muito tempo foram capazes de orientar o indivíduo em sua caminhada. O não seguimento implica em erro e desobediência à convivência social, provocando até mesmo algumas punições. Agora, o indivíduo precisa alimentar sua máxima força para seguir a vida sem necessitar daqueles valores que antes eram identificados como os mais seguros e que proporcionavam sua realização, mesmo quando os reprimiam diante de suas vontades naturais, valores que não levam o indivíduo à superação do niilismo e nem à afirmação da vida.

No niilismo ativo, o indivíduo encontra-se, de certo modo, angustiado por ter melhor intuição de que ele não consegue criar valores. Por outro lado, sente-se fortalecido por reconhecer a necessidade de não mais precisar alimentar na sua vida os valores que, ao longo do tempo, foram sendo impostos.

Se no niilismo passivo o homem vive um processo anestésico e contenta-se em viver no comodismo e esfriamento por faltar coragem para lutar, no niilismo ativo nasce a corajosa força capaz de fazê-lo enfrentar a realidade pronto para destruir o que não valoriza a vida. “Essa figura do niilismo ativo representa um incremento de força do potencial disruptivo, e, nessa condição, ela é ainda apenas um estado intermediário – um poder negativo de destruição das condições sobrevividas”⁷⁵. O seu valor aparece no fato de descobrir a força de mudança que existe em seu interior, que mesmo sendo em um primeiro momento de destruição, deve ser valorizada, pois é a partir dessa destruição que novos horizontes surgem para uma nova realidade. Para se construir algo é necessário encontrar espaço limpo e propício ao crescimento da nova realidade que se deseja florescer. Com o niilismo ativo acontece a limpeza, a destruição. Assim, mesmo sendo

⁷⁴ GIACOIA JUNIOR, 2014, p. 242.

⁷⁵ GIACOIA JUNIOR, 2014, p. 241.

um estado intermediário, o niilismo ativo é uma base de sustentação, uma via que faz progredir a superação do niilismo.

A figura do niilismo ativo é identificada como uma realidade importante para a edificação da vida do indivíduo na cultura ocidental. É uma realidade preparatória para a construção de valores que afirmam a existência do indivíduo em sua totalidade, levando-o a descobrir a beleza que existe em seu interior.

Além disso, no entanto, ela também serve de base e preparação para um novo gesto instaurador, desta vez positivo e criador de novos valores, de novas sínteses entre metas e valores, que constituem o alicerce e o amálgama de toda cultura ascendente⁷⁶.

O niilismo ativo não consegue chegar à libertação radical do indivíduo pertencente ao rebanho. No entanto, sua forma ativa é uma postura psicológica afirmativa diante do fato do niilismo, e, conseqüentemente, devolve a ele condições para enfrentar sua realidade com uma melhor percepção, valorizando as belezas que existem na realidade imanente. Assim, ele vive tão somente aquilo que envolve sua existência.

O despertar do indivíduo para viver o niilismo na forma ativa leva-o a reconhecer a necessidade de valorizar, com a devida atenção, suas forças, assim como voltar seu olhar para a realidade concreta, isto é, a terra. O filósofo alemão mostra que é preciso se preocupar com a realidade terrena e viver a vida na totalidade, sem alimentar uma preocupação com algo de natureza incerta, como é o caso da realidade transcendente. “Mas, onde nada existe, também a verdade perdeu seus direitos. – Nada mais resta a dizer, enfim, exceto que então brotaram fontes de energia, tão poderosas que sem elas os moinhos todos do mundo moderno não girariam com a mesma força”⁷⁷. A atenção aqui é voltada para uma energia que provoca movimentação, impulsionando o indivíduo a reagir frente à realidade niilista.

Fica visível que, na forma do niilismo ativo, existe uma consciência em face da negação da vida. Com isso, dá-se início a um caminho de afirmação. Isso acontece sem excluir a presença do niilismo que ocupa todos os espaços da sociedade. No entanto, é dentro dessa realidade concreta da história que se busca a superação para afirmar a vida, reconhecendo que o indivíduo acolhe tanto as derrotas e sofrimentos quanto vitórias como partes do processo da afirmação da vida, pois sua existência é marcada por momentos de

⁷⁶ GIACOIA JUNIOR, 2014, p. 241.

⁷⁷ *MA II/HH II, I*, 226.

sucesso e insucesso, vitórias e derrotas. Diante disso, é essencial ter ciência da radicalização do niilismo na forma extrema.

1.2.3 Do extremo do niilismo desponta a vontade de superação

Nietzsche, construindo a história do niilismo, traça um percurso em que o indivíduo, ao experimentar a força desse fenômeno, toma consciência de sua existência e faz um caminho de evolução. Primeiramente, vive a lógica do niilismo incompleto, longo caminho de Sócrates e Platão, até o início da nossa modernidade. Em um novo tempo, uma nova forma de niilismo o desafia: o niilismo completo. Agora, é questão de escolha, vivendo-o passivamente ou ativamente. Por fim, revela-se o niilismo em sua forma extrema ou radical. Chega-se aqui e encara tais mudanças o indivíduo que vivência corajosamente as experiências em todas as etapas existentes. É um processo de transformação consciente, deixando para trás tudo aquilo que não valoriza a vida, tudo aquilo que tolhe a liberdade do indivíduo, aquilo que o cega e o faz simplesmente um cumpridor de normas impostas.

No niilismo extremo ou radical configura-se o estado mais alto da manifestação desse fenômeno que ocupa todos os espaços. Agora, o indivíduo toma consciência de que está totalmente no vazio. Não existe mais fundamento a não ser a sua própria existência⁷⁸. A partir dessa realidade existencial o indivíduo, consciente da situação, busca força para afirmar sua existência.

Segundo Nietzsche, com a intensificação do niilismo na forma ativa, como um espírito de força destruidora diante do vazio em que o indivíduo se encontra, nasce o niilismo na forma radical. O espírito livre vive nessa nova forma de niilismo uma dimensão de liberdade ao extremo. O indivíduo, consciente da real situação de autonomia em relação a qualquer tipo de norma, olha para as necessidades de sua existência, mesmo dando-se conta do vazio da realidade negativa que o envolve.

Agora, do indivíduo acomodado que apenas acolhia as imposições do niilismo passivo, ressurgem um novo indivíduo que, tendo vivido o niilismo ativo, deseja ir mais profundamente. Chega ao extremo do niilismo e mergulhado no vazio não esconde suas renúncias ao longo da história. E, exatamente por ser consciente, ele não aceita mais permanecer preso ao passado.

⁷⁸ ARALDI, 2004, p. 124.

O niilismo é, pois, o conhecimento do longo desperdício de força, do tormento do ‘em vão’, da insegurança, da falta de oportunidade de descansar de alguma forma, de se acalmar em relação a outra coisa - a vergonha de si mesmo, como se nós havíamos sido enganados por muito tempo⁷⁹.

Exatamente diante da existência incerta, o indivíduo olha para o seu momento presente e busca refazer-se de forma afirmativa. Assim, o niilismo radical explicita sua força a partir de uma realidade de extremo vazio, passando a existir não um outro desejo, a não ser superar e afirmar a própria existência. O niilismo na forma ativa aponta para a necessidade da radicalização. Se no niilismo incompleto busca-se algo para preencher o vazio deixado pela morte de Deus, na forma extrema o indivíduo recorre apenas à sua existência; olha para ela e busca meios para afirmá-la a partir do seu interior, identificando sua necessidade enquanto indivíduo.

Diante dessa nova realidade, o indivíduo reconhece que o mar de sua existência encontra-se totalmente aberto. Ele pode agora velejar por altos mares sem medo de transgredir limites, sem medo de punições por infringir alguma norma imposta.

Enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”⁸⁰.

Mesmo sentindo-se novamente livre, os novos horizontes exigem daqueles que vão se pôr a caminho reconhecer que o mar não se encontra totalmente limpo. Contudo, é usando de ousadia, coragem e uma vontade de busca pelo domínio de sua existência que o indivíduo enfrenta essa nova realidade. Com isso, descobre novos caminhos que proporcionam a ele afirmação de sua existência, mesmo diante de contratempos, parte da realidade existencial do indivíduo aberto a olhar novos horizontes.

Enquanto no niilismo ativo o indivíduo é consumido pelo espírito de destruição, no niilismo extremo ele tem a clareza de que não há nada, tudo está totalmente destruído. Assim, a conscientização por parte do indivíduo em estado de espírito niilista na forma extrema é fundamental para que o indivíduo busque alternativas de superação. Essa forma de niilismo apresenta-se como sendo importante para o homem⁸¹, mesmo tendo o conhecimento de que a superação do niilismo não é algo fácil de acontecer. Segundo a

⁷⁹ *NF/FP* de novembro de 1887 – março de 1888, 11[99], TCGM, 8. 256.

⁸⁰ *FW/GC*, V, 343.

⁸¹ VIEIRA, 2022, p. 237.

filosofia nietzschiana, é necessário colocar em prática a transvaloração de todos os valores que devem ser edificados a partir da realidade e necessidades do próprio indivíduo.

A transvaloração dos valores só é possível a partir da edificação de novos valores de afirmação da existência, momento em que o indivíduo assume, com coragem, enfrentar e eliminar as marcas da decadência, da fraqueza e do comodismo. É assumindo e vivendo essa realidade de destruição que o filósofo alemão aponta uma saída para a realização de novos valores que tenham como foco a afirmação da vida. “A criação teria nele o sentido de suprema afirmação da existência”⁸². Tal afirmação desponta como força ativa de superação, quando a vontade de potência é aceita e desperta no indivíduo a capacidade de dominar sua própria vida, mesmo diante de uma realidade vazia de tudo. A partir dessa realidade negativa, passa a existir uma realidade positiva. Partindo do nada, a vontade de potência faz despontar novos raios de afirmação com o projeto de transvaloração de todos os valores.

Para Nietzsche, o niilismo extremo vem carregado de uma força ativamente destruidora com relação a tudo o que, até o momento, não busca afirmar a existência. Essa forma de niilismo não aceita delimitação de certo ou errado, verdade ou mentira. Segundo a filosofia nietzschiana, o niilismo na forma extrema destrói o mundo identificado como o mais seguro, que é a realidade do suprasensível, passando a olhar para a vida do indivíduo e condição em que se encontra. O niilismo radical é a convicção da absoluta insustentabilidade da existência quando se trata dos valores superiores reconhecidos; bem como a compreensão de que não temos o menor direito de fixar um além ou um ‘em-si’ das coisas⁸³.

Enquanto no niilismo ativo há apenas a capacidade de força para destruir tudo o que provoca a negação da existência, no niilismo extremo ou radical, essa força chega ao ápice. E acontece quando o indivíduo descobre que não basta apenas destruir. É chegado o momento de repensar um caminho de afirmação a partir do nada, de superação. É preciso gerar novos valores, tendo como base o desejo de afirmação e preservação do que existe de mais sagrado neste mundo, a vida. Essa precisa ser defendida e afirmada dentro de sua existência. “O desespero diante do absurdo do mundo e da vida poderia levar ao suicídio, mas o niilismo também comporta uma confiança da fecundidade de uma negação que, por radical que seja, libera forças ainda desconhecidas”⁸⁴. O próprio desejo de

⁸² ARALDI, 2004, p. 125.

⁸³ *NF/FP* do outono de 1887, 10[192], TCGM, 8. 211.

⁸⁴ LEFRANC, 2011, p. 188.

destruir carrega uma força criadora que faz florescer um desejo de afirmação. É a partir do nada que o niilismo extremo leva o indivíduo a refletir sua condição de ser responsável.

Viver o extremo do niilismo conduz o indivíduo para uma realidade de superação. Diante disso, ele precisa fazer uma escolha: permanecer preso a tudo o que provoca a negação da vida ou descobrir uma força a partir da realidade niilista que seja capaz de fazer o caminho de afirmação. Assim, diante dessa realidade de profundo niilismo, o indivíduo necessita fazer uma opção de afirmação ou continuar negando a vida.

O processo de crescimento frente ao niilismo torna-se realidade possível se, em meio à realidade negativa, o indivíduo for capaz de abrir um espaço para afirmação, provocando de tal modo, uma mudança de negação para afirmação, de passivo para ativo. Assim, torna-se visível o processo em que tal experiência realiza um voltar-se contra sua realidade. A vontade do nada, ao passar por esse retorno, desperta o indivíduo para uma nova realidade marcada pela destruição, não de forma passiva, e sim, ativa⁸⁵, que por sua vez, cominará em uma força afirmativa da existência por parte do indivíduo.

O caminho de reconhecimento por parte do indivíduo em face da realidade do niilismo, deve despertá-lo para uma afirmação da vida, pois, esse processo não pode ser entendido como algo que provoque delimitação do avanço do niilismo. Na verdade, isso declara uma radicalização do niilismo sem o medo de enfrentá-lo até as últimas consequências e lutar para superar.

O fenômeno do niilismo tem uma força destruidora, e, dessa realidade destruída, o indivíduo é levado à radicalização do niilismo extremo, fazendo nascer raios de luz para a afirmação da sua própria existência⁸⁶. A partir da situação existencial, tudo deve ser refletido, e nada pode ser edificado sem pensar na condição de indivíduo ativo e responsável por suas ações.

Pela radicalização do niilismo, de acordo com Nietzsche, o indivíduo dá-se conta do grande “em vão” que ele vive, e a partir dessa consciência, desperta uma coragem transformadora para sair da realidade de vazio total. Ele descobre força afirmativa para enfrentar sua nova condição de existência.

Para o filósofo alemão, a vida é construída por momentos de fraqueza e de força, de queda e de superação, denominado de *amor fati*. Aqui, nada pode ser deixado de lado, é preciso acolher o destino. Tudo é parte da vida, e nada pode ser visto como empecilho. O fato de acolher todos os momentos da vida, sem fazer um juízo de valor e entender os

⁸⁵ PELBART, 2008, p. 102.

⁸⁶ ARALDI, 1998, p. 88.

momentos negativos como castigo e os positivos como graça, é um percurso de afirmação da existência.

No niilismo extremo, o indivíduo descobre sua força para enfrentar e transformar esse desinteresse, essa negação da vida em uma realidade de afirmação. Ele é um espírito livre, e por isso, segundo o filósofo alemão, o indivíduo tem força para lutar pela sua afirmação de forma individual e não deve permanecer preso ao rebanho que não o leva à superação, e sim, torna-o fraco e doente.

O niilismo na forma radical não pode ser entendido como um simples conceito. Entretanto, em conformidade com a filosofia nietzschiana, deve ser compreendido, assumido e vivido na sua radicalidade. O filósofo, com o seu processo genealógico, deixa explícito que, a sociedade de Sócrates aos dias atuais, vive uma realidade de negação de sua existência. Com isso, tece forte crítica à religião e, em especial, à moral religiosa que não oferece opções de crescimento ao indivíduo.

Só se tem mais tarde a coragem para aquilo que se sabe propriamente. O fato de ter sido até aqui niilista de maneira fundamental foi algo que só admiti há pouco tempo: a energia, a indiferença com a qual segui em frente como niilista me iludiu em relação a esse estado de fato fundamental. Quanto se vai ao encontro de uma meta, parece impossível que a “ausência de metas em si” seja a nossa crença fundamental⁸⁷.

Nietzsche, ao tomar consciência de forma mais profunda da real situação em que a sociedade se encontra, reconhece e destaca a importância do niilismo na forma radical, pois dele nasce a força transformadora da própria realidade de negação. O filósofo destaca a necessidade de descobrir, mesmo dentro de uma realidade sem meta, uma meta que seja capaz de afirmar e defender a vida em todas as suas faces.

No niilismo extremo acontece uma transformação da força, fazendo florescer, mesmo de dentro de uma realidade extremamente niilista marcada pela negação, uma reação de força positiva. É fundamental o desabrochar dessa força, não apenas no indivíduo, e sim, em tudo o que envolve a realidade de vida presente na cultura ocidental. “A forma extrema de niilismo seria sustentar que toda fé, toda crença na verdade é necessariamente falsa: porque não existe mundo verdadeiro”⁸⁸. O niilismo na forma extrema destaca realmente a existência do vazio, e com isso, não faz sentido para Nietzsche permanecer preso a crenças sem consistência.

⁸⁷ *NF/FP* do outono de 1887, 9 [123], TCGM, 8. 23.

⁸⁸ *NF/FP* do outono de 1887, 9[41], TCGM, 8. 15.

É diante da realidade de não aceitação e confiança em crenças passadas que o niilismo extremo faz florescer uma dimensão de afirmação de valores que estejam em profunda configuração com a vida dentro do seu real contexto existencial. Para isso, Nietzsche revela a necessidade da transvaloração de todos os valores, pois, se antes os valores eram edificados a partir de uma orientação divina, agora é preciso que eles tenham como fonte originária a condição de existência do indivíduo.

De acordo com a filosofia nietzschiana, o niilismo é um momento importante na cultura ocidental, pois essa realidade niilista leva o indivíduo a descobrir que ele olha para o vazio, para o “em vão” de sua existência. Entretanto, é a partir dessa consciência que ele precisa despertar sua força, e assim, assumir com coragem suas responsabilidades. O niilismo é desse modo um passo fundamental no caminho de descoberta de força, tanto do homem quanto da própria sociedade⁸⁹.

O niilismo na forma extrema leva o indivíduo, espírito livre, a não negá-lo. Entretanto, ao mesmo tempo em que tem ciência de sua presença, também descobre uma força interior carregada de vontade de viver e afirmar sua existência dentro dessa realidade terrena. Vê-se na realidade niilista que o indivíduo é levado a descobrir ser ele mesmo o primeiro responsável a olhar para sua vida e valorizá-la em qualquer situação.

Nietzsche olha para a realidade e a identifica como doença. Cabe ao homem despertar sua força e coragem para enfrentar os desafios e as crises que, ao longo da história ocidental, foram ganhando força e poder, a ponto de dominar todos os espaços da sociedade. Assinala que a fonte originária de toda essa realidade de fraqueza e negação da vida vem da moral tradicional. Contudo, o niilismo pode ser enfrentado a partir de dois olhares: o niilismo pode ser um sinal de fraqueza, e com isso, o indivíduo pode permanecer totalmente dominado por ele. Por outro lado, pode ser um sinal de resistência, de vontade e de força que, mesmo vivendo o extremo do niilismo, descubra sua capacidade de intensificação de força do espírito que se ergue corajosamente para lutar pela afirmação da vida e da realidade⁹⁰. Diante do fenômeno do niilismo, o indivíduo é provocado a fazer escolha.

Nietzsche, ainda, destaca a importância da radicalização do niilismo extremo que leva o indivíduo a fazer escolhas e a descobrir, no seu interior, essa força corajosa para enfrentar toda a realidade sem o auxílio da moral religiosa, com sua norma de negação da vida. O indivíduo agora é o responsável direto por mudanças, levando à negação ou à

⁸⁹ WOODWARD, 2016, p. 43.

⁹⁰ ARALDI, 1998, p. 76.

afirmação da vida, sem esperar uma resposta pronta de como ele deve se posicionar diante das situações e percalços.

Nietzsche deseja com o processo de radicalização do niilismo fazer florescer em meio à realidade catastrófica do niilismo um caminho de crescimento. Busca despertar o indivíduo para enfrentar o niilismo e chegar assim a um caminho de assenhoreamento que acontece por meio da superação da realidade negativa. O niilismo extremo leva o indivíduo ao desejo de crescimento de força, buscando ser superior àquela realidade negativa. É um processo que vai da catástrofe ao assenhorear-se, do extremo negativo ao positivo da afirmação da vida⁹¹. Com isso, o indivíduo precisa fazer um trabalho de seleção e reconhecer os valores que a realidade terrena tem a oferecer e a contribuir para com a afirmação de sua existência.

O niilismo extremo vai excluir, de forma radical, todos os valores identificados como fundamentais ao longo da história ocidental. Diante dessa realidade de destruição, o filósofo apresenta como solução a criação de novos valores, cujo objetivo é levar o indivíduo a viver de forma saudável, vigorosa e afirmativa. “A terrível mensagem do niilismo é que o nada e o ‘em vão’ constituem a verdade de nossos supremos valores; este é o limiar histórico que suscita e torna urgente o advento de novas tábuas de valor”⁹². Os novos valores não podem ter como base algo que esteja fora da realidade do indivíduo. Logo, é preciso olhar para a singularidade do indivíduo e elaborar, a partir dele, essa nova tábua de valores.

Sendo o niilismo esse processo de profundo esgotamento de forças, chegando assim à sua forma mais extrema, Nietzsche destaca a importância de não mascarar essa real situação, e sim vivê-la em percurso de superação. Alimenta-se aqui, uma atitude psicologicamente positiva, aberto para acolher o fato e não se deixar levar pelos desafios, pois não absorvendo o niilismo psicologicamente, o indivíduo consegue enfrentá-lo teoricamente⁹³. E, a partir dessa realidade negativa, despertar a força criadora que existe em cada homem. No entanto, para que aconteça a superação do niilismo, é necessário primeiro percepção e vivência, indo até as últimas consequências.

[...] porque o niilismo é a lógica pensada até o fim de nossos grandes valores e ideias – porque precisaremos primeiro vivenciar o niilismo, para que

⁹¹ ARALDI, 2004, p. 123.

⁹² GIACIOIA JÚNIOR, 1997, p. 34.

⁹³ FEILER, 2018, p. 23.

cheguemos a descortinar qual era propriamente o valor desses “valores” ...
Alguns dias teremos a necessidade de novos valores ...⁹⁴.

A partir dessa clareza do niilismo experimentado na sociedade, é necessário um processo, um movimento contrário para chegar à superação de tal fenômeno e à afirmação da vida. O niilismo na forma extrema faz o indivíduo deixar nascer do seu interior aquilo que é próprio da natureza de espírito livre; o desejo de crescimento e de afirmação, não fora dessa existência.

O niilismo na forma extrema carrega em sua essência força de superação de toda a realidade negativa, e por esse motivo, não aceita que o indivíduo, possuidor de um espírito livre, permaneça preso a crenças que não o ajudem à afirmação de sua própria existência. É a partir da radicalização do niilismo extremo que o indivíduo tem a coragem de lutar por uma vida saudável.

O mais extremo niilismo não é aquele que se detém na destruição a que conduz o tormento do “em vão”, o ódio nadificante da ausência de todo sentido; o mais extremo niilismo é aquele para o qual o sentido e o valor se deslocam da “coisa em si” para o núcleo de toda a valoração, para a vontade que cria e institui todo valor⁹⁵.

Assim, o niilismo extremo, ao mesmo tempo que carrega uma força de destruição de tudo o que provoca a negação da vida, traz também a carga do forte desejo de crescimento, uma força vigorosa capaz de levar o indivíduo a renovar-se, e com isso, enfrentar toda a situação que seja contrária à sua anulação ou que imponha limite diante do seu fortalecimento existencial.

A presença dominadora do niilismo extremo é a confirmação da total destruição de todos os valores que, até o presente, eram reconhecidos como os mais seguros e verdadeiros, e que o indivíduo precisa segui-los para permanecer em ordem com a sociedade e ter no futuro uma vida feliz. “O fato de não haver nenhuma verdade: o fato de não haver nenhuma constituição absoluta das coisas, nenhuma ‘coisa em si’ – isso é por si mesmo um niilismo, e, em verdade, o mais extremo”⁹⁶. A partir dessa radicalização do niilismo o indivíduo assume a responsabilidade de espírito livre.

O niilismo extremo aponta para o início de uma nova história. Agora, é necessária a edificação de novos valores, tendo como principal objetivo, não mais a vida no mundo

⁹⁴ *NF/FP* novembro de 1887 – março de 1888, 11 [411], TCGM, 8. 393-394.

⁹⁵ GIACOIA JÚNIOR, 1997, p. 43.

⁹⁶ *NF/FP* do outono de 1887, 9 [35], TCGM, 8. 13-14.

suprassensível, e sim, a afirmação da vida dentro da realidade terrena, o que existe de mais concreto e real. A afirmação da vida nasce a partir da superação do extremo do niilismo.

O niilismo extremo é um estado fundamental para a libertação do indivíduo de toda prisão vivida. É a partir dessa realidade de profundo vazio, do “em vão”, que ele precisa descobrir a sacralidade da vida, e assim, enfrentar com todas as suas forças o fenômeno do niilismo, tendo como meta algo que seja real, sua própria vida. O niilismo extremo é o estado de espírito em que o indivíduo toma consciência do grande vazio existencial em que ele encontra-se mergulhado. Entretanto, ele é o único responsável por sua existência, tendo a liberdade de deixar-se afogar pelo niilismo ou enfrentá-lo com suas forças e vontade de assenhoreamento, passando a elaborar valores afirmativos para a vida com um olhar voltado para sua existência, não negligenciando ou excluindo suas necessidades enquanto indivíduo.

Compreender as várias formas de manifestação do niilismo, reconhecendo sobretudo sua dinamicidade, é caminho primordial para se elaborar uma metodologia de superação em face do Cristianismo que se apresenta como fator que impõem suas regras com força de dominação à vida do indivíduo na sociedade, contribuindo para a perpetuação do niilismo, e conseqüentemente, sua afirmação.

2 O CRISTIANISMO COMO RADICALIZAÇÃO DO NIILISMO

No capítulo anterior buscou-se realizar um caminho de reconhecimento no tocante à origem e formas de manifestação do fenômeno do niilismo no decorrer da história. Agora, revela-se sua disseminação na cultura ocidental que contribui para esse processo ganhar espaço, e por fim, que sinal pode ratificar a radicalização do niilismo. O objetivo é dar um passo a mais no processo de solução para o problema em pesquisa, a saber, a superação do niilismo para a afirmação da vida em Nietzsche.

2.1 A moral tradicional como impossibilidade de superação

Nietzsche, exímio observador do momento cultural e do comportamento do indivíduo daquela época, identifica grande fragilidade ocupando todos os espaços da modernidade, um mal-estar provocado pela morte de Deus. Assim, o pensador alemão tece pesadas críticas à então tradição filosófica, consolidada ao longo da história, por meio das ideias de Sócrates e de seu discípulo Platão, baseadas sobretudo, na moral tradicional.

Nietzsche afirma que os filósofos Sócrates e Platão se distanciam dos interesses da física e da cosmologia, voltando o olhar, de forma singular, para os valores morais, especificamente, que não contribuem para com o crescimento do indivíduo, mas sim, provocam seu enfraquecimento, atingindo toda a história cultural. “A longa história da moralização surge de uma vontade que se volta contra a vida e contra si mesma, tendo como consequência a doença, a perda de sentido, o niilismo”⁹⁷. Esse fenômeno vai se firmando ao longo da história e chega ao seu ponto máximo com o avanço da ciência e com a contribuição da moral tradicional que não colaboram para com a superação do niilismo.

Nietzsche dá atenção especial ao tema da moral em suas críticas filosóficas, classificando-a como caminho de promoção daquilo que é frágil, de negação da vida. Segundo o olhar nietzschiano, ao longo da história, a moral não oferece ao homem condições para alimentar sua vitalidade, tampouco desenvolve força suficiente para enfrentar a realidade existencial com liberdade e coragem diante dos desafios de afirmar a vida. Considera os valores edificados pela moral tradicional como sendo um conjunto

⁹⁷ ARALDI, 2004, p. 77.

de normas que define o indivíduo como perfeito, edificante e salutar para a sua vida, quando na verdade, tais normas impostas, contrariamente, levam o indivíduo ao enfraquecimento, diminuição das forças e adoecimento⁹⁸. Com isso, o processo de superação da realidade de negação da vida fica comprometido.

Nietzsche critica fortemente a moral tradicional vigente, destacando como aquela que não corresponde mais às necessidades do indivíduo que não se encontra mais no passado, e agora, suas necessidades são outras. Para Nietzsche, a moral tradicional não acompanha a mudança do tempo, não se dá conta de que muitas coisas na cultura passam por transformações e, também o indivíduo vive outras necessidades. Entretanto, a moral continua fincada no passado, sem deixar de impor suas normas no presente. Segundo o filósofo, há urgência em repensar uma moral que possa reconhecer as necessidades do indivíduo da modernidade. Essa moral se daria a partir da valorização das necessidades do indivíduo no presente, oferecendo condições para que realize o processo de superação do niilismo e chegue à afirmação da vida. E Nietzsche, tendo um olhar diferenciado da cultura, compreende a modernidade como um espaço favorável de crescimento. Para isso, é necessário a elaboração de normas que atendem para as necessidades do próprio tempo e contexto de vida do indivíduo dentro de sua realidade existencial⁹⁹.

Com a constatação sobre o problema da moral tradicional, Nietzsche busca o caminho da genealogia da moral, expressão elaborada pelo autor para provocar uma desconstrução, demolição, sem medo de martelar todos os valores tradicionais que, até o momento, foram edificados e não geram superação, nova força, fortaleza e coragem para combater os desafios da vida, sem buscar negá-los ou temê-los.

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais de desenvolveram e se modificaram [...] ¹⁰⁰.

Essa nova exigência assinalada pelo filósofo demanda coragem para perguntar pelos fundamentos dos valores morais, sem receio. A genealogia nietzschiana consiste em um aprofundar-se da realidade, conhecendo a fundo a real situação da cultura, levando em conta a origem e as condições em que foram edificados tais valores e perguntar pelo

⁹⁸ FEILER, 2011, p. 26.

⁹⁹ VAZ, 2020, p. 124.

¹⁰⁰ *GM/GM*, Prólogo, 6, TCGM, 6. 218.

valor norteador capaz de determinar algo como valor a ser seguido na vida¹⁰¹. O processo genealógico preza por buscar nos valores a essência do próprio valor, indo desse modo, às suas origens, fontes primárias de desenvolvimento do determinado valor. “Na ótica nietzschiana, a questão do valor apresenta duplo caráter: os valores supõem avaliações, que lhes dão origem e conferem valor; as avaliações, por sua vez, ao criá-los, supõem valores a partir dos quais avaliam”¹⁰².

Para o processo genealógico conseguir alcançar o seu objetivo, faz-se necessário buscar uma moral que tenha como critério primeiro, aquele que não pode ser avaliado, porém, possa ser avaliador, diferente da moral tradicional e dogmática. Assim, o novo critério para a edificação de qualquer tipo de valor não pode ser outro diferente do próprio valor da vida, pois, a vida é o único critério com força suficiente para impor sobre si mesma e apresenta-se como valor avaliativo na construção de um valor a ser vivido. “É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado”¹⁰³. Para Nietzsche, a vida é o único critério justo que pode aprovar ou reprovar a edificação de qualquer norma a ser seguida; tem a capacidade de realizar um processo de atualização das normas de forma mais eficiente possível.

A partir da genealogia da moral, Nietzsche provoca a exclusão dos fenômenos morais, buscando aprofundar-se, a fim de conhecê-los e interpretá-los. Provoca aproximação da moral com os valores vividos na realidade pelo indivíduo, fazendo com que sejam esclarecidos os motivos que determinam valor como valor. A interpretação a partir da vida é fundamento para determinar uma norma como valor. Desse modo, a base fundamental de avaliação, tendo como resultado aprovação ou reprovação para a imposição e classificação do valor é a vida¹⁰⁴. Antes de criar, é preciso avaliar a sua importância, necessidade e como passa a contribuir, na realidade, no processo de superação do vazio para chegar à afirmação da vida.

Usando o método da genealogia da moral, Nietzsche constata as irregularidades presentes na moral tradicional, desaprovando e criticando ser ela uma moral de negação da vida, niilista, de não superação das forças. Diante disso, o filósofo reconhece que o indivíduo vive um momento de prisão imposta pela moral ocidental. Esta, usando de suas

¹⁰¹ AZEREDO, 2016, p. 243.

¹⁰² MARTON, 1993, p. 61.

¹⁰³ *GD/CI*, II, 2, TCGM, 6. 63.

¹⁰⁴ AZEREDO, 2016, p. 243.

exigências, leva a um processo de enfraquecimento do indivíduo, e conseqüentemente, faz com que ele possa causar o mesmo na vivência cultural.

O processo genealógico defendido por Nietzsche ocupa-se em defender a vida do indivíduo em sua totalidade. Destaca que, para isso acontecer, é necessário a elaboração de valores capazes de reconhecer a essência da existência do indivíduo e sua força interior como fio condutor, levando-o à superação do niilismo para a afirmação da vida. “Na natureza obtemos prazer quebrando galhos, removendo pedras, lutando com animais selvagens, para nos tornar conscientes de nossa força”¹⁰⁵. Nietzsche não quer uma moral facilitadora, e sim, uma moral que apresente valores que despertem o que é próprio da natureza do indivíduo, para que possa enfrentar as guerras existenciais. Uma moral que não valoriza essa força é uma moral negadora da vida, uma moral radicalizadora do niilismo.

A moral tradicional conduz a uma diminuição de força, é niilista. Não é uma moral que faz brotar no interior do indivíduo a força que o impulsiona a descobrir, na própria vida, o prazer de lutar para superar os desafios nascidos ao longo da existência. “Sem prazer não há vida; a luta pelo prazer é uma luta pela vida”¹⁰⁶. A moral tradicional não prepara o indivíduo para encarar suas batalhas e realizar-se no próprio fato de combater, no superar-se e afirmar-se em todos os seus atos.

Embora sendo um forte crítico da moral tradicional, Nietzsche não é visto como um pensador amoral. Por outro lado, reconhece-se ser ele contra todo tipo de moral dogmática, que não valorize o crescimento de força, que alimente doutrina de negação de vida. Assim, Nietzsche identifica a moral tradicional como uma moral geradora de fraqueza, impotente, alimentadora do que é fraco. Essa forma de moral ele a classifica como uma moral dos fracos¹⁰⁷. Uma moral assim é nociva à vida. Não conduz o indivíduo à superação do niilismo.

Entretanto, Nietzsche concorda com uma moral que seja capaz de despertar no indivíduo e na cultura aquilo que é próprio de sua natureza, a saber, a força, o desejo de crescimento, a luta em vista da afirmação da vida, a coragem para enfrentar os desafios da realidade existencial, sem esquivar-se perante esses desafios. Para o filósofo, aqui há uma moral valiosa, necessária; ela é assim uma moral salutar. Valoriza o que realmente precisa ser valorizado, despertando o homem para um caminho de superação do niilismo,

¹⁰⁵ MA I/HH I, II, 103.

¹⁰⁶ MA I/HH I, II, 104.

¹⁰⁷ FEILER, 2011, p. 36.

e como resultado positivo, à afirmação da vida¹⁰⁸. Eis a moral que Nietzsche anseia a cada aurora.

Segundo Nietzsche, essa moral afirmadora aguça o senso de singularidade, oferecendo ao homem um caminho de saída do rebanho e, conseqüentemente, a cura do ressentimento. Nietzsche não deseja exterminar todas as regras, entretanto, ele deseja a reorientação de todas as normas costumeiras, com olhar positivo sobre o indivíduo. Não basta elaborar um compêndio de normas. Elas precisam estar a serviço da vida, valorizar o crescimento do indivíduo, mostrar sua capacidade de ascensão e prontidão para guerrear em chave afirmativa.

Diante do processo genealógico, Nietzsche constata que a moral tradicional causa ressentimento, contribuindo para o enfraquecimento das forças do indivíduo e abrindo espaço, cada vez maior, para que aconteça a radicalização do niilismo na cultura ocidental, e, conseqüentemente, não consegue realizar o processo de superação do niilismo para a afirmação da vida.

2.1.1 O ressentimento decorrente da moral tradicional

O ressentimento apresenta-se como um estado patológico, compreendido como uma forma de doença que provoca no indivíduo uma limitação ou deslocamento de forças diante das ações que precisam fluir ao longo da vida. Neste caso, dois elementos são importantes: a memória e a consciência. Esta, por sua vez, deve permanecer sempre aberta, acolhendo os fatos que acontecem no presente. Entretanto, segundo Nietzsche, a consciência não tem necessidade de guardar, de forma eternizada, tais fatos vividos. Quanto à memória, tem força suficiente para invadir a consciência. E quando isso acontece, provoca grande estrago, pois, com as lembranças que consegue arrastar para o presente, abre forte chaga na consciência¹⁰⁹ não gerando meios para a superação do niilismo e afirmação da vida.

Quando a consciência do indivíduo é invadida pela memória, fazendo com que ela traga presente as normas impostas, floresce o ressentimento. Tal situação acontece a partir do momento em que a memória invade a consciência, impedindo a recepção de novos estímulos, dando atenção às lembranças: “[...] a animalidade e suas caretas selvagens; sua memória recua longe o suficiente, enquanto seu estado civilizado evolui a partir do

¹⁰⁸ FEILER, 2011, p. 36.

¹⁰⁹ AZEREDO, 2016, p. 364.

esquecimento dessas experiências primitivas, isto é, do relaxamento da memória”¹¹⁰. Quanto mais distante dessas memórias a consciência permanecer, mais saudável o indivíduo vai ficar, pois continua com a consciência livre para acolher as novas experiências, sem juízo de valor moral.

A moral tradicional passa constantemente a pressionar a memória a usar de sua capacidade para intervir na consciência do indivíduo, instigando uma reminiscência, e como consequência, causando o afloramento de um estado patológico. “A proximidade de homem e coisa molesta, as vivências calam fundo demais, a lembrança é uma ferida supurante”¹¹¹. A memória desperta na consciência as normas impostas pela moral. Posto isso, a consciência deixa de valorizar os acontecimentos presentes. Enquanto o esquecimento é algo saudável e seguro para o desenvolvimento da consciência, a memória provoca, de forma acentuada, o aceleração do ressentimento, não respeitando a consciência.

Tal apropriação causa no indivíduo um robusto sentimento de ódio contra todos aqueles que agem diferente dele. “Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa”¹¹². No entanto, o indivíduo com esse sentimento carrega intrínseca impotência e não se esforça para enfrentar e superar o niilismo em busca da afirmação de sua existência. O indivíduo ressentido apresenta sua fragilidade por meio do ódio, e, na relação com os demais, comporta-se sempre de forma agressiva. Como bem destaca Nietzsche, “Não se sabe nada rechaçar, de nada se desvencilhar, de nada dar conta – tudo fere”¹¹³. O ressentido não consegue eleger uma outra solução para os seus problemas a não ser reagindo de forma rancorosa, classificando todas as ações a ele direcionadas como agressões¹¹⁴.

O indivíduo da moral ressentida apresenta como fragilidade, além do ódio, um comportamento vingativo contra todos aqueles que, ao seu olhar, são fracos e incapazes de realizar o que é preciso. Como bem destaca Marton: “É da própria impotência que nasce e se alimenta seu desejo de vingança”¹¹⁵. A vingança e o ódio são características do indivíduo ressentido, que mesmo não assumindo sua fragilidade, transfere para o outro realmente forte. Assim, destaca o filósofo: “O que gostaria de sublinhar é a circunstância

¹¹⁰ *M/A*, IV, 312.

¹¹¹ *EH/EH*, I, 6, TCGM, 6. 279-280.

¹¹² *GM/GM*, I, 7, TCGM, 6. 232.

¹¹³ *EH/EH*, I, 6, TCGM, 6. 279.

¹¹⁴ AZEREDO, 2016, p. 365.

¹¹⁵ MARTON, 1993, p. 56.

de que essa nova nuance de equidade científica (em favor do ódio, do despeito, da inveja, da suspeita, do rancor, da vingança) nasce do próprio espírito do ressentido”¹¹⁶.

Mergulhado no ódio, vingança e rancor, o indivíduo não consegue valorizar o que há de positivo no outro, passando assim a depreciar o ritmo de vida daqueles que não obedecem às mesmas regras morais. Na realidade, o ressentido faz uma transferência de seu estado patológico para o outro, seja próximo ou distante, deixando claro que o outro encontra-se profundamente doente, seguindo o ritmo da vida de forma errada. Além disso, indivíduo não disponibiliza de forças o suficiente para sair do seu estado de vazio. “Apesar do fato de se tornar incapaz de agir, com vistas à superação de obstáculos, apresenta ainda o veneno da contaminação daqueles que se mostram dispostos a agir e se superar”¹¹⁷. Na verdade, ele é quem vive o niilismo e não consegue abrir caminho para uma possível superação desse estado de espírito em vista da afirmação da vida. Vê-se totalmente tomado pelo ressentimento.

O indivíduo ressentido provoca transformação em sua vida. Acredita ser forte quando, na verdade, está entregue à fraqueza e, definhando-se não disponibiliza de coragem para empenhar-se na conquista do seu desejo. Segundo Nietzsche, o ressentido se reconhece como um virtuoso por ser capaz de renunciar a suas vontades, usando de paciência e resignação diante das várias situações da vida que exigem dele ser realmente forte. Isso apenas mostra ser ele um indivíduo fraco e contaminado pela moral do ressentimento¹¹⁸. Julga os outros e não consegue julgar a si.

Diante da falta de coragem para encarar as responsabilidades inerentes à realidade imanente, o indivíduo defende a existência de um outro mundo reservado apenas para aqueles que vivem uma vida de renúncia e paciência, o que seria para Nietzsche, os fracacos deste mundo que não têm a coragem de agir como é próprio de sua natureza. Na linguagem nietzschiana, este mundo é sustentado por homens que não conseguem sair de sua condição patológica de ressentido e enfrentar a realidade da vida¹¹⁹. Tal mundo, forjado pelos indivíduos ressentidos, é uma realidade de afirmação para tais indivíduos distantes da realidade concreta, a terra, e que só conseguem chegar na dimensão transcendente e receberem a merecida recompensa após a experiência da morte.

¹¹⁶ *GM/GM*, II, 11, TCGM, 6. 272.

¹¹⁷ FEILER, 2024, p. 10.

¹¹⁸ MARTON, 1993, p. 55.

¹¹⁹ MARTON, 1993, p. 55.

Os realmente fortes não seguem a moral como deveriam seguir, são vistos como descumpridores das normas, não buscam viver a felicidade. Os ressentidos sempre olham para os outros e os classificam como aqueles que caminham de forma errada, descumpridores da moral¹²⁰. Direciona sua fraqueza para o que realmente é forte e vigoroso, invertendo assim o seu estado patológico.

A moral tradicional acarreta, por meio do ressentimento, uma fragilidade quanto à força do indivíduo, fazendo com que ele acredite que o seu sucesso ainda não foi concretizado, não por sua culpa, mas porque os outros não são capazes de ser fortes tanto quanto ele. Assim, o seu sofrimento, quedas e fracassos não são devidos às suas fraquezas, mas sim, culpa dos outros que não têm forças para realizar tamanha responsabilidade. “Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força”¹²¹. A moral tradicional suscita no indivíduo ressentido inversão de valores, pois o doente, ressentido e fraco, não se vê dessa forma, acreditando ser forte. Por outro lado, aquele que é forte, capaz de enfrentar os desafios da vida, aquele que tem saúde e não se deixa ser dominado pela moral tradicional, quando faz uso da memória sobre a consciência, é tido como o doente. O indivíduo ressentido provoca inversão de sua própria situação para livrar-se de sua condição patológica.

A moral tradicional, por meio do ressentimento, impõe ao indivíduo invasão à sua consciência, fazendo com que ele se conserve preso ao passado, seguindo normas passadas que foram elaboradas dentro de certas necessidades e que já não se adequam mais à vida em constante devir. Isso apenas confirma que a moral tradicional contribui fortemente no processo de radicalização do niilismo na cultura ocidental não sendo capaz de gerar a superação do niilismo para a afirmação da vida. O ressentimento destaca a fragilidade presente na moral tradicional e que, ao longo da história, foi contribuindo para a disseminação e radicalização do niilismo na cultura¹²².

Diante disso, torna-se cada vez mais evidente que a moral foi elaborada dentro de um determinado tempo. As normas não são eternas. Elas têm sua origem a partir de necessidades advindas ao longo da história, e, para melhor organizar a convivência, é preciso criá-las. Entretanto, a moral tradicional não realiza um processo de atualização de

¹²⁰ LECCE, 2014, p. 496.

¹²¹ *GM/GM*, I, 13, TCGM, 6. 244.

¹²² FEILER, 2024, p. 10.

acordo com o tempo, provocando o seu retardamento. E, o indivíduo que sempre tem sua consciência invadida pela memória permanece um ressentido. Não consegue olhar o presente e acolher os fatos novos, pois sua consciência, invadida pela memória, exige que ela siga os valores antigos e não acredite nos novos.

Segundo Nietzsche, a moral tradicional contribui fortemente para o processo de radicalização do niilismo na cultura, sobretudo quando impõe à memória não esquecer as normas tradicionais, criando assim, um indivíduo fraco, rancoroso, vingativo e que odeia próximos e distantes. Ainda mais, essa moral não valoriza o presente, e com isso, cria uma separação entre os indivíduos. Nietzsche a classifica como a moral dos senhores e dos escravos.

2.1.2 O sentido senhorial e escravo da moral

Nietzsche atribui à moral tradicional características de moral ressentida. Elege então, dois tipos de moral, classificando-as como moral dos senhores e moral dos escravos. A composição de cada grupo acontece a partir da maneira em que cada indivíduo enfrenta sua própria condição existencial. É a ação frente aos desafios que distingue a qual moral o indivíduo pertence, se a moral dos senhores ou dos escravos.

Nietzsche é claro em reconhecer a moral dos senhores como a mais importante e saudável, pois busca a superação do niilismo e tem ânsia por afirmar a vida. Caracterizada pela aprovação do diferente, valoriza o desejo de superioridade e busca romper os meios elementares de manutenção na igualdade, fazendo dessa característica o fundamento estabelecido de qualquer critério avaliativo. “Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu – e este Não é seu ato criador”¹²³.

O não como ato criador provoca uma verdadeira inversão do ponto gerador de valores como o mais seguro, isso é, o indivíduo. Por esse motivo, o filósofo alemão tem um olhar de reprovação para com a moral dos escravos. Destaca como pontos característicos desse grupo a forte aceitação e acolhimento da igualdade, do inclinar-se para receber ordens de outros. Opta pela fraqueza como o mais seguro para afirmar sua existência, esquecendo-se das próprias forças por não conseguir olhar para si e seguir o outro. Destaca Nietzsche, “[...] a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo

¹²³ *GM/GM*, I, 10, TCGM, 6. 236.

oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação”¹²⁴. O escravo sempre vai necessitar do seu senhor para dizer como ele deve praticar suas ações. Vive uma vida de dependência, permanecendo escravo do seu senhor.

É visível a relação antagônica entre a moral dos senhores e a moral dos escravos. O antagonismo não acontece apenas como uma metodologia facilitando a compreensão entre as duas formas de viver a moral. Se por um lado, destaca-se a real distinção que existe quanto a relação valorativa entre elas, por outro lado, ganha evidência a relação entre os senhores e os escravos¹²⁵.

Feitas as devidas distinções sobre os fundamentos de cada moral, senhores ou escravos, faz-se necessário destacar como acontece a relação entre elas. O senhor assume o escravo por reconhecer nele uma fragilidade que o impede de ascensão existencial. Por isso, ele é visto com desprezo nessa relação. Por outro lado, o escravo olha para o senhor com descrença, passando a alimentar uma visão depreciativa para com ele. “As diferenciações morais de valor se originaram ou dentro de uma espécie dominante, que se tornou agradavelmente cônica da sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de qualquer grau”¹²⁶. O indivíduo em sua condição de escravo, olha para o senhor e vê, enquanto escravo, que não lhe foi dado o direito de ser senhor e, por isso, ele deve viver a sua vida e aceitar de forma passiva sua condição. Entretanto, chegará o momento em que, como escravo, receberá sua verdadeira recompensa. Nada saudável e sequer elemento de contribuição para a superação do niilismo.

A moral dos escravos alimenta-se e refugia-se na obediência e na passividade; não reverte sua opressão, aceita ser desprezível, não busca descobrir força para enfrentar os desafios da vida, mas tem esperança de receber recompensa no futuro, realidade incerta, ao se tratar de tempo e lugar. Vê-se claramente como os escravos, fracos para se afirmarem, sentem a necessidade de negar aqueles a quem eles não conseguem se igualar¹²⁷.

Quanto àqueles que formam a moral dos senhores, existe um outro pensamento estruturado, sobretudo, pela ânsia de dominação, busca de crescimento, luta por poder, e não para serem reconhecidos simplesmente como poderosos. Para aqueles que vivem

¹²⁴ *GM/GM*, I, 10, TCGM, 6. 236.

¹²⁵ AZEREDO, 2016, p. 312.

¹²⁶ *JGB/BM*, IX, 260, TCGM, 6. 178.

¹²⁷ MARTON, 2000, p. 80.

orientados pela moral dos senhores é claro o reconhecimento do valor da vida quando a ela é oferecida caminho de superação de suas fraquezas. A partir disso, as barreiras encontradas ao longo do caminho, não lhes apresentam apenas como obstáculos. São muito mais caminhos de superação de suas próprias forças. Vislumbra-se um passo rumo à superação do niilismo.

Para Nietzsche, o processo avaliativo da moral dos escravos é permeado pelo medo, tendo como consequência o definhamento das forças. Tal moral consegue controlar as ações dos seus membros que são totalmente regradados em suas atitudes cotidianas, vivendo dentro da norma. “O quanto de perigoso para a comunidade, para a igualdade, existe numa opinião, num estado ou afeto, numa vontade, num dom, passa a constituir a perspectiva moral: o temor é aqui novamente o pai da moral”¹²⁸. Esse tipo de moral impõe aos seus adeptos como devem comportar-se na relação. E, para não quebrar as normas estabelecidas com a moral, provoca um fechamento gerando uma uniformidade, o que é algo negativo por gerar impotência e fraqueza na vida dos indivíduos. Aqui não acontece o desejo de superação do vazio existencial.

Quanto à moral dos senhores, não há espaço para o medo. A cada aurora, o que existe é um desejo de superação e afirmação. O vigor e a força de vontade para serem mais fortes do que o dia anterior consomem o indivíduo que integra essa moral. Isto torna-se um provocante despertar para ele lançar-se, tendo em vista, no presente, o seu assenhoreamento. Como bem destaca Nietzsche, “mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não envenena: por outro lado, nem sequer aparece, em inúmeros casos em que é inevitável nos impotentes e fracos”¹²⁹.

Ainda é possível fazer uma relação entre a moral dos senhores e a moral dos escravos por meio dos juízos de valores: bom e mau. Na moral dos escravos o que é bom para eles é qualificado como mau para a moral dos senhores. Estes compreendem a realidade do ressentimento, a fraqueza e o medo, como algo mau. O bom para Nietzsche está profundamente concatenado à força, ao desejo de dominação, à ânsia pela afirmação da vida; superação do niilismo. Assim, o que é bom para a moral dos senhores é mau para a moral dos escravos e vice-versa.

O contratempo habita exatamente na moral criadora de valor que, neste caso, aparece apenas na moral dos senhores. E não só, ela tem o cuidado para conferir valores,

¹²⁸ *JGB/BM*, V, 201, TCGM, 6. 99.

¹²⁹ *GM/GM*, I, 10, TCGM, 6. 238.

antes de tudo, ao próprio indivíduo e, só em um segundo momento olha e identifica valor ao ato. Já a moral dos escravos fica presa em julgar, primeiramente, as ações do indivíduo, e por isso, sempre vai buscar condenar o próprio indivíduo por suas ações¹³⁰. Nietzsche destaca a moral dos senhores como caminho para a superação do niilismo.

Assim, a moral dos senhores apossa-se da atenção de proporcionar condições ao indivíduo de crescimento não massificado. Apresenta o crescimento como fruto de sua condição natural e valoriza a ânsia de superação de cada indivíduo. Ir sempre mais além é o desejo perene na vida daqueles que aceitam a moral dos senhores, enquanto a moral dos escravos tem uma forte preocupação de conservação da massificação, valorizando a igualdade entre eles, evidenciando o valor de permanecer na coletividade. Assim, percebe-se que a moral escrava alimenta a pertença à moral de rebanho.

2.1.3 O rebanho como consequência da moral escrava

Nietzsche, dando continuidade a suas críticas à moral tradicional e vendo-a como caminho favorável para a radicalização do niilismo na cultura ocidental, ressalta ainda um forte sentimento de ressentido por parte daqueles que a seguem. A partir de suas normas, vai formando a moral dos escravos, e conseqüentemente, fonte originária de uma moral de rebanho. Nietzsche não vislumbra caminho de superação do niilismo radicalizado para aqueles indivíduos que não conseguem desvencilhar-se das amarras da moral tradicional ressentida. Expressa em seus escritos, como o indivíduo deve comportar-se em relação com a moral dos escravos, não deixando ser contaminado pela patologia do ressentimento, não se encantando pela realidade de igualdade. Isso não provoca no indivíduo uma força superadora, e sim, fragilidade e comodismo diante de suas próprias ações. “Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas”¹³¹. O filósofo alemão coloca-se contra tudo aquilo que leva à formação do indivíduo enquanto rebanho, fazendo-o avesso à superação de suas forças.

Dessa maneira, Nietzsche faz distinção entre aqueles que vivem uma vida marcada pela singularidade e aqueles totalmente pertencentes a uma massa, formando assim a moral de rebanho. Esse não consegue encontrar força suficiente para vencer o medo e sair

¹³⁰ FEILER, 2011, p. 37.

¹³¹ *GM/GM*, I, 13, TCGM, 6. 243.

da coletividade e sente-se totalmente seguro apenas quando inserido ao rebanho. Sua confiança e segurança são depositadas no rebanho¹³².

A moral tradicional torna o indivíduo pertencente ao rebanho, mostrando que, fora desse redil, está totalmente vulnerável a predadores. E predadores são aqueles que não alimentam o medo, a resignação, a fraqueza; são corajosos e enfrentam os desafios com um olhar de superação, pois a cada superação tornam-se mais fortes para o combate. O indivíduo pertencente ao rebanho, ao contrário, prefere o comodismo e deseja que os outros falem e exijam dele o que realizar. “O indivíduo que corresponde à existência em rebanho é o ‘animal de rebanho’ sem vontade própria e guiado pelo instinto de rebanho”¹³³. A barreira é vista pelo “rebanho” como proteção; na verdade, uma falsa proteção bloqueadora de força e coragem para um caminho de mudança.

A moral de rebanho revela na vida de cada um dos seus membros o ressentimento, gerando diminuição das forças superiores, fazendo com que aconteça sempre um sentimento de igualdade entre os membros do rebanho. Não aprova o desenvolvimento das forças, a busca pela elevação de sua condição. Os viventes do rebanho têm sempre sua consciência invadida pelas lembranças, fazendo com que as normas da moral não sejam esquecidas. Para os membros do rebanho, a única luta que têm é manter a uniformidade do rebanho.

A moral de rebanho tem como fundamento a norma da igualdade, forçando seus membros a não se alimentarem de nada além de uma realidade de tranquilidade, comodismo e passividade. Quando algo além disso passa a transparecer, mostra por parte daquele que quebra as regras, não um sinal de força, e sim uma fragilidade por não conseguir manter a harmonia, por romper o bem-estar do rebanho. “Quem examinar a consciência do europeu de hoje haverá de extrair, de entre mil dobras e recessos morais, sempre o mesmo imperativo, o imperativo do temor do rebanho: ‘queremos que algum dia não haja nada mais a temer!’”¹³⁴. O medo precisa ser banido da vida do indivíduo do rebanho. Enquanto o vigia da moral tradicional for o medo, o homem não sairá desse redil e, conseqüentemente, não reconhecerá suas forças como o suficiente para a superação do niilismo e afirmação da vida. O medo é imperativo em face da afirmação da vida.

Nietzsche reconhece nos membros que se encontram sob o dominado da moral tradicional um forte laço de quietude, prejudicando a vida de cada indivíduo que vai-se

¹³² BAMBERG, 2014, p. 488.

¹³³ BEMBERG, 2014, p. 488.

¹³⁴ *JGB/BM*, V, 201, TCGM, 6. 100.

definhando, enfraquecendo seus membros, abandonando a vontade de superação. Então, a busca pelo assenhorar-se fica comprometida. Segundo o pensamento nietzschiano, a moral tradicional é propulsora da radicalização do niilismo na cultura ocidental. E ainda mais, todo aquele que busca descobrir por meio de suas forças estratégias de superação, é classificado como um fraco. “Existe entre os homens, como em toda espécie animal, um excedente de malogrados, enfermos, degenerados, fracos e votados ao sofrimento”¹³⁵. Nietzsche coloca os indivíduos guiados pela moral tradicional como doentes, sem desejo de superação em face do niilismo e afirmação da vida.

A moral de rebanho para o autor da *Genealogia da moral* coloca suas forças sobre o indivíduo, forçando-o a não sair de sua condição de ressentido, doente, membro de um rebanho marcado pela semelhança, e, que fora desse rebanho, passa a vagar pelo mundo de forma isolada, entregue à própria sorte, sem ninguém que o pudesse socorrer em suas necessidades. Fica visível a opressão elaborada pela moral para manter o indivíduo dentro de suas grades, sendo subserviente a todas as normas. Nietzsche é fortemente contra essa realidade e estilo de moral que provoca ressentimento e coloca o indivíduo preso a um rebanho.

Diante disso, fica claro que a moral tradicional, usando da armadilha do ressentimento, faz com que o indivíduo adoecido não consiga ter reações próprias, sendo ainda constantemente afetado em sua consciência pela lembrança das normas que precisa seguir. Deste modo, a modernidade estrutura-se com a seguinte separação: a moral dos senhores e a moral dos escravos. Em face disso, configura-se o animal de rebanho totalmente fragilizado e medroso. Nietzsche destaca a moral tradicional como uma das colunas fundamentais para a radicalização do niilismo que, juntamente com a religião, formam resistentes bases de apoio para acelerar o processo de radicalização do niilismo na cultura ocidental.

2.2 A religião como contribuição na radicalização do niilismo

A relação de Nietzsche com a dimensão religiosa é extremamente robusta. Isto deve-se justamente ao seu próprio ambiente familiar. Entretanto, é no interior desse âmbito familiar que ele enfrenta grandes embates, tendo a religião como ponto central das discussões. O autor de *Anticristo* trava uma batalha sem trégua com a religião, vendo-a

¹³⁵ JGB/BM, III, 62, TCGM, 6. 68.

como um caminho de negação da vida que, juntamente com a moral tradicional, contribuem para o avanço e solidificação da radicalização do niilismo na modernidade.

Para Nietzsche, a origem das religiões reside na falta de confiança do próprio indivíduo em reconhecer sua capacidade de discernir perante as dúvidas que o rodeiam. Em vista disso, o homem deposita sua confiança em algo superior, acreditando clarear seus pensamentos e opiniões. Nascem assim as religiões, “surge tão fortemente em sua consciência, que ele não ousa sentir-se criador de uma tal felicidade e atribui a seu Deus a causa dela, e também a causa da causa desse novo pensamento: como revelação desse Deus”¹³⁶. Assim, o filósofo alemão propõe uma mudança de mentalidade, realizando um novo percurso na compreensão da vivência religiosa, o que levaria à superação do niilismo e conseqüente afirmação da vida.

Nietzsche, ao fixar sua atenção na vivência religiosa detecta a partir de uma base antropológica – cultural, a necessidade de refletir sobre as indagações no tocante à existência de Deus, assim como, em argumentos ontológicos mobilizados para ratificar tal existência da divindade que já não consegue responder solidamente como antes. Diante disso, Nietzsche visa refazer o percurso histórico a fim de compreender, na essência, o processo da crença no contexto da religião¹³⁷.

Ao olhar nietzschiano, a religião nasce a partir da sua atuação diante dos próprios dramas existenciais que batem à porta de cada indivíduo, a saber, a morte e o sofrimento, dentre outros. É buscando elaborar consolo para essas situações que a religião vai consolidando-se ao longo da história¹³⁸. Assim, a moral religiosa também vai impondo seus critérios valorativos, mostrando ao indivíduo que crê, como deve comporta-se no mundo.

Nietzsche reconhece a religião como contribuinte, chegando a oferecer sentido ao indivíduo presente na coletividade. Contudo, o problema começa a surgir quando uma determinada religião quer dominar e ser ela própria o único sentido da história. Assim sendo, Nietzsche atribui à religião caráter relevante para o florescer do niilismo. Destaca em suas críticas às religiões do Budismo e do Cristianismo como práticas influenciadoras para a radicalização do niilismo. “Pois é esta – como já destaquei – a diferença fundamental entre as duas religiões de *décadence*: o Budismo não promete, mas cumpre;

¹³⁶ M/A, I, 62.

¹³⁷ BARROS, 2016, p. 362.

¹³⁸ BARROS, 2016, p. 362.

o Cristianismo promete tudo, mas nada cumpre¹³⁹”. É visível que Nietzsche tece mais críticas ao Cristianismo, identificando-o com mais elementos de negação da vida e consequentemente, imperativo da radicalização do niilismo.

2.2.1 Uma religião sem rancor

Nietzsche destaca o Budismo como uma religião que manifesta atenção para os impulsos do indivíduo. Segundo ele, a singularidade do Budismo¹⁴⁰ reside em olhar para os afetos com mais liberdade, e não sugando o indivíduo em nome de uma determinada divindade. A religião budista não procura alimentar na vida um caminho de culpabilidade. Nela, o pecado não é o centro das atenções como acontece em outras dominações religiosas como o Cristianismo. Entretanto, Nietzsche mostra que “as duas são próximas por serem niilistas”¹⁴¹. Ambas apresentam dimensão de negação da vida.

Pelas fontes que contribuem no processo que alimenta uma curiosidade e a busca para saná-la, encontra-se o filósofo Schopenhauer que oferece um caminho de crescimento no entendimento da religião budista. É bem verdade que Nietzsche não se conteve em compreender o Budismo a partir de um único olhar, e por isso, busca aprofundamento em outras obras, como são as obras especializadas, a saber: *A religião de Buda*, de Carl Friedrich Köppen e *Buda, sua vida, sua doutrina, sua ordem*, livro escrito por Hermann Oldenberg¹⁴².

O interesse de Nietzsche pelo Budismo acontece ao identificar nele uma dimensão vivencial menos vingativa do que o Cristianismo. “O Budismo é a única religião realmente positivista que a história tem a nos mostrar [...], ele já não fala em ‘combater o pecado’, mas sim, fazendo inteira justiça à realidade, em ‘combater o sofrimento’”¹⁴³, o que leva o homem a olhar a sua condição existencial e compreender a dinâmica da vida com menos peso possível, e, a partir disso, poder realizar um caminho de renovação de sua existência esvaziada pelo pecado. “Ele já deixou para trás – algo que o diferencia

¹³⁹ AC/AC, 42, TCGM, 6. 219.

¹⁴⁰ “Doutrina religiosa e filosófica. Sua doutrina fundamental resume-se nas quatro verdades nobres: 1ª a vida é dor; 2ª a causa da dor é o desejo; 3ª obtém-se a cessação da dor com a cessação do desejo; 4ª existe um caminho óctuplo que conduz à cessação da dor. O caminho óctuplo consiste: 1º na justa visão; 2º na justa resolução; 3º na justa linguagem; 4º na justa conduta; 5º no justo viver; 6º no justo esforço; 7º na justa mentalidade; 8º na justa concentração” (ABBAGNANO, 2007, p. 129).

¹⁴¹ AC/AC, 20, TCGM, 6. 186.

¹⁴² BARROS, 2016, p. 133.

¹⁴³ AC/AC, 20, TCGM, 6. 187.

profundamente do Cristianismo – a trapaça consigo mesmo que são os conceitos morais – ele se acha, usando minha linguagem, além do bem e do mal”¹⁴⁴.

Para o autor de *Anticristo*, o Budismo realiza um processo de autossuperação no tocante ao seu modo de crença. Nietzsche reconhece que na religião budista não acontece separação entre a dimensão artística e a verdade. Tal rompimento se excede graças à forte crítica aos supremos juízos de valores, provocando uma radical cisão, que por sua vez, elimina a hipocrisia de professar uma crença em princípio divino capaz de ordenar e governar todo o universo¹⁴⁵. De acordo com Nietzsche, esse ciclo evolutivo realizado pela religião acontece bem antes do momento em que se toma consciência dessa evolução.

Em face do aspecto vivencial, o pensador alemão refere-se à religião budista com prudência, por identificar nela uma relação diferente do Cristianismo. A religião budista para Nietzsche tem valor expressivo no que toca aos instintos do indivíduo, fazendo com que o homem não sofra, não alimente um pensamento rancoroso, ressentido e vingativo sobre ele mesmo ou sobre a sua condição de vida. “Ele já não tem necessidade de tornar decente seu sofrer, sua suscetibilidade à dor, com a interpretação do pecado – ele diz simplesmente o que pensa: ‘eu soffro’”¹⁴⁶. Isso se deve por ser uma religião que não alimenta no indivíduo a dimensão de culpabilidade, tendo sempre a necessidade de atos que possam redimir tais pecados. O Budismo entende o sofrimento como parte da condição do indivíduo, sem o sentimento de culpa.

A religião budista para o filósofo não deixa de ser niilista. Entretanto, não enfatiza a dimensão do rancor, do ódio, do remorso. E, não sendo enfatizados na vida esses sentimentos, o indivíduo vive uma vida menos pesada, não carregando tanto ressentimento, sentindo-se incapaz de superar barreiras existenciais presentes. A partir disso, Nietzsche enfatiza que “o Budismo, repito, é mil vezes mais frio, mais verdadeiro, mais objetivo”¹⁴⁷. Contudo, há religiões que não conduzem a vida com tanta leveza como a budista, como é o caso do Cristianismo.

¹⁴⁴ AC/AC, 20, TCGM, 6. 187.

¹⁴⁵ BARROS, 2016, p. 133.

¹⁴⁶ AC/AC, 23, TCGM, 6. 190.

¹⁴⁷ AC/AC, 23, TCGM 6. 190.

2.2.2 O Cristianismo e seu senso de crueldade

Nietzsche é o pensador que faz mais críticas quando se trata do tema da religião. É visível em seus escritos esse tema ocupando sempre um lugar de destaque. E ainda, de modo singular, é um crítico ferrenho do Cristianismo, mesmo tendo nascido e sido educado no seio de uma família profundamente marcada pela prática religiosa de tradição cristã. Sabe-se que o pensador sempre esteve rodeado de elementos que o fizeram refletir o mundo religioso. Isso, na verdade, vai despertá-lo e contribuir, de forma mais consistente, na construção de um pensamento robustecido para falar criticamente sobre as práticas religiosas da tradição cristã.

O pensador alemão tece críticas ao Cristianismo, e, além disso, atribui à doutrina cristã os ideais de Sócrates e Platão, pensadores originários do fenômeno do niilismo na cultura ocidental. Para Nietzsche, esses filósofos não tiveram coragem para enfrentar a realidade concreta e responsabilizarem-se, com maturidade, perante as adversidades do mundo terreno. Platão cria um mundo metafísico, algo distante e abstrato, e o Cristianismo assume a ideia, chamando-o de reino dos céus. Entretanto, para Nietzsche, “Platão é um covarde perante a realidade”¹⁴⁸. Para fugir dos desafios, cria algo irreal como fonte de segurança para os fracos.

Nietzsche, observando as práticas religiosas advindas do Cristianismo, identifica por parte da religião, uma verdadeira ligação e continuidade ao que defende a moral tradicional. Então, o filósofo liga o Cristianismo à moral tradicional e reconhece as duas como niilistas, pois a moral religiosa alimenta uma realidade de negação da sua própria existência, não ajudando o indivíduo a superar o niilismo em vista de uma afirmação da vida. “Para Nietzsche, o Cristianismo representou um movimento de continuidade do ressentimento, do ódio e da vingança instaurados pela moral judaica”¹⁴⁹. O Cristianismo faz prevalecer sua doutrina ao impor seus mandamentos ao indivíduo, fazendo dele um cumpridor de normas, o que reforça sua dimensão de negação, o niilismo propriamente dito.

O Cristianismo não busca se desvencilhar da moral tradicional, ao contrário, continua conservando o ressentimento, que por sua vez, é caminho de negação da vida. Assim, a moral religiosa busca manter o indivíduo sob seus cuidados, mostrando que, sem essa proteção, ele está entregue à fraqueza. No entanto, fica visível que essa proteção

¹⁴⁸ *GD/CI*, X, 2, TCGM, 6. 156.

¹⁴⁹ NETO, 2016, p. 163.

leva o indivíduo a viver cada vez mais uma realidade doentia, negando suas próprias forças. “O niilismo, ao contrário, aninha-se numa interpretação completamente determinada, na interpretação moral-cristã”¹⁵⁰. A moral religiosa realiza o processo de radicalização do niilismo na cultura ocidental, ocasionando negação da vida em vez de afirmá-la.

Para Nietzsche, o Cristianismo conserva a mesma atitude de separação, reconhecendo como correto aquele indivíduo que vive uma vida de resignação e fraqueza, acreditando ser algo virtuoso. Por outro lado, considera errado aqueles que assumem os desafios da vida, lutam por seus objetivos com coragem, anseiam por crescimento e acreditam ser essas atitudes corretas; ainda, vendo que essa luta acontece dentro de sua realidade concreta, a terra, pois, é onde tudo realmente acontece e não no mundo metafísico.

O Cristianismo, acolhendo a ideia da existência de um mundo suprassensível, estabelece um processo judiciário, momento em que cada indivíduo, após passar pela experiência de morte, será julgado por todos os seus atos. Para aqueles que vivem moralmente de acordo com as normas religiosas, a recompensa no além; para aqueles tidos como desobedientes, pagamento por todos os seus atos. Para Nietzsche, isso provoca uma atitude de não superação do niilismo, mas para sua radicalização. “A isto chamam de ‘juízo final’, o advento do seu reino, o ‘reino de Deus’ – mas por enquanto vivem ‘na fé’, ‘no amor’, ‘na esperança’”¹⁵¹. Isso é visto como um caminho cheio de ressentimentos. Ainda, alimentam a vingança e o ódio contra aqueles que realmente são fortes, que não se inclinam diante dos valores impostos pela religião, valores niilistas, negadores da vida.

O mundo suprassensível, acolhido e reforçado pelo Cristianismo, é reservado para aqueles que, durante a vida terrena, passam por momentos de opressão e valorizam a paciência diante das normas impostas. De acordo com a religião, há um mundo reservado para aqueles que são bons cristãos, que vivem uma vida de sofrimento na terra; eles são recompensados no Reino de Deus¹⁵². E não apenas isso. Ainda, reserva-se aos bem-aventurados o direito de contemplar o sofrimento daqueles que na terra não se rebaixaram à imposição da moral cristã, e por isso, seriam considerados os maus, não tendo o direito de viver a felicidade no Reino de Deus. A esses, “[...] bem logrados na vida terrena –

¹⁵⁰ *NF/FP* do outono de 1885 – outono 1886, 2[127], TCGM, 8. 112.

¹⁵¹ *GM/GM*, I, 14, TCGM, 6. 248.

¹⁵² NETO, 2016, p. 164.

pagarem por suas ‘maldades’”¹⁵³, o que qualifica o Cristianismo como uma religião que alimenta sentimento de vingança para com aqueles que agem diferente dos seus ensinamentos.

Segundo Nietzsche, o Cristianismo dá prosseguimento a um caminho de negação da vida, alimentando no indivíduo um forte sentimento de impotência, fazendo com que ele valorize mais o sofrimento, o comodismo e a submissão. A partir disso, Nietzsche destaca, “[...] surge a nova doutrina de que também o pecador e não redimido é imortal, a doutrina da danação eterna, e ela foi mais poderosa que o pensamento da morte definitiva, já inteiramente debilitada”¹⁵⁴. A tradição cristã, usando desse discurso assombroso de condenação eterna, enfatiza o sentimento de fraqueza do indivíduo, abrindo espaço para a solidificação do niilismo, sendo contra a afirmação da vida.

O Cristianismo leva seus adeptos ao adoecimento. Tira do homem o vigor que lhe é natural para viver dentro da realidade concreta e que ele tem segurança de sua existência. “Sofrimento e impotência – foi o que criaram todos os trasmundanos; e a breve loucura da felicidade, que apenas o ser mais sofredor experimenta”¹⁵⁵. O Cristianismo impõe ao indivíduo uma vida regrada, prometendo para quem obedece a recompensa como herança. Porém, tal benefício não acontece neste mundo terreno, mas na realidade transcendente. Nietzsche destaca que, mesmo existindo um anúncio de libertação do indivíduo no discurso daqueles que lideraram o Cristianismo, eles apenas reforçam uma negação da vida. “O Cristianismo nasceu para aliviar o coração; mas agora deve oprimi-lo para mais adiante poder aliviá-lo”¹⁵⁶. Não amenizando suas críticas, o pensador alemão mostra o Cristianismo como uma religião de negação que dissemina o niilismo no ocidente.

Com isso, Nietzsche defende que os indivíduos protegidos pelo Cristianismo, na verdade, são todos vulneráveis ao enfraquecimento, ao ressentimento. Não conseguem se desvencilhar das amarras doutrinárias impostas pelo Cristianismo pelo medo de perder a herança da vida eterna. “É cristão um determinado senso de crueldade, contra si mesmo e os outros; o ódio aos que pensam diferentemente; a vontade de perseguir”¹⁵⁷. O Cristianismo, mesmo com o discurso de defensor da vida, continua sendo uma religião niilista, provocando fragilidade e contribuindo para a inserção e radicalização do niilismo.

¹⁵³ NETO, 2016, p. 164.

¹⁵⁴ *M/A*, I, 72.

¹⁵⁵ *Za/ZA*, I, TCGM, 6. 31.

¹⁵⁶ *MA I/HH I*, III, 119.

¹⁵⁷ *AC/AC*, 21, TCGM, 6. 189.

Nietzsche mostra que a doutrina cristã leva o indivíduo a viver anestesiado por seus sofrimentos, alimentado por esperança de receber recompensa na realidade transcendente, onde ele não terá mais sofrimento. Com essa esperança, o indivíduo deixa de valorizar suas próprias forças, aguardando pelo momento de recompensa. “Foram os doentes e moribundos que desprezaram corpo e terra e inventaram as coisas celestiais e as gotas de sangue redentoras: mas também esses doces, sombrios venenos tiraram ele do corpo e da terra!”¹⁵⁸. Dessa forma, o Cristianismo leva o indivíduo a viver à espera de receber sua herança, não aqui na terra, e sim no mundo suprassensível.

No entanto, mesmo o indivíduo não tendo a certeza, mas apenas a esperança da existência desse reino de recompensa em face de sua obediência, resignação e compaixão, Nietzsche mostra que esses sentimentos são fraquezas, fazendo com que ele deixe de valorizar a vida dentro de sua realidade concreta. Entretanto, o Cristianismo consegue expressar com sua doutrina niilista o sentimento valioso, a ponto de ser ele forte coluna de fundamentação de radicalização do niilismo, desvalorizando a força da vida.

Nietzsche é fortemente contra qualquer religião ou norma que não tenha como meta a afirmação da vida. Ressalta o Cristianismo como uma religião que provoca com sua doutrina uma propagação negadora da realidade terrena¹⁵⁹, em prol de uma vida feliz no reino de Deus. O Cristianismo promove o adoecimento, o enfraquecimento do indivíduo, com a promessa de uma vida eterna e feliz reservada àqueles que seguem sua doutrina. Provoca, ainda, a negação do valor da vida dentro da sua realidade concreta no mundo terreno¹⁶⁰, sendo apenas um tempo em que o indivíduo vive um vazio, na esperança de receber sua recompensa quando morrer. Com o Cristianismo, a vida no mundo concreto perde totalmente o seu sentido. É uma vida de negação dada ao sofrimento.

O Cristianismo não oferece condições ao indivíduo para a superação do niilismo e afirmação da vida, pois nutre na vida dele, além do ressentimento vingativo, a má consciência, outra patologia que o torna cada vez mais preso à sua enfermidade, causando mais sofrimento.

¹⁵⁸ *Za/ZA*, I, TCGM, 6. 32.

¹⁵⁹ WOODWARD, 2016, p. 31.

¹⁶⁰ NETO, 2016, p. 164.

2.2.2.1 Má consciência e desnaturalização do indivíduo

A consciência moral para Nietzsche aparece a partir do momento em que o indivíduo reprime os seus impulsos agressivos, parte essencial da sua vida. Com a consciência regada pela moral, o homem não pode mais exteriorizá-los, tendo em vista a organização do grupo, e, aqueles que infringem regras são punidos pela causa. Com isso, o indivíduo vive uma vida de regramento dos seus próprios impulsos para não ser punido em alguma situação e passa a viver com medo. O que acontece a partir dessa formação da consciência moral é que “o indivíduo deve sacrificar-se – assim reza a moralidade do costume”¹⁶¹.

O indivíduo vive centrado em uma estrutura de regras, tendo o cuidado para não infringi-las por um lado; por outro, sendo responsável, observador do comportamento de outros indivíduos quanto ao cumprimento das normas estabelecidas. Isso reforça a formação da consciência moral que nasce e desenvolve como um ato de violência contra o próprio homem que, com medo de quebrar alguma norma e ser punido pelo grupo, sofre por não conseguir ser o que sua natureza pede que seja, a saber, um lutador¹⁶². Assim, o indivíduo não realiza a superação do niilismo para a afirmação da vida.

A gênese da consciência moral leva o indivíduo a viver uma vida de horror, pois permanece constantemente reprimindo, e, como consequência, desenvolve um pensamento voltado para o mau. “Sob o domínio da moralidade do costume, toda espécie de originalidade adquiriu má consciência; até o momento de hoje, o horizonte dos melhores tornou-se ainda mais sombrio do que deveria ser”¹⁶³. Os melhores são aqueles que lutam para não ser dominados pela moral. Essa moral nutre no indivíduo uma má consciência perante suas ações naturais, impedindo-o de trilhar o caminho de superação, e com isso, ele não consegue ser guiado pela consciência saudável para chegar à afirmação da vida. É a partir dessa constatação que Nietzsche destaca a má consciência, não como algo saudável, mas patologia que provoca cada vez mais a fraqueza do indivíduo, diminuindo sobretudo a sua força e vontade de superação do vazio. “Do estado consciente vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário, ‘contrariando o destino, como diz Homero’”¹⁶⁴. Segundo o pensador

¹⁶¹ *M/A*, I, 9.

¹⁶² ITAPARICA, 2016, p. 157.

¹⁶³ *M/A*, I, 9.

¹⁶⁴ *FW/GC*, I, 11.

alemão, o florescer dessa patologia acontece quando, na verdade, dá-se um corte do que há de natural nele, particularmente, os impulsos. Esses precisam ser totalmente reprimidos para viver de acordo com aquilo que a sociedade, por meio da moral religiosa, impõe ao indivíduo, sem pedir licença.

Desse modo, o indivíduo abandona o que é próprio da sua condição de animal, como seus impulsos e afetos, para viver regrado e enclausurado em uma realidade denominada por regras racionais impostas pela sociedade, fazendo com que ele alimente a má consciência, vendo-se como alguém que é incapaz de realizar aquilo para que seus impulsos acenam. “Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu”¹⁶⁵. Assim, a má consciência gera dois problemas diante da mudança que acontece na vida do indivíduo. Primeiro, uma ruptura na forma de vida. Segundo, acontece uma ação violenta sobre as pessoas livres que, rapidamente, passam a viver orientadas por uma norma que não dá mais liberdade, e sim, prisão de sua consciência¹⁶⁶. Ao olhar do filósofo alemão, o indivíduo é violentamente domesticado, e então, exigido dele uma consciência diferente daquela que ele tem.

O indivíduo dentro dessa nova condição de vida é totalmente moldado. Não pratica mais o que é natural. Seus impulsos são reprimidos, tirando assim o direito de guerrear. Agora, estão ausentes os seus inimigos, mas a luta com o seu interior persiste. Com essa inversão, passa a se maltratar, aflorando sempre mais a má consciência¹⁶⁷. Isso mostra que, com a má consciência, o indivíduo contrai uma patologia; torna-se um ser adoecido. Tomado pela má consciência, agride a si próprio, e com isso, aflora o sentimento de culpa. Ele então é capaz de castigar cada vez mais a si, fazendo-se sempre de vítima.

A partir do método genealógico nietzschiano, descobre-se que a culpa advém de uma relação contratual entre o credor e o devedor. O credor tem o direito e a liberdade de impor privilégios ao devedor, além de usar de crueldade para com o devedor caso não cumpra com o acordo firmado¹⁶⁸.

Para Nietzsche, esse pensamento se faz presente também no ambiente religioso, sobretudo nas comunidades tribais que estabeleciam uma relação de dívida com a geração

¹⁶⁵ *GM/GM*, II, 16, TCGM, 6. 283.

¹⁶⁶ AZEREDO, 2016, p. 294.

¹⁶⁷ AZEREDO, 2016, p. 295.

¹⁶⁸ *GM/GM*, II, 5, TCGM, 6. 262.

passada. Com isso, as gerações presentes sempre eram devedoras e teriam que fazer sacrifícios como forma de pagamento de suas dívidas. Com o passar do tempo, isso entra na tradição religiosa¹⁶⁹, pesando mais fortemente sobre os ombros dos indivíduos.

A partir disso, Nietzsche mostra que o fato da religião acolher essa ideia de dívida para com alguma divindade credora, provoca cada vez mais no indivíduo de má consciência um reforçar da dimensão de culpabilidade. “O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus”¹⁷⁰. E como Nietzsche tece fortes críticas ao Cristianismo, defende que no ocidente isso chega ao seu ápice pela tradição judaico-cristã, que afirma a existência do pecado original.

Com a visão sobre Deus aos modos da tradição judaico-cristã, pesa e cresce no indivíduo movido pela má consciência o sentimento de culpa. “O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa”¹⁷¹. A religião atribui ao indivíduo uma dívida originária que precisa ser sanada. Para isso, ele precisa criar meios para resolvê-la. Entra então ao lado da culpa a dimensão de castigo como outra extensão da má consciência.

Segundo Nietzsche, a moral religiosa radicalizadora do niilismo e fonte de negação da vida procura dominar o indivíduo, excluindo a sua dimensão de animalidade. A partir disso, impõe a má consciência, gerando na vida o sentimento de culpa. E como não consegue sanar a força dos impulsos e dos afetos, precisa viver a vida reprimindo, fazendo uso de práticas de castigos para tentar controlá-los. “O castigo teria o valor de despertar no culpado o sentimento de culpa, nele se vê o verdadeiro *instrumentum* dessa reação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’”¹⁷². A isso, Nietzsche tudo reprova.

A culpa, acompanhada pela dimensão de castigo, é o meio usado tanto pela moral tradicional quanto pelo Cristianismo como forma de manter, a seu modo, a organização da sociedade. Para Nietzsche, o castigo estaria ligado à relação de credor e devedor. Para as civilizações antigas, os momentos difíceis como no caso de catástrofes naturais, eram vistos como um meio punitivo que trariam um momento de limpeza e purificação para aquele povo. “Com a moralização das noções de culpa e dever, com seu afundamento na

¹⁶⁹ NETO, 2016, p. 169.

¹⁷⁰ *GM/GM*, II, 20, TCGM, 6. 290.

¹⁷¹ *GM/GM*, II, 20, TCGM, 6. 291.

¹⁷² *GM/GM*, II, 14, TCGM, 6. 280.

má consciência, houve a tentativa de inverter a direção do desenvolvimento acima descrito, ou ao menos de deter o seu movimento”¹⁷³.

Entendendo o castigo como uma dimensão de purificação das culpas que o indivíduo sente na relação com Deus e com os demais indivíduos, e de acordo com a tradição cristã, um pecador/devedor por causa de sua fraqueza, precisa agora passar por sofrimentos, ser castigado para receber perdão do seu credor, o Deus da tradição judaico cristã. “Não se pode duvidar: primeiramente contra o ‘devedor’, no qual a má consciência de tal modo se enraíza, corroendo e crescendo para todos os lados como um pólipó [...]

[...]”¹⁷⁴, a mentalidade de que o indivíduo jamais poderá pagar sua dívida é apresentada pela religião como dívida eterna, ou “o castigo eterno”¹⁷⁵. E por isso, o indivíduo precisa pagá-la para receber sua recompensa.

O Cristianismo exige do indivíduo uma vida de reclusão. Ele vive uma realidade de negação dos seus próprios impulsos e afetos, tendo em vista não cometer erro algum e ser penalizado e, por isso, não tem força para superar o niilismo com o objetivo de afirmar a vida. Posto isto, vê-se um indivíduo rodeado pelo medo, tendo uma vida marcada pela renúncia. O Cristianismo leva o homem a viver uma dimensão ascética, não conseguindo por meio dos seus ensinamentos doutrinários, levar o indivíduo à superação do niilismo para a afirmação da vida. A regulação imposta pelo Cristianismo evoca afirmação de negação da vida e do mundo sensível, o que para Nietzsche é um equívoco: desvalorizar a realidade concreta em vista de algo incerto.

2.2.2.2 O ideal ascético e sua dinâmica martirial

O asceticismo é uma filosofia de vida que visa ao desenvolvimento do espírito por meio de práticas voltadas para um rígido controle dos prazeres do mundo, creditando isso à purificação da alma, ou até mesmo “um agrado a Deus”. O ideal ascético propriamente dito retrata o imenso vazio que circunda o homem que, acima de tudo, não sabe afirmar a si mesmo; encontra-se tomado pelo problema da falta de sentido, da vontade de nada, nada mais do que o niilismo.

A prática ascética era exercida por atletas quando, antes de uma determinada luta, viviam uma regra de vida de forma respeitosa e rigorosa, buscando boa preparação,

¹⁷³ *GM/GM*, II, 21, TCGM, 6. 291.

¹⁷⁴ *GM/GM*, II, 21, TCGM, 6. 292.

¹⁷⁵ *GM/GM*, II, 21, TCGM, 6. 292.

sobretudo para o dia da luta. Dentre os preparativos constavam intensos exercícios físicos para fortalecer o corpo, além de renúncia a determinados alimentos e bebidas, tendo como objetivo prepararem-se melhor para vencer o competidor. Posto isso, várias religiões absorvem o ato da renúncia praticada pelo atleta e acolhem seus ensinamentos doutrinários, tendo em vista uma realidade de purificação dos erros classificados como pecados.

A religião aproveita as práticas ascéticas no tocante à renúncia e, usando de um discurso doutrinário, impõe para os fiéis viverem como um caminho de preparação para a salvação, segundo a religião cristã. A partir disso, Nietzsche tece críticas às manobras que os líderes religiosos provocam, sendo então, chamados de “esportistas da santidade”¹⁷⁶. Se antes a preocupação do atleta era com o corpo inteiro, os esportistas da santidade, ironicamente identificados por Nietzsche, defendem a dimensão dualista: uma natureza corpórea e outra espiritual ou divina. Por sua vez, a divina exerce primazia sobre a corpórea.

No campo filosófico a ideia dualista ganha destaque com a filosofia platônica, de forma mais singular no diálogo de *Fédon*¹⁷⁷. Segundo Platão, o verdadeiro filósofo deve ter um cuidado maior com a alma. O corpo é algo de segunda classe, desprezível, empecilho para o desenvolvimento da dimensão espiritual. Nietzsche não concorda com o pensamento desenvolvido por Platão. Para este “[...] importa ainda a ‘salvação da alma’ [...]”¹⁷⁸, ratificando o corpo como algo desprezível.

Para o pensador alemão, tanto Platão quanto as religiões do Budismo e Cristianismo ao centralizarem sua atenção apenas na parte espiritual negligenciando o corpo, ratifica serem niilistas, negadoras da vida, pois não há vida sem a presença do corpo¹⁷⁹. Nietzsche, em defesa da vida, mostra a importância de vivê-la dentro da dimensão corpórea, não concordando, portanto, com o dualismo corpo e alma.

Nietzsche, crítico da doutrina cristã, mostra que o Cristianismo, apoiando-se no ideal ascético, promove a mortificação do corpo, fazendo uso do castigo com discurso de necessidade para purificação dos pecados, dando ao indivíduo pecador o direito de

¹⁷⁶ GM/GM, III, 17, TCGM, 6. 336.

¹⁷⁷ “De forma que, na tua opinião – prosseguiu Sócrates –, as preocupações de tal homem não se dirigem, de modo geral, para o que diz respeito ao corpo, mas, ao contrário, na medida em que lhe é possível, elas se afastam do corpo, e é para a alma que estão voltadas? Sim, sem dúvida. É, pois, para começarmos a nossa conversa, em circunstâncias desta espécie, que se revela o filósofo, quando, ao contrário de todos ou outros homens, afasta tanto quanto pode a alma do contato com o corpo? Evidentemente” (*Fédon*, 64 e-65 a).

¹⁷⁸ GM/GM, III, 9, TCGM, 6. 316.

¹⁷⁹ NETO, 2016, p. 125.

receber como herança a vida eterna “[...] neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência”¹⁸⁰. O sacerdote ascético é um grande disseminador da mortificação do corpo, afirmando com isso a presença do niilismo.

Na *Genealogia da moral*, de forma mais específica, na terceira dissertação, Nietzsche indica o sacerdote como homem que busca o poder, tornando-se um defensor da doutrina ascética, atribuindo ao sofrimento físico um caminho de elevação da alma. “O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse”¹⁸¹. O asceticismo leva o indivíduo a contentar-se com o seu sofrimento na terra na esperança de ser purificado de suas culpas, culminando com o momento de inteira felicidade, não estando mais na terra e nem preso ao seu corpo marcas do sofrimento. “Já me entendem: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador – ele exatamente está entre as grandes potências conservadoras e afirmadoras da vida”¹⁸². O ascético nega a própria existência, alimentando sempre o desejo de afirmação, não dentro da condição terrena, o que faz dele um verdadeiro niilista. Dessa maneira, o ideal ascético não consegue superar o niilismo radicalizado para a afirmação da vida.

Para Nietzsche, o ideal acético apresentado pelo Cristianismo, usando do seu poder de discurso, leva o indivíduo a reconhecer um sentido na sua vida de sofrimento. Para isso, o sacerdote ascético defende que a existência terrena é caracterizada pela culpa e pecado. Para o pensador alemão “o ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência”¹⁸³. Com isso, o sofrimento causado pela mortificação do corpo, tendo em vista a dimensão de purificação, leva os adeptos do Cristianismo a compreender e aceitar o castigo e o sofrimento como caminhos de redenção da culpa. O sofrimento, entendido como caminho de purificação do pecado, é capaz de derrubar muros e abrir caminhos para a salvação eterna, sendo totalmente redimido.

Para o Cristianismo, as práticas ascéticas exercidas contra o corpo seriam de grande importância para o indivíduo voltar ao estado de graça. Entretanto, Nietzsche compreende tais práticas como uma realidade de negação da própria vida, alimentando cada vez mais, o processo de radicalização do niilismo. A religião, ao valorizar o

¹⁸⁰ *GM/GM*, III, 11, TCGM, 6. 320-321.

¹⁸¹ *GM/GM*, III, 11, TCGM, 6. 320.

¹⁸² *GM/GM*, III, 13, TCGM, 6. 325.

¹⁸³ *GM/GM*, III, 13, TCGM, 6. 324.

sofrimento, as práticas ascéticas contra o corpo, reveste-se propriamente da negação da vida, fazendo com que o indivíduo permaneça cada vez mais em uma condição niilista existencial.

O sacerdote ascético, por meio dos seus ensinamentos, promove uma revolta do indivíduo contra si próprio, fazendo-o acreditar ser recompensado na realidade metafísica, ao abandonar o valor da vida na dimensão terrena. Com esse pensamento, não acontece a superação do niilismo, e, não havendo superação, não é possível uma afirmação da vida. “O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta – que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe, onde pode, a sua valorização da existência”¹⁸⁴. Fica claro como o sacerdote ascético prepara o indivíduo para percorrer um caminho, tendo como ponto final o automartírio.

Segundo Nietzsche, o ascético reforça o pensamento niilista induzindo o homem à negação da vida ao negar seu corpo e, conseqüentemente, levando-o a uma vida decadente no mundo terreno.

2.2.2.3 A decadência e a não ascensão à vida

Nietzsche trata a decadência como um estado de desagregação, tanto dos instintos dos indivíduos quanto da própria cultura moderna, culminando em degenerescência da sociedade. Essa realidade é apontada pelo pensador alemão a partir de Sócrates e Platão, classificados na cultura ocidental e reconhecidos como grandes sábios. Mas é exatamente a partir deles que se tem início uma realidade de decadência. Eles, não sendo fiéis à cultura grega, provocam o enfraquecimento do indivíduo.

A partir da mudança de sentido ocorrida entre o mito e o *logos*, passando este a dominar a forma de pensamento da cultura ocidental e tendo Sócrates como o expoente, Nietzsche enfatiza que a cultura vive um momento de enfraquecimento, de decadência, tendo como motivo a nova forma de pensamento dominada, não mais pela criatividade e valorização dos instintos do homem, mas pela racionalidade¹⁸⁵. E Nietzsche, atento à realidade do seu tempo, destaca a existência de um mal entendido. A nova forma de pensamento não provoca a ascensão da cultura, mas o seu declínio, pois, passa-se a

¹⁸⁴ GM/GM, III, 11, TCGM, 6. 321.

¹⁸⁵ FEILER, 2011, p. 27.

combater e reprimir o que não deveria. “Ter de combater os instintos – eis a fórmula de *décadence*: enquanto a vida ascende, felicidade é igual a instinto”¹⁸⁶.

Resistir aos instintos é alimentar o processo de decadência na vida, é adoecer-se. Para Nietzsche, a decadência leva à desestruturação em todos os sentidos, acarreta fragilidade e impede a vida de fluir. “Escolher instintivamente o que é prejudicial para si, ser atraído por motivos ‘desinteressados’ é praticamente a fórmula da *décadence*”¹⁸⁷. Com essa realidade prejudicial dá-se início à valorização da antropologia aos modos de Sócrates.

Em vista disso, Nietzsche afirma que toda a civilização europeia encontra-se profundamente marcada pela situação de decadência. A modernidade, inaugurada com a razão socrática, seguida pela moral religiosa cristã e a própria arte trazem sintomas de adoecimento, desagregação, tornando enfraquecidos os instintos¹⁸⁸. O niilismo ganha cada vez mais força e domina todos os espaços da civilização. Entretanto, Nietzsche mostra-se forte ao não se deixar contaminar pelo estado de fraqueza e combate com força e coragem as estruturas niilistas. “Tanto quanto Wagner, eu sou filho desse tempo; quer dizer, um *décadent*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu”¹⁸⁹.

Nietzsche se defende da realidade de decadente não se submetendo às normas religiosas e da moral. Isso mostra que, para o indivíduo seguir o exemplo do filósofo, é necessário ser forte o bastante para não oferecer espaço de desmoronamento dos seus impulsos. “A desagregação do que é originalmente coeso sob um tal domínio só poderá ocorrer se o próprio ‘impulso’ dominante der ensejo a isso”¹⁹⁰. Nietzsche atribui à compaixão abertura para uma vida enfraquecida e desagregada ser totalmente contaminada pela realidade decadente. “Eu vejo em si como fraqueza, como caso especial da incapacidade de resistência aos estímulos – a compaixão passa por virtude apenas entre os *décadents*”¹⁹¹.

Nietzsche ainda reconhece que o problema da decadência tem um forte aliado, o Cristianismo¹⁹² que procura valorizar em seu discurso a compaixão como virtude. E seu

¹⁸⁶ *GD/CI*, II, 11, TCGM, 6. 68.

¹⁸⁷ *GD/CI*, IX, 35, TCGM, 6. 131.

¹⁸⁸ FREZZATTI JR, 2016, p. 179.

¹⁸⁹ *WA/CW*, Prólogo, TCGM, 6. 5.

¹⁹⁰ MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 128.

¹⁹¹ *EH/EH*, I, 4, TCGM, 6. 277-278.

¹⁹² LEFRANC, 2011, p. 175.

reconhecimento como qualidade já mostra abertura para o enfraquecimento dos impulsos, levando-os ao adoecimento.

Também a moral ocidental provoca, a partir da forma de dominação, uma verdadeira decadência. A radicalização do niilismo é algo visível. A vida é negada e não há mais valores que possam orientar o indivíduo a escolher um caminho, o que ratifica a necessidade de buscar forças de superação do próprio niilismo. Como salienta Nietzsche, ao tratar da realidade que enfrenta mostrando-se superior: “sem considerar que sou um *décadent*, sou também o seu contrário”¹⁹³, mostra que o caminho de superação não tem início com a negação da presença do niilismo. Ele é um fato vigente. Porém, criar meios para enfrentá-lo e buscar superá-lo é necessário para alcançar a afirmação da vida.

Assim, o desencadeamento do processo de decadência tem sua origem a partir da separação entre os próprios indivíduos, defendendo-se como grupos antagônicos. A estes, sem condições suficientes para a luta, a ascensão era impossível¹⁹⁴. Tanto a moral quanto a religião têm necessidade de encontrar grupos que se deixem ser dominados. Valorizam a uniformidade entre os indivíduos. “Segundo Nietzsche, a decadência dos valores teria tido a sua origem nas primeiras tomadas de posição dominantes no Ocidente”¹⁹⁵, o que se remete inclusive para o momento do rompimento da forma de pensar, deixando de lado a tradição mitológica e abraçando o *logos* grego.

A decadência é compreendida a partir de um processo de negação. Provoca queda na estrutura valorativa daquilo que, ao longo da história, foi sendo consolidado como valor. Assim, a decadência não aceita a estrutura hierárquica dos valores, deixando explícito que tal processo é voltado totalmente para uma meta de negação. Porém, sua força vai expressar uma revolta contra os valores estabelecidos ao longo da história¹⁹⁶.

Nietzsche atribui ao Cristianismo como sendo uma forma visível de decadência, que, por sua vez, desenvolve com mais intensidade uma realidade niilista, almejando a vontade de nada, do vazio. Assim, um indivíduo decadente não identifica, na alteridade, nada além do que uma realidade de negação. A decadência é um processo de declínio do próprio indivíduo e de sua relação para com os demais; o homem apenas afirma sua real condição de negador. A agonia do decadente apresenta-se ao longo da sua peculiar história de ascensão e esgotamento dos valores de negação, de declínio, isso é, de valores

¹⁹³ EH/EH, I, 2, TCGM, 6. 273.

¹⁹⁴ MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 143.

¹⁹⁵ NABAIS, 2008, p. 46.

¹⁹⁶ GIACOIA JR, 1997, p. 22.

de decadência¹⁹⁷. O Cristianismo alimenta na vida dos seus fiéis uma realidade de decadência, tornando-os cada vez mais fracos segundo o filósofo alemão. Assim, não é possível chegar à superação do niilismo em busca de afirmação da vida.

Para Nietzsche, a cultura vive um momento de desfalecimento das forças. O pensamento iniciado por Sócrates e Platão, depois valorizado pela moral religiosa vigente, tem por base um princípio de verdade absoluta não ajudando o indivíduo a sair de sua condição de niilista. Contudo, a situação de vazio chega ao seu ponto máximo a partir da constatação da morte de Deus, o ápice de uma verdadeira radicalização do fenômeno do niilismo na cultura ocidental.

2.3 A morte de Deus como radicalização do niilismo

A sociedade encontra-se profundamente doente; a enfermidade é o niilismo. Reina um vazio existencial que impede o indivíduo de se autossuperar. Ele não é capaz de descobrir o que acontece no presente. Encontra-se totalmente mergulhado no niilismo e não consegue buscar sentido para sua existência. Essa realidade chega ao seu extremo com a constatação que o pensador alemão faz ecoar: Deus está morto!

Esse anúncio é a prova que falta para a sociedade moderna se conscientizar sobre a real transformação do comportamento da sociedade advinda dos meios: cultural, político, moral e científico, tirando a centralidade de Deus da vida do indivíduo¹⁹⁸. Como consequência, Deus é excluído totalmente do convívio do indivíduo.

Ao constatar a ausência de Deus na sociedade moderna, Nietzsche confirma que chega-se ao ápice o fenômeno do niilismo. O indivíduo moderno vive um momento tão forte de vazio existencial que não consegue mais identificar os acontecimentos a sua volta. Tornou-se um ser insensível. “Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!”¹⁹⁹. Diante dessa dura afirmação proclamada pelo homem louco nietzschiano, é valioso recordar que em todos os períodos da história sempre haverá homens que continuarão alimentando sua crença em Deus.

Entretanto, Nietzsche identifica um grande número de indivíduos, sobretudo, os ligados à vida intelectual, descrentes de Deus. Contudo, não mais aceitando a presença

¹⁹⁷ GIACOIA JR, 1997, p. 22.

¹⁹⁸ THOMASS, 2019, p. 29.

¹⁹⁹ FW/GC, III, 125.

de Deus, não abandona em grande medida os valores interpretados e transmitidos pelos representantes da divindade, como é o caso da moral do Cristianismo²⁰⁰. O que existe é uma contradição que abre espaço para a radicalização do niilismo, de acordo com o pensamento nietzschiano. “Para Nietzsche, a ideia de Deus é a base para todos os valores supremos, e sem Deus eles não podem existir”²⁰¹. Assim, pelo fato de não mais aceitar a crença em Deus se dá a desvalorização de todos os valores a ele ligados, expressando que o fato do niilismo chega ao seu grau máximo de dominação na cultura moderna.

O filósofo, com o seu brado aterrador ao proclamar a morte de Deus, não tem por finalidade negar a existência de Deus, ideia fortemente defendida entre aqueles que se dizem ateus. Contudo, o interesse de Nietzsche com esse anúncio é explicitar a forte presença e radicalização do niilismo na cultura ocidental²⁰². Esse Deus, por muito tempo foi capaz de orientar os caminhos do homem. Agora não há mais espaço e Deus não tem mais nada a oferecer. “O maior acontecimento recente – o fato de que ‘Deus está morto’, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa”²⁰³. Assim, o indivíduo não dá mais crédito à crença em Deus, não mais o entende como um Deus que seja fundamento e razão de sua existência como acontecia antes. Nietzsche deseja reforçar com o pensamento de que Deus está morto que os efeitos da modernidade são fortes, a ponto de eliminar o fundamento da própria modernidade, Deus.

Diante da proclamação realizada por Nietzsche da morte de Deus, não é correto afirmar que ele seja um indivíduo sem fé. Ainda, é bom recordar que Nietzsche nasceu em uma família fortemente cristã, o que seria de afirmar que ele não está de acordo com a imagem de Deus desenvolvida ao longo da modernidade e da própria formação do pensamento ocidental. “Para que o amor seja possível, Deus tem de ser uma pessoa; para que os instintos mais ao fundo possam participar, Deus tem de ser jovem”²⁰⁴. Assim, o Deus de Nietzsche é um Deus marcado pela serenojovialidade, sempre aberto à transformação e à renovação. Este é o Deus de Nietzsche.

Com o pensamento socrático houve uma ruptura na forma de pensar, dando origem assim a um dualismo no pensamento ocidental. A filosofia não tem mais uma atenção voltada para a natureza, mas dirige-se para a dimensão antropológica. Isso

²⁰⁰ WOODWARD, 2016, p. 27.

²⁰¹ WOODWARD, 2016, p. 27-28.

²⁰² MACHADO, 2011, p. 47.

²⁰³ FW/GC, V, 343.

²⁰⁴ AC/AC, 23, TCGM, 6. 191.

provoca uma transformação no mundo religioso. Se antes o mundo era habitado por uma variedade de deuses e todos tinham espaço, o Deus do judaísmo é individualista, não aceitando os demais deuses. O sistema politeísta é abandonado e passa a existir um sistema monoteísta, um único Deus²⁰⁵. Com o esvaziamento do mundo terreno cheio de deuses e a valorização, por parte da religião, do mundo suprassensível como uma realidade eterna e imutável defendida por Platão, eleva-se o mundo suprassensível, desvalorizando o mundo sensível, causando uma realidade niilista de enfraquecimento. Como bem destaca o autor de *Anticristo*: “Quase dois mil anos e nem um único deus novo! Mas sempre, como existindo por direito, como um *ultimatum* e *maximum* da força plasmadora de deuses, do *creator spiritus* do homem, esse lastimável Deus do monótonoteísmo cristão!”²⁰⁶. O indivíduo moderno não consegue mais viver na presença desse único Deus, e por isso, procura eliminá-lo do seu mundo.

Segundo o aforismo 125 da *Gaia ciência*, o homem louco identifica os assassinos de Deus ao afirmar que “nós o matamos”. Essa declaração traz como implicação dizer que os assassinos de Deus são os indivíduos modernos que não aceitam mais a sua presença entre eles e, por isso, causam seu banimento. Como bem destaca o autor de *Assim falou Zaratustra*: “O Deus que tudo via, também o homem: esse Deus tinha que morrer! O homem não suporta que viva uma testemunha assim”²⁰⁷. O indivíduo moderno não suporta ser visto por Deus, não aceita que Deus veja suas tramas, e assim, procura eliminar Deus do seu caminho.

O indivíduo moderno é o assassino Deus. O que teve início na fase do niilismo incompleto chega agora ao seu extremo. A morte destaca um rompimento, por parte dos indivíduos modernos, com todos os valores absolutos que tinham como fundamento a realidade metafísica. Não se aceita mais seguir a história sendo orientado por valores suprassensíveis. Ganha visibilidade a vontade de transformação, de substituir Deus pelo progresso racional da história²⁰⁸. Acontece uma transformação de fundamento: a racionalidade se sobrepõe ao metafísico.

O indivíduo, habitante de um mundo marcado pelo progresso, não escuta Deus. Para ele, Deus não tem mais nada a oferecer. Nietzsche destaca com as perguntas colocadas na boca do homem louco, o quanto o indivíduo moderno não deseja mais

²⁰⁵ MARTON, 2009, p. 71.

²⁰⁶ AC/AC, 19, TCGM, 6. 186.

²⁰⁷ Za/ZA, IV, TCGM, 6. 323.

²⁰⁸ MACHADO, 2011, p. 48.

depositar sua confiança em Deus. Eles “não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuvo Deus! Procura Deus!’?”²⁰⁹. A busca de Deus no mercado mostra, na constatação nietzschiana, que o progresso ocupa o lugar de Deus. A correria, a ânsia pelo lucro e o desejo de construir um grande império na sociedade moderna preenchem todo o tempo do indivíduo.

O mercado torna-se o santuário para aqueles que não aceitam mais ser orientados pelos valores emanados do mundo metafísico. Eles não apenas destronaram, foram mais radicais, assassinaram Deus em vista de ocupar o lugar com a consciência marcada pelo processo evolutivo da razão. “E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada”²¹⁰. O homem racional descobre que não faz sentido permanecer seguindo orientações vindas do mundo transcendente; são eles mesmos seus próprios orientadores.

É bem verdade que o homem louco procura Deus além do mercado, na própria igreja. Entretanto, Deus não se encontra mais nesse lugar, que até pouco tempo era identificado como lugar sagrado e sua casa.

Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora o interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?”²¹¹.

Dizer que as igrejas são apenas túmulos ratifica a morte e o quanto a cultura moderna deseja permanecer distante da divindade. Ainda, dizer que Deus não é mais encontrado no próprio espaço tido por sagrado, as igrejas, é expressar que o indivíduo moderno não aceita mais nada que venha da parte daquele que por muito tempo foi a essência. O homem da cultura moderna vive uma liberdade em relação a Deus que já não diz mais nada. Agora, o indivíduo não se preocupa em seguir os mandamentos ditados pelo Cristianismo como ordem divina. A dimensão de pecado, se não há quem o julgue, não faz dele um pecador, e, se não é mais pecador, não deve ocupar a consciência com o peso da culpabilidade por alguma ação que ele tenha cometido ou venha a cometer. Entretanto, ele precisa prestar contas da sua condição em relação ao progresso científico, retrato da realidade sensível.

²⁰⁹ FW/GC, III, 125.

²¹⁰ FW/GC, III, 125.

²¹¹ FW/GC, III, 125.

Com a eliminação de Deus da vida do indivíduo, instaura-se o caos do niilismo. Todos os valores são destronados. Não existe mais referência no mundo transcendente. Todas as respostas são oferecidas pelo progresso científico. Assim, é visível a chegada do fenômeno do niilismo em seu ponto mais alto: a radicalização na cultura moderna²¹². O vazio é existencial.

Já no prólogo da obra *Assim falou Zaratustra*, é notório o processo de transformação da cultura moderna. A nitidez se mostra a partir do momento em que se dá o anúncio da morte de Deus. “Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores”²¹³. Com a morte do Deus que habita o mundo suprasensível, agora não faz mais sentido o indivíduo direcionar seu olhar para o alto. Segundo Nietzsche, é preciso valorizar o único mundo que realmente existe, porém não se deixando escravizar pelo progresso científico implantado pela modernidade.

A partir do momento em que se tem consciência do assassinato de Deus, perde força tanto o mundo em que habitava a divindade quanto aqueles sacerdotes ascéticos que valorizavam o desprezo do corpo e valorizavam, por meio de sacrifício, a purificação da alma como elemento mais importante a ser cuidado. “Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo: e esse desdém era o que havia de maior: - ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra”²¹⁴. Agora, é preciso ter consciência da realidade concreta, a terra, e valorizar o corpo como fonte de vida, não alimentando esperança por outro mundo além deste.

Diante da confirmação da ausência de Deus, tudo deve ser refletido, a começar pela própria condição de existência. Não faz mais sentido viver a vida de sofrimento e esperar a felicidade como retribuição no futuro, já eliminado, segundo Nietzsche. O indivíduo agora precisa de coragem para enfrentar sua condição existencial sem buscar fugir da realidade terrena²¹⁵. Segundo Nietzsche, tudo deve ser colocado em questão, não apenas a realidade transcendente, mas tudo o que tem ligação com Deus e seu mundo.

Nietzsche, ao proclamar a morte de Deus, afirma que o indivíduo moderno não mais aceita a imagem da divindade assumida e transmitida pela religião ao longo da história. O modo de como a religião apresenta Deus leva o indivíduo ao enfraquecimento,

²¹² RICARD, 2009, p. 275.

²¹³ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

²¹⁴ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

²¹⁵ VOLPI, 1999, p. 17.

abrindo espaço para a radicalização do niilismo e uma profunda negação da vida. Logo, se Deus não tem mais vida, deixa de ser importante para o indivíduo moderno.

Diante da morte de Deus, abre-se então o horizonte infinito da falta de segurança, momento marcado sobretudo pela incerteza, pois é tirado do mundo o seu fundamento²¹⁶. Então, o indivíduo olha para o seu futuro não mais focado na proteção do Deus apresentado pela religião que torna-se sombra. “Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada”²¹⁷. Entretanto, também as sombras são eliminadas como sinal da radicalização do niilismo, apagando toda ligação com o mundo transcendente ou com sua divindade.

A modernidade para Nietzsche já abandonou o mundo transcendente. O indivíduo não deposita mais sua confiança no mundo metafísico e nem em seu fundamento. Agora, o que passa a reinar é o niilismo, provocando um esvaziamento tão radical que o indivíduo torna-se insensível aos acontecimentos a sua volta. O anúncio feito pelo homem louco tem uma dimensão não apenas para os crentes, mas acontece um abalo cósmico, e tudo perde o sentido. O mundo sensível também perde seu fundamento assim como o mundo transcendente²¹⁸. O que realmente existe é um mundo marcado pelo fenômeno do niilismo.

Para o autor de *Anticristo*, o anúncio catastrófico deixa o indivíduo moderno sem rumo. Ele não tem mais uma bússola para ser orientado. Está totalmente entregue a uma antropologia racional que não tem um caminho certo para indicá-lo. Com isso, ele encontra-se no vazio existencial, no niilismo ao extremo de sua condição de homem moderno. “Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existe ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’?”²¹⁹. Os questionamentos apresentados pelo homem nietzschiano mostram a real situação de vazio em que ele se encontra. Mesmo confiando no avanço científico da modernidade, ele ainda não se encontra em segurança, por isso, está solto no mundo esvaziado de sentido.

Em síntese, a afirmação de Nietzsche sobre a morte de Deus destaca, sobretudo, o processo de desvalorização existente na história, tendo seu ponto alto na modernidade. Todos os valores ligados à realidade metafísica e conservados pela religião, ditando as

²¹⁶ ARALDI, 2004, p. 259-260.

²¹⁷ FW/GC, III, 108.

²¹⁸ ARALDI, 2004, p. 69.

²¹⁹ FW/GC, III, 125.

normas ao indivíduo, perdem suas forças. Quem era fonte de sustentação para o mundo suprasensível e o mundo terreno, já não tem mais espaço na cultura moderna. Assim, tanto os valores transcendentais quanto os sensíveis, defendidos pela moral religiosa ao longo da história são desvalorizados²²⁰. A modernidade marcada pelo advento da ciência provoca a morte de Deus e abraça a radicalização do niilismo. Contudo, o indivíduo que vive a ascensão da ciência ainda vive uma insegurança. Mesmo substituindo Deus, a ciência não lhe parece um porto seguro, e ele não sabe qual caminho seguir. Diante disso, o homem louco, identificado como o mais consciente, questiona aqueles que se consideram poderosos por não aceitarem mais as orientações divinas: “não vagamos como através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não anoitece eternamente?”²²¹. Porém, estão totalmente perdidos no seu próprio mundo.

Nietzsche não mata Deus, mas constata a rejeição por parte daqueles que estão profundamente preocupados com os seus negócios de que Deus não tem mais importância. Além disso, é preciso destacar que Nietzsche não afirma a morte teológica de Deus, mas a qualifica como uma nítida descrença do Deus da teologia²²². Com isso, o filósofo de *Anticristo* deseja mostrar que o Deus assassinado foi aquele criado pelos líderes religiosos, sobretudo na idade média, o Deus criado pela cultura que, ao longo do tempo, foi dando características e formas totalmente diferentes de sua própria essência de Deus. A humanidade que criou Deus foi capaz de matar o próprio Deus, ignorando seus propósitos e enveredando-se por outros caminhos. Confirma-se então a radicalização do niilismo em seu grau máximo.

Em suma, ganha visibilidade com a moral religiosa o processo de radicalização do niilismo na modernidade, que por sua vez, não consegue conduzir o indivíduo à superação do niilismo para a afirmação da vida. Entretanto, Nietzsche reconhece a necessidade de florescer da própria radicalização do niilismo um caminho que seja capaz de não negar a situação provocada desde Sócrates até o avanço das ciências, o que ele classifica como modernidade, porém Nietzsche sente a necessidade de superar todo esse período, o que implica em um processo de superação do niilismo tendo em vista a afirmação da vida dentro de toda a sua existência.

²²⁰ WOODWARD, 2016, p. 28.

²²¹ FW/GC, III, 125.

²²² LEFRANC, 2011, p. 196.

3 A VIDA COMO FORÇA DE SUPERAÇÃO DO NILISMO

O fenômeno do niilismo é realidade na cultura ocidental. Teve origem com a ascensão do *logos* filosófico e o abandono da tradição mitológica. Enquanto esta valoriza a conciliação dos fatos que acontecem na vida, sem um juízo de valor, o *logos* filosófico valoriza a razão delimitadora da verdade, ocasionando a separação entre o certo e errado, bom e mau. Assim, entra em vigor a modernidade, segundo Nietzsche, período da história que acarreta a desvalorização das forças, conseqüentemente, há o enfraquecimento da criatividade instintiva do indivíduo que se vê dominado por um critério racional. Como resultado, torna-se um ser submisso, presa fácil da moral tradicional a caminho do rebanho sempre obediente a regras impostas, o que gera perda de valores da criatividade do indivíduo gerando a decadência. Assim, pode-se afirmar que o mundo encontra-se em uma circunscrição niilista. Consciente disso, é primordial entender como o fato do niilismo manifesta-se ao longo da história. Para Nietzsche, o niilismo não pode ser negado. Porém, juntamente com a modernidade, devem ser superados em busca da afirmação da vida.

Na sequência da pesquisa, observa-se que o niilismo, ao longo da modernidade, dá relevantes contribuições por parte da moral tradicional e da religião para manifestar sua dominação. Ambas valorizam a delimitação das forças, levando o indivíduo a viver engessado, separado, pertencente a um rebanho que não consegue ir além daquilo que é permitido pela moral religiosa. E ainda, negando o valor do mundo sensível em vista do mundo suprassensível, algo improvável para o filósofo alemão. Conforme reflexão nietzschiana, a moral religiosa contribui no tocante à radicalização do niilismo, tendo seu ápice com a constatação da morte de Deus.

O presente capítulo anseia por recuperar o estatuto de indivíduo, fazendo com que ele supere o niilismo. Em consonância com Nietzsche, é necessário a ascensão daquilo que é natural ao indivíduo, e que ao longo da modernidade, foi reprimido em nome de uma verdade. O indivíduo precisa recuperar a harmonia da vida e saber conciliar o sofrimento e a alegria, deixando florescer as dimensões dionisíaca e apolínia como forças de superação visíveis na tragédia grega. É urgente a destruição dos valores vigentes em vista de valores capazes de defender a vida e o mundo sensível, o verdadeiro e eterno. Assim, o filósofo apresenta um caminho de superação do niilismo para a afirmação da vida: o pensamento da vontade de potência como força motriz que assume o eterno retorno do mesmo, não como peso, e sim como ação afirmativa, despertando a força do

além-do-homem que disponibiliza de coragem para realizar a transvaloração de todos os valores capazes de fortalecer a vida, amar o seu destino e tudo o que é parte dele, de forma afirmativa.

3.1 A vontade de potência como vontade de superação

O anúncio da morte de Deus declara o extremo do niilismo, sinal evidente de sua radicalização como fato na modernidade. Não se pode camuflar esse fato. É preciso reconhecê-lo e aceitar suas implicações na vida do indivíduo. Não é viável render-se, sentir-se incapaz diante da radicalização do niilismo. Para Nietzsche, é necessário coragem para recuperar a dimensão de singularidade do indivíduo e realizar o processo de superação do fenômeno para a afirmação da vida e do mundo sensível.

Para iniciar o caminho de superação do niilismo em vista da afirmação da vida, o indivíduo precisa renascer, fazendo brotar sua força interior para enfrentar a situação extrema de vazio reinante na sociedade moderna. Nietzsche procura despertar o indivíduo, conscientizando-o sobre a forma de vida perante a manifestação do niilismo de forma radical. A partir disso, o filósofo desenvolve seu pensamento sobre a vontade de potência, força presente em todo ser vivo. A partir desse reconhecimento, o indivíduo enfrenta o niilismo na sua forma mais extrema.

Nietzsche apresenta na obra *Assim falava Zaratustra*, pela primeira vez, reflexão sobre o tema vontade de potência. “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de potência; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor”²²³. A vida é dinâmica; o desejo de crescimento também. Para tanto, buscar forças e superar obstáculos são passos essenciais rumo a mudanças, deixando para trás aquele imposto comportamento dogmático exigido pela moral religiosa.

Nietzsche define a vida como vontade de potência. Entretanto, essa vontade é compreendida pelo filósofo como uma vontade orgânica²²⁴, presente em tudo que possui vida e não apenas restrito ao indivíduo. Assim, é possível reconhecer, de acordo com pensamento do filósofo, que tudo que possui vida permanece em constante luta para sair da condição inferior do comodismo rumo ao domínio de si, sinal de crescimento e afirmação existencial.

²²³ *Za/ZA*, II, TCGM, 6. 138.

²²⁴ MARTON, 2013, p. 184.

No entanto, o objetivo dessa luta não pode ser, de forma alguma, um desejo de extermínio do outro ou de conservação de si, o que configuraria um espírito de fraqueza, uma patologia que não busca superação diante das barreiras que surgem no próprio movimento da vida. “Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação”²²⁵. É uma condição, segundo Nietzsche, saudável e parte da essência de cada ser vivo. É uma luta perene não tendo espaço para descanso, pois, a cada obstáculo vencido, outros precisam ser superados, ganhando mais força a cada superação²²⁶. O que reina nessa constante luta é o desejo de superação para chegar ao topo da hierarquia, até o momento em que outra força maior apareça, a ponto de destronar a reinante do momento, deixando claro que, o topo não é local de permanência vitalícia.

É próprio da vida o desejo de crescimento. Por isso, o movimento em busca de efetivar-se perante outras vidas é constante. Necessário sempre o refazer de forças, e essa ação acontece, não por meio do descanso ou pelo comodismo, mas em ação de combate com outras forças. É visível que a vontade de potência revela-se como forte busca de superação e constante crescimento de si²²⁷. Na constante busca de desafiar-se, de chegar ao topo da hierarquia, Nietzsche identifica que a vontade de potência alimenta o indivíduo. Entretanto, como a moral religiosa não valoriza essa conduta, o niilismo se estabelece ao longo da história.

Nietzsche destaca, ao longo da modernidade iniciada na era socrática, que o indivíduo nega a valorização de sua força, vontade de expansão e crescimento, ocasionando a negação da vida inserida na dimensão terrena, realidade factual. “Muitas coisas são mais estimadas pelo vivente do que a vida mesma; mas no próprio estimar fala – a vontade de poder!”²²⁸. Entretanto, o indivíduo alimenta-se de paz e obediência a todo tipo de imposição, levando-o a um estado de fraqueza, atrofiando suas forças e identificando o conflito de forças como algo negativo para a vida, quando na verdade, a guerra é parte integrante de todo aquele que tem vida.

A vida manifestada como vontade de potência alimenta-se do conflito com outras forças, despreziosa de colecionar vitórias nas batalhas travadas. O seu único desejo é

²²⁵ FW/GC, V, 349.

²²⁶ MARTON, 2013, p. 184.

²²⁷ WOODWARD, 2016, p. 34.

²²⁸ Za/ZA, II, TCGM, 6. 140.

viver o que é próprio de sua essência, isto é, lutar para superar-se cada vez mais. Assim, não pode haver trégua. A vontade de potência sempre é insaciável. “Querendo-vir-a-ser-mais-forte, a força esbarra em outras, que lhe opõem resistência; inevitável, trava-se a luta – por mais potência”²²⁹. O fato de se impor resistência é compreendido pelo filósofo alemão como algo positivo, pois faz florescer com mais intensidade a vontade de superação cujo objetivo é a plenitude da força.

Não havendo um objetivo teleológico na guerra de forças, o que acontece é um fortalecer-se diante de cada luta travada. Então, torna-se cada vez mais explícito algo da condição da vida repleta de vontade de potência. Ela é, em sua essência, desejosa dessa vontade de crescimento, e por isso, coloca-se em constante batalha. A cada luta aparecem novas forças que reacendem o desejo de não colocar um ponto final nas batalhas.

Com o pensamento de vontade de potência, Nietzsche não tem a pretensão de negar o fato do niilismo, e sim, destacar sua força radicalizada na modernidade. Isso implica, por parte do indivíduo, em não se deixar dominar pela força de tal fenômeno, entretanto despertar sua vontade para enfrentá-la, com desejo de superação para afirmação da vida. É exatamente em meio a esse vazio niilista que a vida se coloca em guerra para se afirmar. “A única ordem existente consiste no assenhorar-se, pela capacidade máxima de expressão da força e conseqüente afirmação da vida, o fim para o qual tende a filosofia de Nietzsche”²³⁰. Tendo em vista a ânsia da autossuperação, desperta-se a força para enfrentar qualquer empecilho que não deixa a vida ser realmente o que precisa ser, o que não exclui o niilismo radicalizado.

É necessário destacar que nem todo o valor edificado é positivo para a afirmação e florescimento da vida. Há valores edificados pela moral ocidental, ao longo da história, que se opõem ao crescimento e desenvolvimento da vida e, conseqüentemente, retardam a manifestação da vontade de potência como algo natural²³¹. Nietzsche destaca a presença dominante do niilismo. Identifica a necessidade de valorizar a vida, vontade de potência, e descobrir forças para enfrentar o fato, sem reserva. A fim de alimentar o desejo de se afirmar, é necessário partir para a batalha. O indivíduo precisa de força suficiente para se impor ao niilismo em contínuo exercício de dominação e despertar coragem para realizar o processo de superação do próprio niilismo para afirmar, assim, sua existência.

²²⁹ MARTON, 2013, p. 184.

²³⁰ FEILER, 2020, p. 323.

²³¹ FARIAS, 2021, p. 11.

O caminho de superação do niilismo não acontece negando-o, e sim enfrentando-o de forma intensificada. O indivíduo tem ânsia de superação, o que o faz permanecer em constante luta. Desse modo, é por meio da intensificação do niilismo na forma mais radical que a vida se mostra repleta de vontade de potência, com força e coragem para não se entregar ao vazio provocado pelo niilismo. É preciso enfrentar o vazio com desejo de afirmação. “A luta pela existência é apenas uma exceção, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e extensão, de poder, conforme a vontade de poder, que é justamente a vontade de vida”²³². É dessa vontade de mudança que desperta a coragem para não se render frente ao niilismo radicalizado; imprescindível a superação, tanto do niilismo quanto da modernidade, para chegar à afirmação da vida.

Não se pode deixar de reconhecer que o niilismo também carrega uma força, um desejo de destruição, provocando um esvaziamento na cultura, atingindo profundamente o comportamento do indivíduo, levando-o ao abandono do seu próprio estatuto. É no contexto niilista, na forma mais radical, que a vida precisa despertar de seu interior as armas necessárias para guerrear em defesa de recuperar o que lhe foi tirado de direito. A vida carrega em sua essência um impulso de dominação. Tem ambição de chegar ao topo da hierarquia, deseja assenhorar-se. “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de potência”²³³. Em Nietzsche, a vontade de potência é como essa realidade impulsionadora presente na vida que desperta para enfrentar a situação negativa e elevá-la a uma condição afirmativa.

A vida compreendida como vontade de potência atua em perene conflito desejosa de afirmação, pois é parte essencial de sua condição de superação do niilismo para a afirmação da vida. O desejo de assenhorar-se é sentimento constante que corrói todas as suas forças negadoras da vida. Segundo Nietzsche, o impulso fundamental da vida não deve ser o interesse de conservação de si; isso é patológico. É essencial a ânsia pela expansão de vontade de potência²³⁴, que é achar-se em constante luta de superação a toda fonte de negação da vida. Cada guerra travada deixa o indivíduo mais forte, oferecendo condições de desenvolver habilidades ainda não conhecidas, a fim de melhor lidar em outras batalhas.

²³² FW/GC, V, 349.

²³³ Za/ZA, II, TCGM, 6. 140.

²³⁴ WOODWARD, 2016, p. 35.

Para o filósofo alemão, os obstáculos não podem ser identificados pelo indivíduo como um ponto final, mas como fonte de descobrimento de força, um despertar para afirmação de sua própria existência. “Sem a vontade de querer, de se superar, de elevar-se de um nível a outro não há como alimentar a vida, que se compõe em um conjunto de forças”²³⁵. Uma vida sem vencer obstáculos é uma vida sem afirmação, é uma vida de negação. Assim, todos os valores que até o presente não provocam obstáculos, mas apenas facilidade, não são valores afirmativos.

A vontade de potência desperta força de superação com a finalidade de afirmar a vida. Assim, o pensamento nietzschiano reforça a importância de não viver passivamente, mas sendo capaz de superar os obstáculos como parte da existência. A radicalização do niilismo se impõe como obstáculo que exige do indivíduo travar uma guerra existencial para não se deixar vencer por ele. O indivíduo deve se impor ao niilismo, ser mais forte, e vencer os obstáculos para a afirmação da vida.

O indivíduo precisa se conscientizar de que ele é o único responsável por romper obstáculos, tendo em vista a afirmação da vida. Para isso, precisa reconhecer e aceitar a vontade de potência, dom da vida. De acordo com Nietzsche, o indivíduo deve ser um desejoso de confrontos. Sem luta não há despertar de força. “A falta de guerras acaba fazendo com que as forças sejam definhadas, e, desse modo, a própria autoestima seja afetada”²³⁶. Quando isso acontece, ganha espaço o processo de degenerescência, fraqueza por parte do indivíduo, sendo entregue totalmente ao niilismo, deixando de lutar para fortalecer-se.

O próprio fato de o indivíduo desejar viver demonstra expressamente vontade de potência. O despertar para lutar e vencer obstáculos coloca sua força sempre em ação e destaca que o viver para o indivíduo é sempre com o desejo manifesto de vontade de potência²³⁷. Por meio dessa lucidez, uma vida carregada de vontade de potência desperta o indivíduo para enfrentar a radicalização do niilismo. A partir desse conhecimento, caminhos são descobertos para superar o fenômeno do niilismo, chegando à afirmação de sua existência.

Dessa maneira, o indivíduo consciente de sua força de vontade, busca crescimento, ser forte e se impor sobre as demais forças. É um caminho sem fim, e a cada luta vencida ganha-se mais força com o desejo de travar outras batalhas. Nietzsche

²³⁵ FEILER, 2024, p. 13.

²³⁶ FEILER, 2024, p. 11.

²³⁷ MACHADO, 2022, p. 101.

compreende que essa luta é intrínseca à essência de todo ser vivo, pois é de sua natureza uma busca por assenhorar-se. Logo, a não valorização do processo de crescimento, busca de superação das forças da vida implica, conseqüentemente, em negação da vida e pertença ao rebanho. A uniformidade vai ao encontro do niilismo, desse modo, contrário a valorização da vida e afirmação de forma ativa.

Identifica-se, desse modo, que a filosofia nietzschiana é marcada pela dimensão de forças que se mantém na busca do assenhorar-se, sendo uma afirmação perante as demais forças que, não diferentes, têm a mesma finalidade. Com isso, vivem uma eterna guerra. E, a partir dessa guerra, edifica-se a vida, mantendo-a sempre fortalecida²³⁸. Sem guerras, lutas e obstáculos a serem superados não há crescimento, movimentação de forças e afirmação da vida.

A teoria das forças que impulsiona a vida a viver em constante conflito com outras forças, mesmo tendo que provocar destruição para ser superior, não tem como um *telos* o puro e simples desejo maldoso de destruir. Isso acontece como parte natural, é algo inerente à batalha. “Quem tem de ser um criador sempre destrói”²³⁹. Contudo, a destruição não passa pelo crivo do extermínio da vida do outro, e sim por ânsia de afirmação da própria vida. Assim, uma força pode vencer uma guerra e em outra ser vencida, contudo não exterminada. E mesmo quando há derrota em uma batalha, não a faz mais fraca, pois é característica do ato de guerrear o tornar-se cada vez mais forte em busca de superação da condição existencial. Acontece, assim que cada vida se preserva em constante tensão, lutando para ser sempre mais forte.

A conflituosa luta pela vida sobrevém, sobretudo, do interior do indivíduo. Sabe-se que onde há vida, há combate, luta de forças segundo o pensamento nietzschiano. E, no interior de cada indivíduo acontece um verdadeiro campo de batalha para dominar ou manter-se na dominação. “O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais”²⁴⁰. A própria vida em seu interior já é um despertar para a vida exterior. Quando isso não é vivido, configura-se uma negação de forças, abandono da vontade de potência presente em cada indivíduo, fonte de força e desejo de superação da realidade niilista para afirmação da vida.

²³⁸ FEILER, 2020, p. 325.

²³⁹ *Za/ZA*, I, TCGM, 6. 68.

²⁴⁰ *JGB/BM*, II, 36, TCGM, 6. 44.

Em conformidade com o pensamento nietzschiano, há um antagonismo de força, interna e externa, uma movimentação de agregação e desagregação. Isso confirma que, aquele que permanece em determinado momento como o mais forte, nem sempre o será. Forças contrárias surgem e ocupam o lugar. O fato de não haver uma meta como realidade satisfatória, significa que a luta não tem um momento final. Assim, mesmo não tendo meta, necessário continuar lutando com desejo de superação e afirmação da vida de forma infinita.

A vida como vontade de potência tem a necessidade de permanecer sempre em constante enfrentamento para se afirmar diante do niilismo na forma mais extrema. Viver esse conflito é de suma importância para a força de vontade presente no interior de cada indivíduo. Contudo, por ser uma luta, o indivíduo pode a partir de sua força fazer florescer um sentido de vida em meio ao vazio niilista ou ser dominado pelo próprio vazio daquela da realidade, o que seria negar a sua existência e não buscar viver o processo de assenhorar-se.

Se o niilismo na forma extrema explicita que nada mais faz sentido. A vida, carregada de vontade de potência, se utiliza de forças em busca de afirmação dentro de sua realidade concreta. O niilismo é forte e tem uma força avassaladora para disseminar-se por todos os espaços. Entretanto, só a vida com sua força de vontade de potência é superior a tamanha negatividade, e assim, cria espaço de afirmação.

Torna-se visível a busca pela superação do niilismo tendo como objetivo a afirmação da vida, a necessidade de partir do próprio niilismo radicalizado, realizando um processo de contramovimento que deve florescer do niilismo. A vontade de potência desperta habilidades para a superação da condição extrema de negação da vida, culminando em sua afirmação²⁴¹. Sem essa movimentação não é possível a superação do niilismo. Além da vontade de potência, Nietzsche apresenta a doutrina do eterno retorno do mesmo como caminho de superação do niilismo, elemento essencial para retomar o estatuto de indivíduo e chegar à afirmação da vida e do mundo imanente.

3. 2 O eterno retorno do mesmo como forma de afirmação

O Cristianismo defende a ideia do tempo em forma linear, de início, meio e fim. Vê, ainda na linearidade, o momento final como o mais importante para o indivíduo, por

²⁴¹ MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 193-194.

acontecer o juízo final no qual cada um é recompensado ou penalizado pela forma de vida experimentada, sendo julgado por suas escolhas. A doutrina cristã força o indivíduo a negar o presente em vista de uma recompensa futura denominada de juízo final. Contrária ao Cristianismo, a doutrina do eterno retorno do mesmo aparece como fonte de superação a partir de um olhar afirmativo de tudo o que é desvalorizado pela religião cristã e vive cada instante da vida não deixando ser dominado pela preocupação do juízo final. O eterno retorno do mesmo está aberto e acolhe o presente para viver cada instante sempre que necessário. O eterno retorno vive o presente sem se preocupar com nada além do presente.

Segundo Nietzsche, a doutrina da religião cristã não leva o indivíduo a realizar um percurso de superação do niilismo e chegar à afirmação da vida, pois, a preocupação não é com o presente, e sim com o futuro, tirando o foco do momento. Assim, o filósofo apresenta o eterno retorno do mesmo a partir de uma realidade temporal, de forma cíclica, defendendo que tudo o que aconteceu, acontecerá novamente infinitas vezes²⁴². Isso tira a centralidade de um ponto final da história defendida pelo Cristianismo que lança todas as forças para o final e conduz o indivíduo a não assumir as responsabilidades do presente.

Para o filósofo alemão, a elaboração da doutrina do eterno retorno do mesmo tem sua fundamentação na filosofia pré-socrática, de forma mais singular, no pensamento desenvolvido por Heráclito. “A doutrina do ‘eterno retorno’, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas – essa doutrina de Zaratustra poderia afinal ter sido ensinada também por Heráclito”²⁴³. O pensamento heraclítico apresenta o mobilismo, tudo passa. E olhando para essa dimensão de constante mudança, Nietzsche desenvolve sua doutrina em chave afirmativa para superar o niilismo e a modernidade em vista da afirmação da vida e do mundo sensível.

Nietzsche tece, em forma de desafio para o indivíduo, o projeto do eterno retorno do mesmo, apresentando ser ele um dos maiores pesos a ser suportado em sua existência. Destaca que tal experiência apresentada pelo filósofo alemão, como qualquer outra situação, não exclui consequências existenciais, exigindo do indivíduo a coragem de afirmar todas elas e vivê-las com um olhar de superação contra as forças de negação da vida e do mundo terreno. Assim, Nietzsche lança sua proposta:

²⁴² WOODWARD, 2016, p. 38.

²⁴³ *EH/EH*, IV, 3, TCGM, 6. 322.

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira”²⁴⁴.

Desse aforismo, coloca-se em evidência o peso que o pensamento do eterno retorno do mesmo evidencia. Primeiro, dá-se conta de se viver novamente tanto as dores quanto as alegrias, salientando que não há como esquivar-se dos fatos desagradáveis que acontecem na vida. O filósofo ratifica ainda o processo circular ao revelar que tudo acontece dentro de uma mesma ordem cronológica, isto é, na mesma sequência já vivida, viverá novamente, do mesmo modo e na mesma intensidade.

O pensamento do eterno retorno do mesmo suscita o indivíduo a viver um processo de forma afirmativa, necessitando de coragem para suportar o peso. Caso contrário, ele será totalmente aniquilado pela falta de sentido de sua existência, chegando à insuportabilidade da vida. Nietzsche ressalta a importância de reconhecer a necessidade de suportar o niilismo na forma mais extrema, e não apenas isso, é necessária capacidade de superar o fenômeno e realizar o processo de afirmação da vida.

Para Nietzsche, o caminho de superação do niilismo não pode ser sua exclusão, mas a própria afirmação do fato na forma radical e dominante na sociedade. O eterno retorno do mesmo assinala que, na vida do indivíduo, alegria e sofrimento são inseparáveis. Não há exclusão do que seja triste, dolorido e sofrido. Isso é próprio do nosso pensamento que deseja valorizar sempre mais os momentos alegres e felizes da vida. Em vista disso, procura-se esquecer os fatos desagradáveis. Destaca-se que, ao querer o momento feliz, é necessário afirmar o momento de dor²⁴⁵. Na vida caminham juntos dor e alegria. Saber viver as ocasiões felizes, implica em saber viver os momentos de dor na mesma intensidade, reconhecendo-as como partes da vida.

É exatamente isso que Nietzsche apresenta com o seu pensamento do eterno retorno do mesmo. Para o indivíduo, o caminho de superação do niilismo, na forma mais radical para a afirmação da vida na realidade imanente, requer coragem de lutar para defender a sua dimensão de singularidade, cheio de vontade de potência. A radicalização do niilismo é a forma de expressão de total falta de sentido, sendo capaz de desmontar até

²⁴⁴ FW/GC, IV, 341.

²⁴⁵ WOODWARD, 2016, p. 38-39.

mesmo os valores tradicionais edificados pela religião, inclusive a realidade transcendente. Agora, para os corajosos, há um novo sentido existencial. Como mostra Nietzsche: “No lugar da metafísica e da religião, a teoria do eterno retorno”²⁴⁶. Esse não coloca a esperança em um outro lugar, senão no presente e na imanência da existência.

Nietzsche apresenta um percurso capaz de se desprender do niilismo com a possibilidade de superação deste fato e consequente atitude afirmativa da existência, o que implica em acolher não apenas as coisas prazerosas da vida²⁴⁷. O indivíduo forte que vive o processo do eterno retorno do mesmo não se preocupa com o futuro ou passado. Ele vive, na totalidade, cada instante de sua existência no agora. Acolhe e aproveita o mundo como realmente é, sem alimentar o medo, o ressentimento ou a vingança, características da moral de rebanho. Tudo isso deve ser superado dentro de um percurso afirmativo da vida.

Com a aceitação do pensamento do eterno retorno do mesmo o indivíduo vive um processo de harmonização, sendo capaz de acolher toda a sua história. Não se preocupa com o que viveu, nem com o que viverá no amanhã. Valoriza e coloca todas as suas forças no aqui e agora. Não é correto viver preso ao passado, como também, não é saudável ter sempre presente uma preocupação com o futuro. O eterno retorno do mesmo é um remédio que cura a enfermidade de toda vontade negativa que o indivíduo alimenta sobre si e sobre os outros²⁴⁸. Exige-se dele agora, a coragem para recuperar sua situação de indivíduo.

Segundo Nietzsche, a aceitação do pensamento do eterno retorno do mesmo conduz o indivíduo a deixar florescer sua vontade de potência, alimentado por uma vontade de superação e ânsia de liberdade, deixando de valorizar a culpa e o castigo. Assim, abre possibilidade para um caminho afirmativo de sua própria existência, tendo a capacidade de acolher todos os momentos, sem qualquer recusa²⁴⁹. A vontade de potência aliada ao eterno retorno do mesmo caminham rumo à superação do niilismo e da modernidade ao iniciar a partir da própria confirmação da presença do niilismo e suas implicações na sociedade.

No entanto, a formulação do pensamento do eterno retorno do mesmo reconhece a finitude da força por haver um determinado número de combinações. Entretanto, o

²⁴⁶ *NF/FP* do outono de 1887, 9[8], TCGM, 8. 06.

²⁴⁷ MARTON, 2009, p. 92.

²⁴⁸ MACHADO, 2011, p. 108.

²⁴⁹ MACHADO, 2011, p. 109.

mundo, por não ter início e nem fim, é eterno. Isso leva a concluir que tudo o que existiu e existe tornará a existir dentro do mundo marcado pela realidade da infinitude²⁵⁰. Compreender tal pensamento implica disponibilizar de coragem para enfrentar todas as realidades da vida e afirmá-las como processo de superação do próprio niilismo em todas as suas formas.

O filósofo alemão defende que o caminho de superação do niilismo demanda ao indivíduo enfrentar a realidade hodierna sem estar confinado ao passado ou preocupado com a realidade vindoura. O indivíduo precisa viver a vida corajosamente, aberto às experiências que o tempo presente vai lhe propondo. Como bem ressalta o filósofo alemão, “[...] pois, creiam-se! – o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: viver perigosamente!”²⁵¹. Claro que Nietzsche não afirma a necessidade de viver uma vida desafiando os próprios limites, mas destaca a importância de saber acolher todos os momentos do presente, sem medo de condenação em um mundo metafísico, como era apresentado pela moral religiosa.

A doutrina do eterno retorno do mesmo nietzschiano, diz que, o que se faz no momento presente repetirá em outros e por várias vezes. Esse pensamento defende uma dimensão circular do mundo. No entanto, o indivíduo não se recorda de nada do passado. Conclui-se que, mesmo sendo repetições das mesmas situações, sempre serão identificadas como situações totalmente novas, como se tudo acontecesse pela primeira vez.

Além disso, destaca-se que, dentro deste contexto, o que se repete não são fatos ou momentos isolados. Isto provocaria cortes na própria doutrina do eterno retorno. A repetição é da totalidade dos fatos da vida, e não há um período na história do indivíduo que seja anulado da repetição²⁵². Segundo a doutrina nietzschiana deve ser recebida dentro de um contexto de superação do niilismo para a afirmação da vida. Dessa maneira, Deleuze destaca que todo desejo do indivíduo com olhar afirmativo de forma extrema. “O que quer que queira, queira de tal maneira que queira também o seu eterno retorno”²⁵³. Tal pensamento leva o indivíduo a viver cada instante de sua existência, de forma completa, por inteiro, tanto o sofrimento que geralmente não agrada e busca-se esquecer, quanto a alegria que se gosta e sempre deseja tê-la em vários momentos da vida.

²⁵⁰ MARTON, 2009, p. 99; HAASE, 2011, p. 121.

²⁵¹ FW/GC, IV, 283.

²⁵² MARTON, 2009, p. 109-110.

²⁵³ DELEUZE, 2018, p. 89.

Diante da radicalização do niilismo, o filósofo alemão apresenta, juntamente com o pensamento da vontade de potência, a doutrina de um mundo que não caminha para o fim como é apresentado pelo Cristianismo. Dessa maneira, o indivíduo movido pela vontade precisa afirmar a vida. Entretanto, antes é necessário realizar a superação da própria condição de negação que domina a modernidade. “Pois no querer do círculo que eternamente retorna no tempo e do ser, a vontade torna-se, justamente a partir do movimento infinito e sem fim, um círculo que quer ir tanto adiante quanto retornar”²⁵⁴. Nessa aceitação reside o florescer, a superação do niilismo para a afirmação da vida, não uma negação do niilismo, mas a confirmação de sua presença na modernidade. A superação tem início na abertura para aceitação do que se vive. Entretanto, essa vivência não se dá na passividade e comodismo, e sim afirmativamente na luta, com desejo de assenhoreamento.

Assim, em sua obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche defende que a superação não reside na negação do fato, mas na clareza dele e em suas implicações na vida do indivíduo. Nietzsche confirma isso ao colocar por meio de Zaratustra que: “Tudo vem, tudo retorna; rola eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser”²⁵⁵. Tudo isso é vivido pelo indivíduo de forma afirmativa e não com o olhar de sofrimento por ter que enfrentar as dificuldades do momento.

A doutrina do eterno retorno do mesmo é compreendida em chave afirmativa que lança o indivíduo para um percurso de superação de todas as situações vividas, positivas ou negativas. “Pois teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e tens de tornar-te: eis que és o mestre do eterno retorno – é esse agora o teu destino!”²⁵⁶. Ao se dar conta de que tudo retornará do mesmo modo, não deve ser isso motivo de aflição. Segundo o autor de Zaratustra, esse é o caminho de superação do todo: o ressentimento, ódio, prisão e vingança, elementos da modernidade iniciada com o advento do mundo racional.

Segundo o autor de *Assim falou Zaratustra*, o indivíduo capaz de compreender e assumir o eterno retorno do mesmo é considerado o mais exuberante dos homens, aquele que vive dentro do seu tempo tendo clareza do momento, não fazendo juízo de valor do certo ou errado. Ele apenas vive a situação. Por isso, é também um afirmador do mundo “[...] que não só aprendeu a se resignar e suportar tudo o que existiu e é, mas deseja tê-lo

²⁵⁴ LÖWITH, 2014, p. 243.

²⁵⁵ *Za/ZA*, III, 2, TCGM, 6. 265-266.

²⁵⁶ *Za/ZA*, III, 2, TCGM, 6. 269.

novamente, tal como existiu e é, por toda a eternidade [...]”²⁵⁷. Ele deseja o retorno de cada momento por completo, sem ressentimento ou desejo de vingança.

A doutrina do eterno retorno do mesmo exige, de maneira radical, a afirmação da vida, fazendo com que o indivíduo acolha todos os momentos vividos por igual. Isso o leva a reconhecer a necessidade de acolher o niilismo e suas implicações, contudo não permanecer nele, e sim realizar o processo de superação, tendo como meta a afirmação da vida. O indivíduo que compreende a doutrina do eterno retorno do mesmo encontra-se em processo de evolução, sendo conduzido para o além-do-homem.

3. 3 O homem nietzschiano busca a superação

O pensamento do eterno retorno do mesmo prima por um caminho de escolha, cabendo ao indivíduo segui-lo ou reprová-lo. Dessa maneira, o fraco niilista se dá conta de que tudo retornará de forma eternizada, situação mais extrema de niilismo, de vazio existencial, de total falta de sentido. Ao contrário para o forte, tendo clareza de que o mundo não caminha para um fim, mas que tudo retornará, inclusive os momentos de declínio, o niilismo, por mais duro que seja, é visto e vivido em chave afirmativa da condição existencial²⁵⁸. O indivíduo afirmativo tende a viver o momento em condição de abertura para o processo de crescimento, o que o coloca em estado constante de evolução, ratificando cada vez mais o pensamento de vontade de potência.

Esse indivíduo afirmativo elimina a marteladas as oposições que até o momento reinavam, incluindo a criação do mundo verdadeiro e o aparente. O que realmente existe é eternizado, é o vir-a-ser mostrando que não há mais sentido para o indivíduo fraco alimentar-se de ressentimentos²⁵⁹. O indivíduo afirmativo deseja e luta para viver o processo de superação do niilismo sem negá-lo, e com isso chegar à afirmação da vida. Ele é o além-do-homem nietzschiano que permanece em constante processo de superação.

O indivíduo aberto a constante busca de superação do niilismo e da modernidade é para o filósofo de *Assim falou Zaratustra* um processo de resolução para os problemas que vigoram na própria modernidade, a saber: o engessamento do indivíduo, a morte de Deus e a própria radicalização do niilismo. Nietzsche reconhece que esses problemas provocaram ao longo do tempo o enfraquecimento na cultura, o que implica em não

²⁵⁷ JGB/BM, III, 56, TCGM, 6. 61.

²⁵⁸ ARALDI, 2016, p. 326.

²⁵⁹ MARTON, 1993, p. 68.

querer omitir suas consequências, e sim realizar a superação. “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado”²⁶⁰. Nietzsche apresenta a necessidade de o indivíduo olhar para o seu interior e refletir sobre seus princípios valorativos, elevando-o à dimensão de superação do vazio existencial instaurado na modernidade. É do seu interior que desponta força capaz de superar a realidade de negação da vida em um mundo imerso totalmente no caos existencial.

Nietzsche, em tom de crítica, não ameniza palavras ao dizer que o indivíduo viveu ao longo da história um processo de decadência, tirando sua atenção do que realmente deveria, perdendo o sentido de sua existência e negando-a. Durante esse tempo, o indivíduo não se despertou para valorizar sua condição de vontade de força interior. Ele foi, de certa forma, orientado a caminhar contrário à sua essência de fortalecimento. “Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem?”²⁶¹. Nietzsche mostra a necessidade de superação, afirmando toda a sua existência sem preocupação com as normas impostas pela moral cristã que alimentam a afirmação do niilismo e não sua superação.

Por esse motivo, o indivíduo ainda não consegue realizar a superação do niilismo e chegar à afirmação da vida, pois antes de ir além, é necessário a autossuperação, motivado pela vontade de potência e aceitação do mundo como uma realidade em constante retorno. “Fizestes o caminho do verme ao homem, e muito, em vós, ainda é verme. Outrora fostes macacos, e ainda agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco”²⁶². Zaratustra desperta o ouvinte a passar por um processo de evolução, saber viver a vida de maneira ativa e não como mero espectador, o que implica em livra-se do engessamento imposto pela moral ocidental.

O além-do-homem apresentado por Nietzsche encontra-se em processo constante de autossuperação; é perene sua vontade de potência visto que a falta pela busca de superação implica em conservação, impedimento de crescimento, o que remete ao estado de decadência, permanecendo em um constante vazio, afirmando assim o niilismo. O indivíduo moderno para Nietzsche precisa sair do comodismo e realizar um caminho de crescimento, superação de si e dos elementos de negação que fazem parte da modernidade.

²⁶⁰ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

²⁶¹ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

²⁶² *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

Para Nietzsche, o além-do-homem em seu processo de evolução não pode ser compreendido a partir da teoria evolutiva desenvolvida pelo pensamento darwiniano, o que implica em necessidade de evolução biológica do indivíduo²⁶³. Para o filósofo de Zarathustra, o processo de evolução que o indivíduo precisa enfrentar deve acontecer a partir de sua condição afirmativa. Ele precisa ter o desejo de autossuperação, e com isso, desapegar-se de seu estado conservador, sem temer o abismo. “O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso pará-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter”²⁶⁴. O indivíduo precisa vivenciar as situações de risco. Para todos os lados há abismos. É necessário então, conservar-se ou dar início ao perigoso processo de travessia, a fim de superação de sua própria condição de vazio existencial e recuperação do estatuto de indivíduo.

O indivíduo, para vencer os abismos, precisa superar os desafios ao longo da travessia. Além disso, olhar a vida de forma afirmativa, reconhecendo que antes mesmo de ter a corda esticada e presa aos extremos com segurança, é preciso despertar sua vontade de potência para iniciar a travessia. Ainda, necessário acolher, de forma positiva, a doutrina do eterno retorno do mesmo como um processo cíclico, superando o abismo existencial do niilismo rumo à afirmação da vida.

O além-do-homem nietzschiano é o indivíduo que vive a doutrina do eterno retorno do mesmo com um olhar afirmativo. Ele sabe que é forte, e por isso, acolhe todos os momentos de sua existência de forma afirmativa, desejoso de que tudo isso possa retornar infinitas vezes. Não exclui nada do que acontece em sua vida. Positivo ou negativo, tudo é compreendido em perspectiva de superação, tendo em vista a afirmação da vida. Desse modo, o além-do-homem nietzschiano é aquele que, fundamentalmente, tem a coragem de abandonar o seu estado conservador e buscar ser um afirmador, um criador de sua própria existência²⁶⁵. Ele descobre sua força interior para superar as amarras impostas pela moral de rebanho.

Pela coragem de sair do conservadorismo, iniciando um processo de autossuperação da condição existencial, o além-do-homem mostra que vai contra tudo aquilo que, ao longo da história, foi realizando a inserção do niilismo, como é o caso da moral cristã que, impondo normas, não leva ao crescimento do indivíduo, mas o prende

²⁶³ WOODWARD, 2016, p. 40.

²⁶⁴ *Za/ZA*, Prólogo, 4, TCGM, 6. 8.

²⁶⁵ WOODWARD, 2016, p. 40.

em um rebanho. O além-do-homem não permite uma religião que alimente o sentimento de culpa e castigo, prejudicando assim a sua consciência de viver o presente de forma afirmativa. Ele não aceita a existência de uma realidade além daquela em que encontra-se inserido. Para ele, não há um mundo suprassensível assim como a imagem de Deus que a religião tem definida como existente e que vai julgar suas ações no momento do juízo final. “A realidade diverge disso de uma maneira terrível”²⁶⁶. Do ponto de vista nietzschiano, a moral religiosa não foi capaz de ajudar o indivíduo a reconhecer suas forças, sua vontade de potência. Ela não o encorajou a realizar um caminho de crescimento tendo em vista acolher a existência sempre com um olhar positivo. A moral religiosa, por meio de suas normas, foi fundamentando a realidade de negação da vida, chegando à radicalização do niilismo na modernidade.

Entretanto, o além-do-homem faz o caminho inverso sem negar a radicalização desse fenômeno. Ele é alguém capaz de sobreviver às consequências do niilismo na sua configuração mais extrema; afirma sua vida a partir da doutrina do eterno retorno do mesmo, sendo capaz de acolher tanto alegrias quanto sofrimentos que também precisam ser aceitos para acontecer a afirmação da vida²⁶⁷. No percurso de superação nada pode ser excluído da vida do indivíduo. Cada momento precisa ser vivido com intensidade em face da superação do niilismo para a afirmação da vida.

O além-do-homem apresentado por Nietzsche permanece sempre aberto ao devir, à movimentação, reconhecendo a constante luta que há em seu interior e em tudo que tem vida. Por isso, ele é extremamente aberto ao crescimento e à renovação dentro de uma dimensão de superação das forças negativas. “O devir-ativo só existe por uma e numa vontade que afirma, assim como o devir-reativo só existe pela e na vontade de nada”²⁶⁸. Logo, qualquer atividade que o indivíduo desempenhe, por mais simples que possa parecer, deve ser sempre em chave de superação, valorizando sua vontade de força afirmativa.

Para Nietzsche, o além-do-homem, valorizando a vontade de potência e desejando viver em profundidade o eterno retorno do mesmo, apresenta-se como aquele que enfrenta a realidade existencial com olhar profundamente afirmativo. Uma forte característica do além-do-homem é, sem sombra de dúvida, o elemento afirmativo²⁶⁹, não apenas dos fatos

²⁶⁶ *GM/GM*, II, 21, TCGM, 6. 291.

²⁶⁷ WOODWARD, 2016, p. 40.

²⁶⁸ DELEUZE, 2018, p. 215.

²⁶⁹ DELEUZE, 2018, p. 216.

felizes, e sim de toda a vida, sem nada faltar ou acrescentar. Ele afirma sua existência e sempre a vê com um olhar de superação.

Para o autor de *Assim falou Zaratustra*, o além-do-homem procura a todo instante viver um processo de afirmação de sua existência diferente do modo que a moral religiosa orienta no mundo transcendente, após o indivíduo viver a experiência da morte e passar pelo juízo final. Para o além-do-homem, não faz mais sentido viver a vida pensando ou esperando alguma recompensa no futuro. Isso o impede de agir ativamente. Além disso, não é correto viver os momentos de sofrimentos da vida no pensamento de atos purificatórios como era apresentado pelo Cristianismo, mas como parte da existência.

Assim, o além-do-homem encontra sentido para sua vida, não no mundo metafísico, mas dentro da realidade concreta, pois não buscando viver uma conservação de si, ele é capaz de encontrar sentido em tudo. “Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra!”²⁷⁰. Isso mostra que, diferente daqueles que pertencem ao rebanho e vivem com certa preocupação em relação às suas ações na terra, o além-do-homem não consegue encontrar sentido em algo que não seja na realidade terrena.

Então, abre-se uma reflexão para reconhecer o além-do-homem apresentado por Nietzsche, com capacidade de não se deixar contaminar por nenhum outro tipo de ensinamento. Ele tem clareza de sua real condição, busca sempre realizar o processo de superação para a afirmação da vida. “Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro. Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo”²⁷¹. Desta maneira, Nietzsche apresenta o além-do-homem como sendo um oceano capaz de viver no mundo marcado fortemente pela realidade niilista, porém sem se deixar contaminar pelas consequências deste mundo. O homem nietzschiano realiza uma metodologia de purificação do rio. Ele é capaz de superar a modernidade e a moral ocidental que vêm contaminadas por elementos de negação, fraqueza e impedimento de ações afirmativas.

Nietzsche usa ainda a imagem do artista como aquele que, pegando um objeto na forma bruta e empreendendo um trabalho de lapidação, transforma-se em linda peça que encanta a muitos²⁷². Assim deve ser cada indivíduo que busca lapidar-se rumo à autossuperação, saindo do seu estado de espírito ressentido para o afirmativo.

²⁷⁰ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 6.

²⁷¹ *Za/ZA*, Prólogo, 3, TCGM, 6. 7.

²⁷² *FW/GC*, IV, 290.

Diante da vida com implicações de separação imposta pela moral de rebanho, fortalecendo cada vez mais o crescimento de um indivíduo engessado, preso ao medo de quebrar alguma norma, seja da parte da moral religiosa ou da própria modernidade que impõe suas regras a partir dos avanços científicos, o autor de *Anticristo* identifica esse tipo de evolução como negativa. “‘O progresso’ é apenas uma ideia moderna, ou seja, uma ideia errada”²⁷³. Entretanto, o filósofo reconhece que ao longo da história houve homens capazes de viver, de forma afirmativa, não abaixando a cabeça para normas impostas pela moral religiosa. Esses homens foram criadores de si, apresentaram valores edificantes para a vida, destacando a pessoa de Jesus Cristo, Napoleão e outros²⁷⁴. Eles viveram entre rios contaminados e não se deixaram levar, continuaram sendo grandes oceanos cheios de afirmação da vida.

Diante disso, ganha visibilidade o além-do-homem apresentado por Nietzsche como aquele que não faz parte do rebanho. Ele tem sim o objetivo de autossuperação, não fazendo parte de sua vida a má consciência, o ressentimento e a culpa, elementos da moral ocidental. “A palavra ‘super-homem’, para designação de um tipo que vingou superiormente, em oposição a homens ‘modernos’, a homens ‘bons’, a cristãos e outros niilistas [...]”²⁷⁵. O homem-superior é na verdade aquele indivíduo que descobre sua capacidade de viver como mestre de sua existência, acolhendo todas as situações com olhar afirmativo. Por isso, é capaz de realizar a superação do niilismo e afirmar a vida. Ele não nega o niilismo e nem se prende a ele, mas o afirma, e assim inicia-se o procedimento de superação. Evoca-se então a criação de novos valores.

3. 4 A superação dos valores como via afirmativa

Diante do anúncio da morte de Deus, sinal de radicalização do niilismo, Nietzsche apresenta um percurso em vista da superação do niilismo para a afirmação da vida. Então, reconhece que o indivíduo carrega em seu interior a vontade de supera-se que necessita ser valorizada. Isso implica na aceitação de sua existência diante de todas as adversidades, tornando indispensável as experiências da vida em sua completude. Entretanto, é fundamental viver todas as situações com olhar afirmativo, inserido em um processo de

²⁷³ AC/AC, 4, TCGM, 6. 170.

²⁷⁴ GM/GM, I, 16, TCGM, 6. 250 - 252; AC/AC, 4, TCGM, 6. 170.

²⁷⁵ EH/EH, III, 1, TCGM, 6. 309.

autossuperação de sua real condição, sendo capaz de provocar uma verdadeira reviravolta de todos os valores.

Do mesmo modo que é imprescindível ao indivíduo coragem para viver a doutrina do eterno retorno do mesmo de maneira afirmativa, exigirá também dele bravura para colocar em prática o projeto de transvaloração de todos os valores. “Agora tenho-o na mão, tenho mão bastante para deslocar perspectivas: razão primeira porque talvez somente para mim seja possível uma ‘tresvaloração dos valores’”²⁷⁶. A reviravolta dos valores acarreta, juntamente com a doutrina do eterno retorno do mesmo e o além-do-homem, sucesso na travessia do niilismo, sem temer ou sentir a necessidade de negar sua presença. O niilismo é fato presente na cultura cuja afirmação de sua radicalização culmina em ânsia de superação.

A realização do projeto de transvaloração de todos os valores é visto pelo filósofo como uma atividade de destruição, a partir do momento de reconhecimento em que o fundamento de todos os valores já não reina mais na sociedade; ele está morto. A partir disso, não há mais necessidade de continuar vigorando valores originados em Deus ou no mundo transcendente. Nietzsche salienta que tais valores passam a radicalizar o niilismo, afirmando a negação da vida. “Companheiros é o que busca o criador, não cadáveres, e tampouco rebanhos e crentes. Aqueles que criem juntamente com ele busca o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas”²⁷⁷. Nietzsche acena para a elaboração de novos valores, levando em conta a não continuidade dos valores antigos; esses são valores ultrapassados que não valorizam as necessidades do indivíduo no momento presente de sua existência, o que ocasiona ao indivíduo viver o presente, olhando sempre para o passado ou preocupado com o futuro, atitudes que abandonam o momento hodierno de sua vida.

Os novos valores não devem ter por finalidade a manutenção do indivíduo inserido no rebanho, pois isso não leva à superação do niilismo, mas precisam ser projetados com finalidade contrária a tudo o que provoca, ao longo da modernidade compreendida por Nietzsche, como uma realidade de negação. Não faz sentido criar valores em continuidade aos já existentes. O filósofo apresenta valores em defesa da vida, levando o indivíduo a reconhecer todos os momentos com olhar afirmativo. “Depois de resolvida a parte de minha tarefa que diz Sim, era a vez da sua metade que diz Não, que faz o Não: a tresvaloração mesma dos valores existentes, a grande guerra – a conjuração do dia da

²⁷⁶ *EH/EH*, I, 1, TCGM, 6. 273.

²⁷⁷ *Za/ZA*, Prólogo, 9, TCGM, 6. 18.

decisão”²⁷⁸. O indivíduo aberto a viver o eterno retorno do mesmo, revestido da vontade de potência, consegue ser o criador de sua história, e assim, realizar a travessia do contexto niilista.

O projeto de reviravolta dos valores precisa suprir as necessidades do indivíduo, reconhecendo cada período da história e seus desafios: novos valores para um novo momento. Diante disso, o filósofo alemão realiza uma inversão, pois critica o que é coroado como o mais afirmativo, quando na verdade, o realmente afirmativo ainda precisa ser construído para superar a modernidade, o niilismo para a afirmação da vida. Não basta destruir valores apenas como um anarquista ou edificar valores para mostrar-se capaz de criá-los. Diante disso, o filósofo alemão realiza uma inversão, por criticar o que é coroado como o mais afirmativo, quando na verdade, o realmente afirmativo ainda necessita ser construído para a realização do processo de superação do niilismo e coroar com a afirmação da vida e da existência do mundo sensível.

A transvaloração de todos os valores é apresentada por Nietzsche dentro de uma possibilidade de refundação da cultura com o olhar afirmativo pelo indivíduo. “Trazei, como eu, a virtude extraviada de volta para a terra – sim, de volta ao corpo e à vida: para que dê à terra seu sentido – um sentido humano!”²⁷⁹. Para isso, é preciso uma reviravolta em tudo aquilo que, ao longo da história, foi edificado como valor e exigido como norma. A partir disso, observa-se que Nietzsche dá início a um processo de destruição de todos os valores construídos a partir do pensamento de Sócrates e Platão e valorizados pela moral religiosa como valores afirmativos, quando na verdade, são valores de negação e sustento para o niilismo.

A ânsia pela transvaloração de todos os valores é uma proposta defendida por Nietzsche em vista da superação do niilismo, pois a forma de como os ditos valores foram apresentados, só conduzem o indivíduo a uma vida de decadência, afirmando cada vez mais a cultura patológica que não fornece caminhos de superação. Essa tarefa de realizar o processo de transvaloração de todos os valores é atribuída aos novos filósofos que têm vontade de potência, espírito forte e pensamento original²⁸⁰, exigindo deles uma desconstrução primeira para edificação mais segura ao final.

O delineamento da transvaloração de todos os valores não pode, de forma alguma, seguir os mesmos princípios da moral religiosa para edificação dos novos valores.

²⁷⁸ *EH/EH*, X, 1, TCGM, 6. 360.

²⁷⁹ *Za/ZA*, I, 2, TCGM, 6. 91.

²⁸⁰ *JGB/BM*, V, 203, TCGM, 6. 103.

Enquanto a moral cristã busca valores tendo como fonte o mundo metafísico, colocando a vida em segundo plano, assim como o mundo imanente, Nietzsche, ao contrário, revela a vida como raiz para a edificação de quaisquer valores. Quando isso não acontece, os valores tornam-se sempre valores de negação, niilistas, causa de decadência e ressentimento, o que não é positivo para a sociedade. Assim, apresenta Nietzsche:

Portanto, limitemo-nos a depurar nossas opiniões e valorações e a criar novas tábuas de valores: - mas acerca do “valor moral de nossos atos” vamos deixar de remoer pensamentos! Sim, meus amigos, é tempo de se enjoar com toda a tagarelice moral deve ofender nosso gosto! Deixemos essa tagarelice e esse mau gosto para os que nada têm a fazer senão arrastar o passado um pouco mais adiante no tempo, e que nunca são eles mesmos presente – para muitos então, para a maioria! Nós, porém, queremos nos tornar aqueles que somos – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos! [...] ²⁸¹.

A transvaloração de todos os valores como deseja Nietzsche, não deve permanecer presa a princípios do passado. É fundamental recordar a doutrina do eterno retorno do mesmo que leva o indivíduo a valorizar o seu momento atual sem nenhuma preocupação com o que existiu ou ainda possa acontecer, como o juízo final. Com isso, o filósofo exclui todo tipo de moral que olha apenas para o passado ou tire a centralidade do presente. A moral desejada por Nietzsche é aquela capaz de conduzir o indivíduo à superação do niilismo.

Nietzsche assinala para que os novos filósofos se voltem para o tempo atual e, a partir das necessidades da vida, elaborem uma nova tábua de valores a fim de ajudar o indivíduo a se superar, incluindo a superação do niilismo radicalizado na cultura. Essa afirmação não pode acontecer fora da realidade concreta como é defendida pela moral religiosa com seus princípios de negação da vida. A reviravolta dos valores deve ser a oportunidade para a afirmação do indivíduo, primeiro responsável em descobrir forças e lutar pela autossuperação.

Não se deve esquecer de que o valor da verdade é algo fortemente defendido pela moral religiosa, destacando sobretudo uma verdade que provoca poder de dominação da vida do indivíduo no mundo sensível em vista do mundo suprassensível. Nietzsche defende que a busca por tal verdade é a ruína da própria interpretação da moral cristã, pois falta uma base de sustentação mais sólida, o que conduz ao niilismo. A partir dessa constatação, o filósofo ressalta que na transvaloração de todos os valores não se pode

²⁸¹ FW/GC, IV, 335.

cometer o mesmo equívoco. É necessário olhar para a vida como base fundamental para edificação de valores afirmativos²⁸², pois somente a vida consegue validar ou invalidar qualquer tipo de valor.

Diante disso, fica claro que o projeto de transvaloração de todos os valores implica em uma real destruição das bases dos valores vigentes. Assim, toda a fundamentação do mundo metafísico é destronada, inclusive os valores apresentados pela religião e a moral²⁸³. Agora, não faz mais sentido alimentar o ressentimento, a pertença ao rebanho e a vingança. É necessário um novo olhar para a vida sem espaço para sentimentos de negação.

Além disso, transvalorar carrega força capaz de provocar inversão dos valores vigentes. Assim, se Deus está morto, o mundo suprasensível perde o sentido, sendo necessário valorizar o concreto, a terra e o corpo totalmente esquecidos em detrimento da alma. Com a inversão de valores, o indivíduo vive por completo no mundo sensível focado somente no presente²⁸⁴. O indivíduo é agora o responsável por suas ações de certo ou errado.

Em um terceiro momento, o projeto de transvaloração de todos os valores tem uma implicação de criador²⁸⁵. No entanto, evidencia-se o indivíduo como aquele que tem capacidade de legislar e estabelecer parâmetros capazes de realizar com suas forças o processo de superação da modernidade niilista, e ainda, recuperar sua situação de indivíduo que supera a moral do rebanho e chegar à afirmação da vida.

Assim, o autor em sua obra *Além do bem e do mal* mostra que os verdadeiros filósofos precisam saber legislar de forma saudável. Diante da reviravolta provocada pelo anúncio da morte de Deus, passa-se a afirmar o que, até o instante, era visto de forma negativa, como é o caso da valorização dos afetos, a força de vontade e o desejo de crescimento que fazem parte da condição do indivíduo. “Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – vontade de potência”²⁸⁶. Os autênticos filósofos deixam florescer a vontade de superação de toda situação de negação sem camuflar a real situação de negação, pois toda realidade niilista é enfrentada com um olhar de crescimento e superação.

²⁸² WOODWARD, 2016, p. 58.

²⁸³ MARTON, 2009, p. 75-76.

²⁸⁴ MARTON, 2009, p. 77.

²⁸⁵ MARTON, 2009, p. 79.

²⁸⁶ *JGB/BM*, VI, 211, TCGM, 6. 120.

É visível que, ao caracterizar a filosofia nietzschiana como filosofia de valorização da vida, cabe salientar que, antes de se apresentar qualquer princípio como valor, realiza-se um processo de crítica. Nietzsche questiona o próprio princípio valorativo construído em favor da afirmação da vida para que leve a importância dela na edificação de algum valor²⁸⁷. Isso remete ao projeto de transvaloração de todos os valores compreendido também como uma alteração do princípio de avaliação, que no caso em questão, eleva a vida a uma centralidade. Isso é compreendido como vitória da vontade de potência afirmativa sobre todas as condições de valores dominados pelo niilismo que reinavam na sociedade moderna²⁸⁸. O intuito nietzschiano provoca transformação, de forma positiva, para os fortes que conseguem viver o eterno retorno do mesmo revestidos da vontade de potência, fazendo vencer o abismo do vazio existencial de forma afirmativa.

Na busca da superação do niilismo para a afirmação da vida, a transvaloração dos valores não pode ser compreendida apenas como um empreendimento de destruição dos valores existentes, por mais que eles sejam valores niilistas. Dessa forma, o projeto nietzschiano seria enquadrado apenas como proposta de destruição, um evento niilista. Entretanto, o filósofo desponta para a edificação de valores que sejam capazes de superação. Para tanto, precisam ser bem fundamentados como valores de afirmação e promoção da vida.

A transvaloração de todos os valores segundo Nietzsche, desencadeia reflexão sobre o desejo do poder que habita o interior do indivíduo, fazendo com que ele tenha atenção e viva um reencontro com a sua realidade terrena. “Um novo orgulho me ensinou meu Eu, que ensino aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestiais, mas levá-la livremente, uma cabeça terrena, que cria sentido na terra!”²⁸⁹. Torna-se indispensável ao indivíduo viver sua história terrena compreendendo-a como vontade de potência, e por isso, aberto a viver a doutrina do eterno retorno²⁹⁰. Se os valores antes eram fundamentados em um mundo transcendente, agora, os são a partir das necessidades da vida inserida no mundo terreno.

Na constante busca de proporcionar um caminho de superação da modernidade do niilismo radicalizado em direção à afirmação da vida, Nietzsche manifesta, por meio da vontade de potência, o desenvolvimento do projeto de transvaloração de todos os valores

²⁸⁷ MACHADO, 2022, p. 119.

²⁸⁸ MACHADO, 2022, p. 126.

²⁸⁹ *Za/ZA*, I, TCGM, 6. 32.

²⁹⁰ HERPICH, 2017, p. 120.

que o além-do-homem deve enfrentar, não deixando de lado a valorização da vida que há nos elementos que delimitam a circunscrição da tragédia grega.

3. 5 A tragédia grega contra a modernidade

Nietzsche valoriza o pensamento grego e tem um olhar singular pelos filósofos pré-socráticos, em especial, por Heráclito que revela uma riqueza de força de vontade nesse ambiente antes de engrandecer o pensamento socrático. A partir dessa reflexão, acontece o esfacelamento e enfraquecimento de forças. Dessa maneira, Nietzsche olha para o mundo grego e ressalta a riqueza de ensinamentos presentes na tragédia grega, como resposta positiva para realizar a superação do niilismo e, conseqüente, afirmação da vida. Esse retorno acontece no processo de abertura em que o indivíduo, dotado de força de vontade, vive a experiência do eterno retorno do mesmo de maneira afirmativa.

Na busca por solucionar o problema do niilismo radicalizado na sociedade, Nietzsche assinala o pensamento trágico, juntamente com vontade de potência e a doutrina do eterno retorno do mesmo, para realizarem o processo de transvaloração de todos os valores. “O nascimento da tragédia foi minha primeira tresvaloração de todos os valores: com isso estou de volta ao terreno em que medra meu querer, meu saber – eu, o último discípulo do filósofo Dionísio – eu, o mestre do eterno retorno”²⁹¹. Em vista disso, há uma mudança na forma de compreender a vida, não mais nutrindo sentimento de culpa, remorso e ressentimento como se via na doutrina da moral religiosa, sinal de fraqueza do indivíduo.

Na tragédia grega, a vida é compreendida em sua totalidade. Todos os momentos são acolhidos dentro de uma dimensão de superação e crescimento, o que Nietzsche entende como caminho de superação, não apenas do niilismo na sua forma extrema, mas da própria modernidade inaugurada com o pensamento socrático que tirou a dimensão de singularidade do indivíduo, exigindo dele a pertença ao rebanho.

Nietzsche, em sua obra *O nascimento da tragédia*, vislumbra uma riqueza existente na vivência do mundo trágico. De certo modo, desenvolve seu pensamento filosófico sempre trazendo, de maneira implícita ou explícita, elementos deste mundo. No entanto, Nietzsche, diferente de Schopenhauer, não valoriza pensamento pessimista. “A tragédia precisamente é a prova de que os gregos não foram pessimistas: Schopenhauer

²⁹¹ GD/CI, X, 5, TCGM, 6. 161.

enganou-se aqui, como se enganou em tudo”²⁹². Para o filósofo alemão, a riqueza de ensinamentos oferecida pela tragédia grega é positiva para todos os momentos da vida.

Na averiguação da história, Nietzsche reconhece que a tragédia grega contribuiu para o crescimento do indivíduo além do seu tempo, fazendo-o refletir a partir da vivência do mundo trágico. “Agora temos de recorrer a todos os princípios artísticos examinados até o momento, a fim de encontrarmos nosso caminho nesse labirinto, que é como devemos designar a origem da tragédia grega”²⁹³, na busca superar os entraves que, ao longo da modernidade, a religião de rebanho foi construindo. Agora, o indivíduo precisa despertar para realizar sua autossuperação.

O autor de *O nascimento da tragédia*, ao contrário de muitos do seu tempo, desenvolve um pensamento fundamental e afirmativo para a realização do problema em questão, a superação do niilismo para a afirmação da vida. Com isso, recorda a importância de o indivíduo ter abertura para viver o processo do eterno retorno do mesmo, o que implica em abertura também para acolher, com prazer e com visão de crescimento, o vir-a-ser. Essa abertura não exclui acolher e valorizar com olhar de crescimento os obstáculos, pois são essenciais ensinamentos e meios para fortalecer a força do indivíduo a descobrir meios de superação. “A dor também é um prazer, a maldição também é uma bênção, a noite também é um sol – ide embora, ou aprendereis: um sábio também é um tolo”²⁹⁴. Enfrentar obstáculos exige crescimento de forças. Há cada dificuldade superada nasce um indivíduo mais forte. Contudo, com a dominação da racionalidade moderna, sendo apoiada por Sócrates e pela moral cristã, exclui essa compreensão, o que culmina em perda de forças. A eliminação do trágico leva ao estancamento da fonte superiora da vida²⁹⁵ como desejo de superação, gerando assim uma não afirmação da vida.

Sobre o domínio do Cristianismo na cultura ocidental, Nietzsche afirma que houve a eliminação do mito. Esse é valioso no tocante ao processo de superação das forças do indivíduo. Como bem destaca o filósofo: “Sem mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: apenas um horizonte demarcado por mitos encerra e unifica todo um movimento de cultura”²⁹⁶. Ao se eliminar da vida o mito como fez a moral religiosa impondo uma doutrina baseada na racionalidade e hierarquização, deixa-se de valorizar a força, passando a destacar como positivo, a uniformidade que, para o autor de *O*

²⁹² *EH/EH*, IV, 1, TCGM, 6. 318.

²⁹³ *GT/NT*, 7.

²⁹⁴ *Za/ZA*, IV, 10, TCGM, 6. 391-392.

²⁹⁵ FEILER, 2011, p. 25.

²⁹⁶ *GT/NT*, 23.

nascimento da tragédia, resulta em enfraquecimento e abertura para a não afirmação da vida.

Segundo Nietzsche, para superar o niilismo e afirmar a vida, além de superar a própria modernidade, é necessário o retorno à tragédia grega em busca de valorização. É necessário voltar às fontes geradoras de vida, recordar as imagens daqueles que contribuíram para o despertar da vontade de potência, realizando um caminho de superação da realidade esvaziada rumo ao objetivo de afirmação existencial. “Segundo esse conhecimento, temos de entender a tragédia grega como o coro dionisíaco que sempre se desafoga novamente num mundo apolíneo de imagens”²⁹⁷. Nietzsche olha a vida a partir desses impulsos artísticos, um completando o outro, representando que a vida é edificada na vivência de todos os momentos, sejam felizes ou tristes, e na conciliação dessas duas divindades gregas, realiza-se o processo de superação dos elementos que impedem a vida de chegar ao seu objetivo verdadeiro, ser afirmada.

Antes, é necessário assinalar que Nietzsche não consegue eleger um antagonismo na tragédia como é entendido pela doutrina religiosa e pensamento socrático. O filósofo alemão não procura fazer uma ligação negativa ou de contradição do mundo trágico. Ele não vê a existência de uma relação dialética, mas uma relação harmônica como fonte geradora de crescimento e desejo de superar todos os desafios presentes na vida. “A contradição, em *O nascimento da tragédia*, é a da unidade primitiva e da individualidade, do querer e da aparência, da vida e do sofrimento”²⁹⁸, o que mostra um desejo de crescimento da força sendo capaz de acolher a singularidade sem perder a unidade, o que foi quebrado com a moral religiosa, colocando o indivíduo na uniformidade. Aqui, não acontece a superação do niilismo para a afirmação da vida, ao contrário, alcança-se esse objetivo na individualidade e unidade primitiva.

Como almeja Nietzsche, o retorno à tragédia grega requer simplesmente viver as dores e prazeres dentro de um contexto afirmativo da vida, inserindo-o na doutrina do eterno retorno do mesmo, momento em que o homem, com coragem, enfrenta os acontecimentos da vida em uma dimensão positiva e aberta a viver tudo novamente, diversas vezes. “O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isso chamei dionisíaco [...],”²⁹⁹. Diante disso, a tragédia grega torna-se

²⁹⁷ GT/NT, 8.

²⁹⁸ DELEUZE, 2018, p. 21.

²⁹⁹ GD/CI, X, 5, TCGM, 6. 160-161.

uma espécie de antídoto medicinal, tendo como propósito devolver uma vida saudável ao indivíduo contaminado pelas enfermidades causadas pela moral de impedimento. O pensamento trágico provoca a transvaloração de todos os valores. Se não há mudança neles, não haverá empecilhos a serem superados.

O pensamento trágico defendido na filosofia nietzschiana leva o indivíduo à autossuperação, sendo sobretudo capaz da superação do niilismo para a afirmação da vida. Assim, diante da falta de sentido dominante, sinal da presença do niilismo, a tragédia grega transforma o indivíduo em ser ativo e corajoso frente aos contratemplos, não esquivando-se dos desafios, mas vendo-os como realidade de superação, crescimento e renovação das próprias forças.

Na obra *O nascimento da tragédia*, Nietzsche dá destaque a dois personagens importantes da mitologia: Apolo e Dionísio. Cada um marca, de forma expressiva, a vontade de potência. Entre as divindades expressas, há uma dimensão de completude como bem afirma o filósofo: “Nesse encantamento o entusiasta dionisiaco vê a si mesmo como sátiro, e como sátiro ele contempla o deus, isto é, em sua transformação vê uma nova visão fora de si, como consumação apolínea do seu estado”³⁰⁰. É na relação valorativa das duas divindades que o drama se completa. Isso mostra que, para o indivíduo ser completo, é necessário valorizar todas as situações de sua existência, dando importância por igual, pois, é a partir dessa valorização que o indivíduo vive realidade de superação do niilismo para a afirmação da vida dentro da realidade concreta da história e não no mundo transcendente.

Baseado na teoria das forças que permanecem em constante estado de superação, Nietzsche expõe a luta de oposição que há na relação entre Apolo e Dionísio. No entanto, não há em nenhuma das partes o desejo de exterminar ou excluir por completo o outro, pois ambos são fundamentais para a edificação da tragédia. Eles passam a representar assim, o verdadeiro estado de tensão que se encontra presente em cada indivíduo, o desejo de edificar e destruir, ratificando um desejo sempre perene de autossuperação das próprias forças, sendo capaz de criar e permanecer aberto para recriação³⁰¹. Para o indivíduo nietzschiano superar o niilismo, é necessário deixar florescer no seu interior a essência dessas divindades, estirpando as amarras existentes que impedem o caminho de renovação.

³⁰⁰ GT/NT, 8.

³⁰¹ FEILER, 2011, p. 24.

Com a dominação do pensamento socrático classificado por Nietzsche como decadência, é visível a necessidade de um olhar afirmativamente verdadeiro para o sentido perdido ao longo da história. Dessa maneira, Nietzsche convida o indivíduo a olhar para os deuses Apolo e Dionísio como divindades indissociáveis e representativas de uma dimensão de superação da realidade, desorganizada e esvaziada de sentido para a afirmação da vida. Apolo é símbolo da sobriedade de uma realidade organizada, sendo visível uma harmonia em que se tem clareza dos limites. É referência para a justa medida. O impulso apolíneo é marcado pela ordem de uma vida organizada dentro de um contexto de superação de toda causa de sofrimento.

Apolo, divindade que evoca a simetria a partir da beleza do seu próprio corpo, mostra por meio de sua luminosidade, a clareza na organização de seus atos. Seria, segundo Nietzsche, símbolo de uma clara vivência de tudo o que envolve o indivíduo, exigindo dele saber fazer escolhas com distinção suficiente para não negar sua existência. A dimensão apolínea representa a singularidade no processo de autossuperação. Representa ainda, um mundo marcado pela dimensão do limite que não pode fugir dessa realidade, porém, não um limite que retorna à doutrina religiosa que imprime um rebanho; aqui é com olhar afirmativo da vida e busca de superar toda realidade esvaziada de sentido.

Dionísio, sendo sempre conhecido como o deus do vinho, da embriaguez, do excesso, é compreendido como a outra dimensão da vida que remete à realidade de constante movimentação da natureza e que precisa ser aceita e valorizada. “O grego dionisíaco quer a verdade e a natureza em sua força máxima – ele se vê transformado em sátiro por encanto”³⁰². Ele remete ao impulso natural da vida com o desejo de crescimento, de superação, aberto a viver em constante luta. É o deus que simboliza tanto a vida quanto a morte, fazendo com que se mantenha sempre o círculo natural da vida em constante movimentação, de forma afirmativa, em todas os seus instantes.

O dionisíaco é símbolo da própria vontade de potência. Permanece em constante movimentação e busca viver um caminho de superação para afirmar-se. Encontra-se aberto a aprender com a vida e olha os obstáculos como realidade de superação, enfrentando-os sem aquela preocupação presente nos membros do rebanho que tinham em suas consciências, se estavam ou não infringindo alguma norma moral religiosa. “Inicialmente, Dioniso é apresentado com insistência como o deus afirmativo e

³⁰² *GT/NT*, 8.

afirmador”³⁰³. Ele vive sem um juízo de valor condenatório suas ações e permanece sempre aberto para viver a vida.

Dionísio vive uma verdade diferente da definição dominante da modernidade, que é uma verdade de separação, negação das forças naturais da própria vida. A dimensão dionisíaca realiza um caminho de afirmação da vida por ser capaz de viver como realmente deve-se viver, preocupado com a justificação dos atos. “É o deus que afirma a vida, para quem a vida tem que ser afirmada, mas não justificada, nem redimida”³⁰⁴. Ele é capaz de viver todos os momentos com clareza e desejo de superação para afirmar sua realidade.

Dessa maneira, Nietzsche entende a riqueza da tragédia grega a partir da união dos elementos artísticos de Apolo e Dionísio. Com essas duas divindades, o indivíduo deve saber integrar em sua existência todos os fatos que acontecem na vida, sejam positivos ou negativos. É preciso vencer cada situação. Nietzsche apresenta a tragédia grega, juntamente com o pensamento do eterno retorno do mesmo e a transvaloração de todos os valores, com um olhar de superação do niilismo.

Essa superação acontece quando o indivíduo, aberto a enfrentar os obstáculos, não olha como castigo, mas como momento de crescimento e aberto ao retorno das mesmas dificuldades outras vezes presentes. Em cada luta, há renovação de forças, desejo de superação, de crescimento e por isso, novos valores são necessários para que o indivíduo continue crescendo e afirmando a vida. É um indivíduo aberto e acolhedor do seu destino, tornando-se capaz de se autossuperar e assim chegar ao ponto alto da existência afirmando a vida, o que realmente é sagrado e precisa ser bem valorizado dentro da realidade concreta e não em uma outra dimensão como era defendida pela moral ocidental.

3. 6 O amor *fati* e o senso de superação

Na busca da superação do niilismo para a afirmação da vida, Nietzsche apresenta um outro caminho fortalecedor para a resolução do problema aqui em pesquisa. Faz uma reflexão sobre o *amor fati*, especificamente, amor ao destino, aceitando o que vier a acontecer. Esse pensamento reforça a doutrina desenvolvida anteriormente do eterno retorno do mesmo. “Não temos escapatória: estamos condenados a viver inúmeras vezes e, todas elas, sem razão ou objetivo; tudo o que nos resta é aprender a amar o nosso

³⁰³ DELEUZE, 2018, p. 23.

³⁰⁴ DELEUZE, 2018, p. 23.

destino”³⁰⁵. O filósofo defende abandonar o mundo suprassensível, porém, salienta ser imprescindível voltar a atenção para a realidade concreta. A vida terrena precisa ser valorizada em sua completude.

Nietzsche busca resolver o problema provocado pela moral religiosa que, usando de discurso afirmativo, gera negação tanto da vida quanto da realidade sensível, dando espaço para o desenvolvimento do niilismo chegar à forma mais radical. Então, apresenta o *amor fati* como caminho afirmativo da vida e superação do niilismo, da moral negadora e da própria modernidade esvaziada de sentido. A vida é identificada por Nietzsche como o que há de mais sagrado e que precisa ser afirmada acima de qualquer situação. “Assumir o destino é estar aberto para acolher tudo aquilo que vier a acontecer, isto é, a vida em sua plenitude”³⁰⁶. A vida é compreendida pelo filósofo como constante busca de autossuperação, uma força que não permite viver em processo de engessamento, sinal visível de radicalização do niilismo.

O *amor fati* é apresentado por Nietzsche como uma fórmula capaz de mensurar a grandeza afirmativa do próprio indivíduo inserido na realidade concreta. Ele, aberto a viver todos os instantes da vida de forma mais intensa possível e em abertura com a doutrina do eterno retorno do mesmo, não deseja que fatos acontecidos sejam modificados; acontecem como devem acontecer e são dessa forma amados. “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas”³⁰⁷. Diferente do que é defendido pela moral de rebanho, o filósofo compreende todos os momentos da vida como realidade afirmativa, e por isso, é capaz de viver a vida mergulhado na vontade de superação da realidade niilista para afirmar a vida.

É valioso ressaltar que, de início, Nietzsche refere-se ao *amor fati* como “aquilo que é necessário”, afirmando que a manifestação dos fatos da vida devem ser acolhidos e afirmados, à luz do que já foi exposto, a partir da concepção da tragédia grega, representada pelos personagens Dionísio e Apolo. Reconhece a importância de cada um deles para a superação de toda a realidade niilista e da própria modernidade, não deixando de lado a força do além-do-homem repleta de vontade de potência. Nietzsche olha esses ensinamentos a serem vivenciados na forma ativa, em vista da superação do niilismo para afirmação da vida. “Cada um é necessário, é um pedaço de destino, pertence ao todo, está

³⁰⁵ MARTON, 1993, p. 67.

³⁰⁶ FEILER, 2018, p. 17.

³⁰⁷ FW/GC, IV, 276.

no todo – não há nada que possa julgar, medir, comparar, condenar nosso ser, pois isto significaria julgar, medir, comparar, condenar o todo... Mas não existe nada fora do todo!”³⁰⁸. Nietzsche expõe que, os momentos da vida, pequenos ou grandes, de sofrimento ou felicidade, devem ser valorizados e precisam ser vividos com interesse de superação e crescimento. Logo, desvaloriza um juízo de valor que classifica os atos do indivíduo como certos ou errados, reconhece-os como necessários para a superação do niilismo e da modernidade em vista da afirmação da vida.

Diante da moral cristã que gera impedimento para o crescimento e fortalecimento do indivíduo, segurando-o cada vez mais dentro de uma realidade de rebanho, Nietzsche, pelo *amor fati*, rompe com a norma vigente, estabelecendo a importância de acolher todos os instantes da vida esvaziados de critérios ou julgamentos. O indivíduo livre para viver momentos diversos, realiza-se conduzido pela doutrina do eterno retorno, o que implica no desejo de que tudo é vivido com a mesma intensidade. Enquanto a moral religiosa ao longo da história foi construindo muros, forçando uma vida de separação entre os indivíduos, o *amor fati* segue um outro percurso: busca recuperar a dimensão de singularidade do indivíduo.

Na busca de superar os entraves provocados pela moral ocidental, Nietzsche não alimenta um pensamento futurista da vida; tem sim ânsia pelo presente, pelos acontecimentos do agora que necessitam ser acolhidos e vividos com amor e intensidade. “*Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores”³⁰⁹. O autor de Zaratustra dá visibilidade e importância ao estatuto de singularidade do indivíduo, defendendo sua força e vontade para acolher e viver o seu destino sem esquivar-se diante dos incidentes, sem fazer juízo de valor.

O indivíduo deve sempre estar aberto e amar o seu destino, viver intensamente, sem reservas, disposto a passar pelas mesmas situações sempre que preciso. Nietzsche apresenta o *amor fati* como antídoto à patologia provocada pela moral ocidental que, ao longo da modernidade, impediu a vida de se afirmar, dando assim, espaço para o niilismo se radicalizar. Nesse momento, diante de uma cultura circunscrita pelo niilismo, Nietzsche apresenta o além-do-homem como aquele que, conhecendo sua vontade de potência e desejo de superação, vive intensamente o amor ao seu destino sem juízo

³⁰⁸ GD/CI, VI, 8, TCGM, 6. 93.

³⁰⁹ FW/GC, IV, 276.

valorativo de justo ou injusto. Ele ama a vida na sua totalidade, vivendo-a afirmativamente por inteiro.

Nietzsche, na busca de superação do niilismo para afirmação da vida, não deixa de valorizar a força de autossuperação. Entretanto, o filósofo percebe que a moral religiosa, sob duras regras impostas, desvaloriza o mundo sensível em vista de uma realidade incerta. Assim, o indivíduo vive uma vida do não, ao invés do sim; da diminuição, ao invés do crescimento. Diante disso, Nietzsche, com ânsia de superação da realidade esvaziada de sentido, desperta a sociedade a reconhecer sua força e vivê-la positivamente. “Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”³¹⁰. Dizer sim significa viver o *amor fati* sem reserva, viver os fatos como eles são apresentados. A partir disso, acontece a superação do niilismo para a afirmação da vida e de todos os elementos desenvolvidos na modernidade que não alimentam um desejo de assenhoreamento do indivíduo.

Diferentemente da moral de rebanho que alimenta uma dimensão de submissão às normas, o filósofo alemão busca superar o senso da realidade humana, fazendo com que o indivíduo desperte e consiga viver sendo orientado, não por uma norma de fechamento, mas por um desejo de superação e crescimento, inspirações intrínsecas de sua essência.

Nietzsche revela a doutrina do eterno retorno do mesmo, motivando o indivíduo a não desvalorizar sequer um instante de sua vida, mas buscar viver os fatos mais intensamente, além de amar seu destino e dizer sim a ele. “Ao afirmar todo o fato da vida, tudo o que poderia representar um peso insuportável se torna possibilidade, capacidade para a ação de superação e transfiguração de todos os imperativos demandados pela moral”³¹¹. Segundo Nietzsche, a superação do niilismo para afirmação da vida não acontece na ação de negar o fenômeno do niilismo, mas em saber que ele está presente e provoca o esvaziamento da vida em todos os espaços, por meio da moral religiosa e da ciência como falsas fontes de segurança.

A superação acontece quando o indivíduo, usando de sua vontade de potência e aberto a viver tudo o que já viveu, do mesmo jeito e na mesma intensidade, diz sim a toda a sua vida. O *amor fati* é essa corajosa força de afirmar o destino sem a ânsia de mudar nada. É no acolhimento, inclusive dos fatos pesados, que ao longo da vida, o indivíduo realiza o percurso de superação do niilismo para a afirmação da vida. Realiza a mudança de sentido, e a cada fato da vida, vive com o desejo de crescimento de força, recuperando

³¹⁰ FW/GC, IV, 276.

³¹¹ FEILER, 2024, p. 16.

assim, o estatuto de indivíduo não mais engessado e pertencente ao redil dominado pela moral de rebanho.

O indivíduo, ao olhar a realidade com implicações separatistas, já confirma uma patologia, levando-o a viver uma decadência, faltando-lhe coragem para viver, sinal da radicalização do niilismo. Entretanto, Nietzsche elabora um antídoto para responder ao problema da cultura ocidental contaminada. “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati* [amor ao destino]: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade”³¹². Aqui, o filósofo liga o *amor fati* à doutrina do eterno retorno do mesmo, destacando o elo entre eles como caminho para a superação da realidade marcada pela negação e esvaziamento de sentido da vida e da existência no âmbito terreno. O eterno acontece aqui na realidade concreta da história e não em um outro mundo, o metafísico.

Dessa maneira, mesmo tendo ciência do niilismo na forma mais extrema, Nietzsche leva o indivíduo a não se render ao fenômeno, mas buscar, a partir da vontade de viver, a superação. Para isso, é fundamental a valorização da realidade concreta, e, por outro lado, desapegar da crença na existência do mundo transcendente ou de verdade originária da dimensão metafísica. O niilismo na forma radical demanda ainda viver despido de convicções de verdade absoluta, como bem reforça Nietzsche, “que não há verdade; que não há uma constituição absoluta das coisas, uma ‘coisa em si; - isso mesmo é niilismo, mais ainda, o niilismo extremo”³¹³. O indivíduo precisa enfrentar o niilismo extremo não o negando, mas superando-o com todas as suas forças em chave afirmativa, a caminho de reconhecimento de seus sinais, caso contrário, acaba incidindo num niilismo extremo. E ainda mais, reconhecê-lo como algo importante para o crescimento e desenvolvimento das forças como vontade de superação. “Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo...*”³¹⁴. O filósofo apresenta o valor afirmativo do amor à vida sem realizar um juízo de valor. A superação acontece quando há coragem de amar o destino, afirmando que, cada instante é valioso e belo para o fortalecimento das forças.

O indivíduo não deve lançar sua vida na esperança do improvável mundo transcendente, e por esse motivo, negar ou viver na passividade sua história no mundo terreno. O *amor fati*, reforçado pela doutrina do eterno retorno do mesmo e a vontade de

³¹² *EH/EH*, II, 10, TCGM, 6. 306.

³¹³ *NF/FP* do outono de 1887, 9[35], TCGM, 8. 13-14.

³¹⁴ *EH/EH*, II, 10, TCGM, 6. 306.

potência, leva o indivíduo a valorizar e afirmar sua vida no agora, dando sentido e amando cada instante como lhe é apresentado. O amor ao destino para Nietzsche é algo tão forte que acarreta o desejo afirmativo, não desejando mudança dos momentos de sofrimento, contudo, sendo capaz de almejar a repetição dos fatos na mesma condição presente³¹⁵, o que implica em superar a doutrina apresentada pela moral cristã, ressentida e fraca, frente à realidade desafiadora.

No desejo de superação do niilismo para afirmação da vida, Nietzsche vai, à martelada, destruindo os muros de separação que, no percurso da história, foram edificados com a colaboração da moral de rebanho e, nos últimos tempos, o progresso científico que também provoca um engessamento do indivíduo. Esses fomentavam uma vida separada, a uniformidade do rebanho, a fraqueza, a ponto de o indivíduo sentir-se seguro apenas quando estava inserido no redil. O filósofo alemão expõe o amor ao destino como fonte de superação de todos os elementos de negação da vida que dominam a modernidade. Deseja realizar essencialmente a transvaloração de todos os valores.

Nietzsche vai de encontro à moral ocidental tradicional que, a todo instante, impede a vida de crescer. Não deseja uma vida marcada pelo ressentimento, vingança e ódio. Não alimenta uma preocupação por uma vida futura e outra realidade. Contra isso, o filósofo ressalta que a vida eterna acontece aqui, em constante movimento do eterno retorno do mesmo. E isso não deve ser motivo de sofrimento ou negação da existência. “Eu nunca sofri por tudo isso; o necessário não me fere; *amor fati* é minha natureza mais íntima”³¹⁶. É preciso acolher a vida por inteiro e viver com intensidade e positividade cada instante.

Assim, Nietzsche mostra um novo modo de vida para o indivíduo, tornando-o capaz de realizar o percurso de superação do niilismo para afirmar a vida, mesmo inserido em uma realidade de negação como a modernidade. Para obter sucesso, o filósofo apresenta a transvaloração de todos os valores com desejo de mudança frente aos valores de negação, o despertar da força de crescimento, assenhramento com a vontade de potência, presentes no além-do-homem. Corajosamente, o indivíduo assume sua história dentro de um círculo que, não tendo início e nem fim, é o eterno retorno do mesmo que para o além-do-homem é afirmado e amado como seu verdadeiro destino, o *amor fati*³¹⁷. O indivíduo, ao dar-se conta dessa necessidade de destruir a martelada os valores de

³¹⁵ MARTON, 2009, p. 115.

³¹⁶ *EH//EH*, XIII, 4, TCGM, 6. 374.

³¹⁷ FEILER, 2020, p. 331.

negação e edificar valores em favor da vida, é capaz de realizar a superação do niilismo e afirmar o que há de mais sagrado sobre a terra depois da morte de Deus, a vida.

Em conformidade com o pensamento nietzschiano, a vida é caracterizada como um ato de coragem. E Nietzsche a compreende como vontade de potência, desejo de crescimento com ânsia de superação dessa realidade que impõe limites e a própria negação da existência. A busca por assenhorar-se requer luta diária em processo de dinamicidade frente aos fatos. Nietzsche vê a vontade de potência como o impulso que conduz o indivíduo à vida plena, com objetivos em mente em busca de crescimento, liberdade e afirmação. Viver por viver não é critério para o filósofo que prima pela vontade de poder, força motriz do indivíduo. Então, releva o esforço cotidiano na caminhada em busca de posição de podium, em posição de destaque, cuja meta é a superação do niilismo e a afirmação da vida em sua totalidade.

CONCLUSÃO

Diante da radicalização do niilismo na cultura ocidental, conforme destaca Nietzsche, a presente pesquisa identifica críticas do filósofo àqueles que favorecem a evolução desse fenômeno, passando a predominar valores de negação da vida e do mundo sensível. O pensamento nietzschiano propõe um processo de ruptura, abandono e destruição dos paradigmas antigos que apenas levam o indivíduo a viver uma realidade de engessamento e perda da autonomia criativa. Tendo clareza do niilismo como fato que ocupa os espaços da sociedade moderna, Nietzsche ressalta a importância de não se submeter ao niilismo, mas de um despertar de forças para realizar o caminho de superação e afirmação da vida e do mundo sensível.

Para realizar esse caminho Nietzsche vê a necessidade de destruir para construir. Destruir todas as normas impostas a partir do pensamento desenvolvido por Sócrates, forçando o indivíduo a viver conduzido por regras racionais, diferentes daquelas que já existiam com a tradição grega mitológica. É preciso destruir ainda a existência do pensamento de um mundo de verdades, tendo como defensor dessa ideia o filósofo Platão. Entretanto, o pensamento platônico é acolhido pela moral tradicional e religião cristã que, não diferente de Sócrates e Platão, contribuem fortemente para que o indivíduo viva a concretude da vida, alimentando a esperança de realização no mundo metafísico. Nietzsche reconhece a necessidade de destruição dessa forma de pensamento.

Em conformidade com o filósofo de *o Anticristo*, a religião cristã é a principal responsável pela disseminação do niilismo na cultura ocidental. Suas normas não realizam um percurso de afirmação da vida, mas provocam seu enfraquecimento, negação da existência terrena e das próprias forças do indivíduo. Assim, é essencial destruir as normas impostas pela religião cristã que forçam o indivíduo a viver inserido no rebanho, alimentando o ressentimento, o rancor e o ódio. A superação do niilismo para afirmação da vida requer movimento de crescimento de forças e não de diminuição como é exigido pelo Cristianismo por meio de suas regras impostas. O Cristianismo provoca uma limitação ao desenvolvimento natural das forças de superação, sendo o expoente principal de negação da vida e da realidade sensível. O advento do Cristianismo leva o indivíduo a viver um caminho de dominação rumo à decadência que se expressa pelo ressentimento.

Acena para uma moral de compaixão, acentuando um rebaixamento das forças do indivíduo, contaminando-o pelo sofrimento do outro, e com isso, modifica seu estado de

espírito. A compaixão gera efeitos como tristeza e angustia, sentimentos que incapacitam o indivíduo na relação de eliminar ou tentar estancar a dor do outro. Nietzsche não aceita a compaixão. Ressalta-a como característica dos fracos, sem coragem para enfrentar os desafios da vida, distantes então, da busca de superação. O indivíduo que se deixa contagiar pela compaixão não consegue superar o niilismo e chegar à afirmação da vida.

Após a destruição das forças de negação, é fundamental a construção, tendo como base de acordo com Nietzsche, a vida como fonte de superação do niilismo. A própria vida livre das amarras impostas pelo Cristianismo deixa despontar em seu interior a vontade de potência, vontade de superar a realidade marcada pelo niilismo. A vida aqui não nega o niilismo, mas tem o desejo de superá-lo. E como vontade de potência, é capaz de fazer renascer forças de onde parece não haver mais vida. É capaz de reconhecer o desejo de assenhorar-se dentro da realidade sensível e não ficar à espera na passividade para realização futura. O indivíduo cheio de vontade de potência não nega o fato do niilismo, contudo não se rende a ele. A vontade de potência desperta ânsia de crescimento e renovação, abandona o que provoca delimitação, engessamento e determinação, deixando resplandecer a transitoriedade, a flexibilidade e a movimentação em busca de assenhoramento.

Aberto ao crescimento, o indivíduo tem a coragem de viver todos os momentos da vida. Com isso, acolhe de forma afirmativa o pensamento do eterno retorno do mesmo, vendo-o como um método de superação do niilismo e afirmação da vida. O indivíduo é levado, segundo Nietzsche, a viver com intensidade os acontecimentos da vida. E vive desejando que possam retornar sem nenhuma alteração. O eterno retorno do mesmo desperta no indivíduo viver tanto a dor quanto a alegria como partes do processo de crescimento e superação. Enfrenta-se assim o niilismo: superar para afirmar.

Nietzsche apresenta, na construção dessa realidade positiva e contrária a toda a realidade de negação da vida, uma outra base de sustentação: a reflexão do além-do-homem que, cheio da vontade de potência e aberto a acolher o eterno retorno do mesmo, vive a vida positivamente. Não se rende à moral de rebanho, não guarda ressentimento, ódio ou rancor, mas vive a vida com o olhar da valorização de todos os acontecimentos. Não conserva valores antigos, ao contrário, deseja a superação, o assenhoramento, a movimentação em busca de abertura para o novo com crescimento de forças. O além-do-homem contribui para a superação do niilismo; é capaz de afirmar a vida pela coragem de não se deixar dominar pelo comodismo ou medo do porvir. Vive ativamente os fatos de sua existência.

O além-do-homem nietzschiano deseja força para contribuir na superação do niilismo e afirmar a vida. Disponibiliza de coragem para realizar a transvaloração de todos os valores e não se deixa dominar pelos valores impostos pela moral tradicional, normas de negação da vida. Em conformidade com Nietzsche, a transvaloração dos valores é sinal de exclusão dos valores tradicionais, de forma radical. Entretanto, a transvaloração dos valores requer a elaboração de meios defensores da vida. Nietzsche não é amoral. Deseja sim, que essas normas sejam capazes de despertar a vida para o crescimento, fortalecimento e renovação de forças em vista do assenhramento. Reconhece o quanto são importantes quando visam a superação da realidade de negação e levam o indivíduo à afirmação da vida. Essa é a moral desejada pelo filósofo, uma moral de crescimento, uma moral atualizada de acordo com as necessidades do indivíduo dentro do seu tempo. Assim, para a superação do niilismo e afirmação da vida, Nietzsche apresenta a transvaloração de todos os valores dominantes. É valioso ter presente que a lei não pode ser mais importante do que a vida. As normas são elaboradas para defendê-la não para trazer enfraquecimento e decadência.

Segundo Nietzsche, é fundamental o retorno ao mundo grego antes da dominação racional socrática para a transvaloração de todos os valores. Isso revela a necessidade da valorização dos instintos do indivíduo, fazendo com que ele tenha a capacidade de usar de sua força criativa para viver, e ainda, relevando no seu interior as divindades gregas (Apolo e Dionísio), reconhecendo a beleza e a riqueza presente nelas. O indivíduo precisa viver a dimensão apolínea (moderação e ordem) sem excluir a dimensão dionisíaca (a desordem e imoderação). Mesmo Nietzsche valorizando mais a dimensão dionisíaca, reconhece a necessidade de o indivíduo permanecer em perene busca de crescimento, olhando para as duas dimensões, tendo ciência de que, juntas, conduzem o indivíduo à superação da realidade de negação para afirmar a vida.

Em vista da superação do niilismo para afirmação da vida, Nietzsche destaca ainda, a importância de acolher o destino e todas as suas implicações. É preciso viver afirmativamente o *amor fati*. Assim, perante a sociedade marcada pelo niilismo radicalizado, Nietzsche oferece como caminho de superação do niilismo para afirmação da vida o despertar do próprio indivíduo para sua vontade de potência que carrega em sua essência viver afirmativamente todos os acontecimentos, com desejo de viver sempre mais. Esse indivíduo é superior ao indivíduo preso ao rebanho. Ele é o além-do-homem capaz de realizar a destruição dos valores antigos, construindo valores afirmativos cujas normas valorizam os instintos de criatividade, como acontecia na tragédia grega. Logo,

ciente do niilismo, o filósofo alemão inspira evitar caminhos de fuga e acolher jubilosamente o niilismo, ou seja, seguir as sendas de sua superação para a afirmação da vida em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

ARALDI, Clademir Luís. *Niilismo, Criação, Aniquilação. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção Sendas & Veredas).

ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 5, p. 75-94, 1998.

ARALDI, Clademir Luís. Pessimismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

ARALDI, Clademir Luís. Niilismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AZAREDO, Vânia Dutra de. Genealogia. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AZAREDO, Vânia Dutra de. Ressentimento. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AZAREDO, Vânia Dutra de. Moral dos senhores e dos escravos. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AZAREDO, Vânia Dutra de. Má consciência. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

BAMBERG, Josef Schmid. Rebanho, pastor. In: *Léxico Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BARROS, Fernando R. de Moraes. Religião. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

BARROS, Fernando R. de Moraes. Budismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ESPOSITO, Costantino. *O niilismo de nosso tempo: uma crônica*. Tradução Enio Paulo Giachini. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

FARIAS, Ícaro Souza. O niilismo em Nietzsche: uma leitura deleuzeana. In: *Revista litterarius*, faculdade Pelotina, v. 20, n. 1, p. 02-13, 2021.

FEILER, Adilson Felício. *Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

FEILER, Adilson Felício. Nietzsche e o niilismo. Uma experiência possível? In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 9, n. 1, p. 08-25, 2018.

FEILER, Adilson Felício. Nietzsche e um jeito diferente de fazer filosofia: da superação à genealogia do pensamento. In: *Revista de filosofia*, Amargosa-BA, v. 20, n. 3, p. 322-332, 2020.

FEILER, Adilson Felício. Do niilismo em seu estado fisiológico para o estado psicológico. O amor fati como transfiguração da moral. In: *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 09-18, 2024.

FREZZATTI Jr, Wilson Antonio. Décadence. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FREZZATTI Jr, Wilson Antonio. Socratismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. (Coleção Repertórios).

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAASE, Ullrich. *Nietzsche*. Tradução Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HERPICH, Jean. Nietzsche: uma história do niilismo. In: *Revista Peri*, Santa Catarina, v. 09, n. 1, p. 98-122, 2017.

ITAPARICA, André Luís Mota. Consciência moral. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

LECCE, Marco Brusotti. Ressentimento. In: *Léxico Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEIDEN, Gerard Visser. Niilismo. In: *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, Márcio José Silveira. Verdade. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard*. Tradução Flamarion Caldeira Ramos, Luiz Fernando Barrére Martin. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MACHADO, Roberto. *Zarathustra, tragédia nietzschiana*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção logos).

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MARTON, Scarlett. *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. 3.ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009. (Sendas e Veredas).

MARTON, Scarlett. In: *Os filósofos: clássicos da filosofia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. V. II.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Tradução Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NABAIS, Nuno. Gramática do niilismo. In: *Filosofia contemporânea: niilismo – política – estética*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, volume II*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O caso Wagner: um problema para músicos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Così parlò Zarathustra um libro per tutti e per nessuno*. Testo critico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1968. Vol. VI. Tomo I.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Al di là del bene e del male – Genealogia della morale*. Testo critico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1968. Vol. VI. Tomo II.

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Il caso Wagner – Crepuscolo degli idoli – L'anticristo – Ecce homo – Nietzsche contra Wagner*. Texto crítico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1970. Vol. VI. Tomo III.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Frammenti postumi 1885-1887*. Texto crítico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1975. Vol. VIII. Tomo I.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Frammenti postumi 1887-1888*. Texto crítico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1979. Vol. VIII. Tomo II.
- NETO, João Evangelista Tude de Melo. Cristianismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- NETO, João Evangelista Tude de Melo. Culpa. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- NETO, João Evangelista Tude de Melo. Ascetismo. In: *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- PELBART, Peter Pál. Biopolítica e contraniilismo. In: *Filosofia contemporânea: niilismo – política – estética*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.
- PLATÃO. *Diálogos*. Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).
- RICARD, Marie-Andrée. A morte de Deus e a nova destinação do homem segundo Nietzsche. In: *Os filósofos e a questão de Deus*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2009.
- THOMASS, Balthasar. *Afirmar-se com Nietzsche*. Tradução Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019.
- UPPSALA, Thomas Brobjer. Platão. In: *Léxico Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000*. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do pensamento moderno).
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 2020. (Questões filosóficas; 1).
- VIEIRA, Thiago Kistenmacher. O niilismo em Parsifal. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 43, n. 2, p. 227-260, 2022.

VOLPI, Franco. *O nihilismo*. Tradução Alvo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

WOODWARD, Ashley. *Nietzscheanismo*. Tradução Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016. (Série Pensamento Moderno).